



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
NÁGILA MAIA DE MORAIS

“TODO CAIS É UMA SAUDADE DE PEDRA”:
REPRESSÃO E MORTE DOS TRABALHADORES
CATRAIEIROS (1903-1904).

Fortaleza - Ce
2009

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA**

**“TODO CAIS É UMA SAUDADE DE PEDRA”: REPRESSÃO E
MORTE DOS TRABALHADORES CATRAIEIROS (1903-1904).**

Nágila Maia de Moraes

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em História e Culturas à Comissão Julgadora da Universidade Estadual do Ceará, sob orientação Profa. Dra. Lucili Grangeiro Cortez.

Fortaleza
2009

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA E CULTURAS**

Náqila Maia de Moraes

Dissertação examinada, em 30 de março de 2009, em sua forma final pela orientação e membros da banca examinadora, composta pelos professores.

Profa. Dra. Lucili Grangeiro Cortez – UECE
Orientadora

Dr. Altemar da Costa Muniz- UECE

Dra. Kenia Sousa Rios- UFC

Para minha Família, sempre parceira e fiel.

AGRADECIMENTOS

Considero este momento um dos mais preciosos, posto que tenho o prazer de agradecer a todos aqueles que me ajudaram, de maneira direta ou indireta neste trabalho, através de críticas, sugestões de leituras, como ouvintes e, até mesmo, dando apoio moral.

Um dos apoios mais relevantes foi da minha família que sempre confiou em mim e incentivou a minha dedicação aos estudos de forma admirável. Por isso, pai Francisco José, avó Dondon, avô Manuel, tia Marileide, queridas irmãs Nara e Nádia e meu cunhado Fernando, muito obrigada por toda força que me deram.

Com muito carinho, agradeço toda a dedicação do meu marido Adail, que me ajuda a caminhar nessa vida repleta de espinhos, com tantos momentos de altos e baixos. Tanta ajuda só pode ser explicada pela admiração que sentimos um pelo outro.

Agradeço aos amigos que me serviram de olhos e ouvidos, com a paciência que somente eles têm, para compartilhar os momentos de alegria e de tristeza. De uma coisa tive certeza nesses anos de mestrado: tenho companheiros fiéis de caminhada que podem ser contados nos dedos de uma mão, aos quais devo agradecer por tudo que me ensinam a cada dia. Dentro dessa contagem não pode faltar a sincera e dedicada Lia Moita, o professor Francisco José Damasceno, com o qual criei laços firmes de amizade durante esses anos e a Sheyla Cândida, minha amiga mais antiga, com a qual compartilhei grandes momentos da minha vida.

Agradeço de modo especial ao professor Francisco Assis Sousa Mota do Arquivo Intermediário do Ceará, que possibilitou o acesso à documentação da Casa Bóris Frères, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Também sou muito grata pela contribuição do professor Fábio Perdigão do Mestrado em Geografia que, ajudou no tocante a bibliografia e esclarecimentos mais técnico sobre o mar.

Foram várias as pessoas que contribuíram de maneira determinante para a construção deste trabalho, como o Professor Olivenor que, com seus toques de sensibilidade, ajudou a dar doçura à minha escrita; bem como o professor Carlos Jacinto, que contribuiu de maneira fundamental para que a dissertação tivesse esta divisão de capítulos. Agradeço a atenção do meu colega Lindercy que, dedicadamente,

fez leituras atenciosas e deu sugestões valiosas para o trabalho. De modo geral, agradeço aos professores do Programa de Pós – Graduação em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará.

Para finalizar, agradeço a minha orientadora, Professora Lucili pela maneira atenciosa que lidou comigo e com o meu trabalho, contribuindo para a elaboração do mesmo, através das nossas discussões teóricas e metodológicas, meu sincero obrigada. À Fundação Cearense de Apoio Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) que concedeu apoio financeiro e possibilitou o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a greve dos catraieiros, ocorrida entre o final de 1903 e início de 1904, quando esses trabalhadores se negaram a servir à Armada da Marinha, em consequência do processo de sorteio e alistamento, presentes no artigo 87, § 4º da Constituição de 1875. Utilizamos o conceito de experiência de E. P. Thompson para compreendermos como a greve foi organizada, e aproximar-nos o olhar sobre o cotidiano de trabalho no Porto de Fortaleza, como as adversidades que englobavam a atividade de carga e descarga dos navios. Além da necessidade de analisarmos as ações dos catraieiros diante do processo de recrutamento, buscamos perceber as relações que se estabeleceram entre os trabalhadores, contratadores e os grupos políticos oposicionistas à oligarquia de Antônio Pinto Nogueira Accioly. Desta maneira, o trabalho está dividido em duas partes: na Primeira Parte analisamos os momentos que antecederam à greve, o cenário em que se desenrolou o episódio e os personagens que compõem a trama. A Segunda Parte está voltada para a análise das transformações políticas ocorridas durante e a após a greve dos catraieiros e as consequências políticas desse acontecimento, destacando os embates entre a oligarquia acciolina e os oposicionistas. Na conclusão apresentamos as considerações finais sobre os assuntos abordados durante o desenvolvimento do trabalho.

PALAVRAS CHAVES: Trabalhadores, greve, política, oposição, oligarquia, experiência.

ABSTRACT

This work aims at analyzing the documents relative to the meeting held by the *catraeiros* between late 1903 and early 1904 in the Fortaleza harbor, when these workers did not accept to be included in the castings of and the enlistment process into the Brazilian Navy and started a strike. We used E. P. Thompson's experience concept in order to try to understand how the strike was organized, to look over the daily work in the Fortaleza harbor and the troubles caused to the loading and unloading of ships. We analyzed the relationship between these workers, their employers, and the political groups that opposed Antonio Pinto Nogueira Accioly's oligarchy. Thus, this work is divided in two parts: at first, we present the moments that preceded the *catraeiros*' meeting, its scenery, and the characters who were part of its plot; secondly, we analyze both the political transformations that occurred during and after the meeting and its political consequences, with the focus on the confrontation between the *acciolina* oligarchy and its opponents.

KEYWORDS: workers, political, meeting, oligarchy, experience.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE I- MAR: luta, trabalho e vida	25
1. Sobe e desce das ondas: o dia-a-dia de trabalho dos catraieiros.....	27
2. Aspectos do Porto de Fortaleza (1903-1904).....	32
3. Os catraieiros e o mar.....	41
4. Construção da trama: os momentos que antecederam à greve.....	48
5.A fatídica manhã de 03 de janeiro de 1904.....	57
6.As relações de trabalho entre contratadores e catraieiros.....	65
PARTE II - A greve dos catraieiros e a questão político-partidária	72
7. O cenário político de Fortaleza (1896-1904).....	73
8. As consequências imediatas da greve dos catraieiros.....	80
9. A greve dos catraieiros como discurso político dos jornais oposicionistas.....	88
10. “Metamorfose”: as mudanças ocorridas após o dia 03 de janeiro e as eleições de 11 de abril.....	95
CONCLUSÃO	102
FONTES	106
BIBLIOGRAFIA CITADA	107
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	112
ANEXOS	115

QUADRO DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Porto de Fortaleza do início do século XX.....	11
Figura 2 – Catraieiro no Porto de Santos (início do século XX).....	25
Figura 3 – Foto de alvarengas e catraias.....	30
Figura 4 – Antigo Trapiche Ellery.....	33
Figura 5 – Casebres na região da praia próxima ao Porto de Fortaleza.....	40
Figura 6– Foto do Poço da Draga em Fortaleza.....	41
Figura 7 – Foto de alvarengas, escaleres e catraia na realização do serviço de descarga durante a década de 1930	69
Figura 8 – Foto de jangadeiros e embarcações na região litorânea	72
Figura 9 – Foto de Nogueira Accioly.....	77
Figura 10- Foto de João Brígido	94

INTRODUÇÃO

“... A importância da História vista de baixo é mais profunda do que apenas propiciar aos historiadores uma oportunidade para mostrar que eles podem ser imaginativos e inovadores. Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência e sua história”.

Peter Burke

O título deste trabalho, *Todo cais é uma saudade de pedra: repressão e morte dos trabalhadores catraieiros (1903-1904)*, dá uma noção restrita do cais que pode ser visto como um desembarcadouro, local onde atracam os navios, formado também por terminais de desembarque que somados aos armazéns, constituem o porto.

No entanto, o cais é o coração do porto, por onde passa o sangue que o alimenta através das mercadorias e, principalmente, das pessoas que constroem esse espaço, sejam eles passageiros dos navios ou trabalhadores. É, no cais, que as pessoas se despedem dos entes queridos que vão viajar a passeio ou vão embora. O cais é uma “saudade de pedra”, um ponto marcado pela saudade. Para os catraieiros, era visto como local de onde retiravam o sustento e experimentavam as dificuldades do dia-a-dia, pois a cada navio que chegava ou saía era o sinal do começo ou do término do trabalho.

O cais, marcado pela saudade, está também relacionado à greve dos catraieiros e àqueles que foram assassinados no dia 03 de janeiro, como local marcado pelo cotidiano de trabalho, visto que dependiam das marés (altas e baixas) para o transporte de passageiros e mercadorias sobre a água.

A partir da análise do exercício dessa profissão, buscamos compreender esta categoria profissional no processo de construção enquanto parte de uma classe social, tendo como ponto inicial a análise da greve ocorrida entre o ano de 1903 e 1904, em Fortaleza e as diferentes versões apresentadas sobre a mesma, as quais variavam de acordo com os interesses daqueles que a utilizavam.

A greve dos catraieiros (1903-1904) pode ser situada na história da formação do movimento operário cearense, visto que o Partido Operário Cearense foi fundado em 1890. Em 1891 ocorreu a primeira greve dos trabalhadores da Estrada de Ferro de Baturité⁴², a qual juntamente com a greve dos catraieiros, tem fundamental importância para a história dos trabalhadores do Ceará.

No primeiro momento, nosso objeto de análise foi a greve, mas, com a continuidade da pesquisa, sentimos a necessidade de aproximar o olhar sobre os trabalhadores, devido aos questionamentos surgidos a partir da leitura das fontes. A

⁴² SOUZA, Simone. **Uma nova história do Ceará**. Fundação Demócrito Rocha: Fortaleza, 2000. In: GONÇALVES, Adelaide. *Imprensa dos trabalhadores do Ceará: histórias e memórias*. p. 276.

pesquisa teve o intento de compreender como ocorreu o processo de organização dos catraieiros enquanto categoria profissional.

Para tanto, buscamos analisar a articulação entre estes trabalhadores, os contratadores e os membros dos grupos políticos que faziam oposição ao domínio da oligarquia de Antônio Pinto Nogueira Acciolly.

Quando tratamos sobre os opositores ao grupo de Accioly, estamos nos referindo aos grupos políticos que foram buscando ocupar os espaços no poder do Estado, lutando contra a máquina eleitoral do período que se baseava no “voto de cabresto”⁴³ e nos “currais eleitorais”⁴⁴.

No início da República, os chamados “republicanos históricos”, aqueles que desde o início do movimento abraçaram a causa republicana frente ao Império, sofreram com a exclusão devido às mudanças na elite política do Estado do Ceará. Alguns antigos grupos oligárquicos do período imperial (os Pompeu, os Paula Pessoa, os Ibiapaba e os Acioly), continuaram disputando entre si o controle do Estado.

A partir da análise da rotina de trabalho dos catraieiros, buscamos entender o processo de organização e compreensão dos mesmos no seu “fazer-se” enquanto categoria profissional. Através do conceito de classe operária E. P. Thompson afirma que as relações de classe e a consciência são formações culturais e a classe em si mesma não é uma “coisa” e sim um “acontecer”⁴⁵: “A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências, são tratados em termos culturais, os quais sentem e articulam as tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais”⁴⁶.

A partir dessa idéia pudemos compreender o pensamento de Thompson sobre o “fazer-se” da classe operária, visto que, para Thompson, a classe é um “fenômeno histórico que integra uma série de acontecimentos díspares e

⁴³ O Coronelismo teve como característica o Voto de Cabresto que, servia como ferramenta de controle do Coronel sobre uma região, caracterizava-se pelo controle dos votos, pois servia como elemento de medição da força e prestígio do Coronel.

⁴⁴ Os Currais Eleitorais localizavam-se na região controlada pelo Coronel, através da concessão de favores, apadrinhamento ou até mesmo da força, para obter o voto.

⁴⁵ THOMPSON. E. P. **A formação da classe operária - A árvore da liberdade**: tr. adução Denise Bottman. – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. p. 9.

⁴⁶ Idem. p. 10.

aparentemente sem conexão, tanto na matéria-prima da experiência quanto na consciência”⁴⁷, mas sendo resultado de sua trajetória.

Para Thompson, a classe surge da relação entre as relações econômicas e culturais, ou seja, tanto do modo de produção como também das relações produtivas, resultando na experiência, que ganha feições classistas, na vida social e na consciência, no consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres⁴⁸.

Nessa perspectiva, a experiência faz relação direta com a cultura dos trabalhadores, suas ações do dia-a-dia, as relações econômicas e sociais existente entre os catraieiros, os quais, como uma categoria profissional, estavam num processo de autoconhecimento e se identificavam através das relações de trabalho, e até mesmo de dificuldades materiais afins. Nesse sentido, as idéias de Thompson são fundamentais para melhor analisar a organização dos catraieiros, tendo como base a análise das experiências.

A presente dissertação trabalha com uma “história vista de baixo”, ou seja, a história dos excluídos, os que não foram os típicos heróis ou membros das classes detentoras do poder. Para E. P. Thompson, este tipo de produção deve analisar a história da “gente comum”, dando ênfase à história do operário que não tinha lugar, não tinha espaço na história oficial⁴⁹.

O auxílio dessa reflexão, que pensa a classe como um “acontecer”, foi o ponto de partida para refletir sobre o processo de organização dos catraieiros enquanto categoria, através do ângulo que foca a importância de suas ações e experiências.

A compreensão de E. P. Thompson sobre a classe operária é relevante, pois a formação da classe é entendida como um processo que pode ser repleto de rupturas, não necessariamente lineares, fugindo da idéia de organização, tendo como base o progresso ou amadurecimento da classe⁵⁰.

Eric Hobsbawm também explica o fenômeno:

O fazer-se da classe operária não é porque eu pretenda sugerir que a formação desta ou de qualquer outra classe seja um processo com início,

⁴⁷ ARRUDA, José Robson de Andrade. Experiência de classe e experimento historiográfico em E. P. Thompson. **Revista Projeto e história:** Revista o Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC- SP. São Paulo, vol. 12, 1995. p.p. 96- 97.

⁴⁸ THOMPSON, 2001. op. cit. p. 277.

⁴⁹ Idem. p . 185.

⁵⁰ THOMPSON, 1987. op. cit. p. 9.

meio e fim, como a construção de uma casa. As classes nunca estão prontas no sentido de acabada, ou de terem adquirido sua feição definitiva. Elas continuam a mudar⁵¹.

Para Hobsbawm a classe é algo inacabado que está num processo constante de construção. No entanto, nosso objetivo no presente capítulo não é analisar o conceito de “classe” ou “consciência de classe”, mas trabalhar a dimensão cultural que Thompson utilizou para rastrear a construção da classe. Dessa forma, para nós é relevante o conceito de “experiência”, que ele denominou de “termo ausente”⁵², fazendo alusão à visão econômica “limitada” de Marx sobre a luta de classes, pois afirma:

O termo que falta é “experiência”, e enfrentamos imediatamente os verdadeiros silêncios de Marx. Não se trata apenas de um ponto de junção entre “estrutura” e “processo”, mas um ponto de disjunção entre tradições alternativas e incompatíveis⁵³.

Thompson ainda afirma que, através da experiência histórica, entramos diretamente nos silêncios reais de Marx. Para o autor, falta aos marxistas economicistas, como Althusser, analisar a “experiência humana”⁵⁴, porque nos possibilita extrapolar os limites das explicações econômicas e explorar abertamente “o mundo e nós mesmos”⁵⁵.

No entanto, Perry Anderson, um dos maiores interlocutores de Thompson, ao analisar o conceito de experiência, afirma: “A experiência seria o meio privilegiado no qual despertaria a consciência da realidade e seriam encontradas respostas criativas para as questões postas por essa realidade. A experiência ligaria o ser ao pensar, refreando os vãos teóricos artificiais e irracionais”⁵⁶. Ou seja, segundo Marcelo Ridenti, a maior crítica que Anderson realiza a Thompson é com relação ao que ele denominou de “prática humana autônoma”, pois considera que o mesmo deixou de lado as mistificações em que se envolve essa experiência. Na concepção de Perry

⁵¹ HOBBSBAWM. Apud Arruda, 1995, p. 96.

⁵² THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Tradução: Waltensir Dutra. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1981. p. 181.

⁵³ THOMPSON, 1981. op. cit. p. 183.

⁵⁴ Idem. p. 182.

⁵⁵ Idem. p. 185.

⁵⁶ RIDENTI, Marcelo. **Classes sociais e representação**. 2ª ed. São Paulo; Cortez, 2001. pp. 52-53.

Anderson os modos de produção determinam as ações humanas e que “as classes são constituídas por modos de produção, e não o contrário”⁵⁷.

Entretanto, E. P. Thompson, apesar de reconhecer a existência do pensamento determinista, afirma que não condiciona a ação humana de maneira mecânica, mas estabelece limites dentro de um “campo de possibilidades”, onde a ação humana ocorre através das suas escolhas⁵⁸.

Portanto, o conceito torna-se necessário para a análise do cotidiano dos catraieiros, posto que é a partir da vivência e das experiências que podemos compreender a organização desses trabalhadores no Porto de Fortaleza. Assim, buscamos conhecer essa categoria profissional, através das características físicas, das ações do dia-a-dia de trabalho e dos aspectos culturais. Mas, de acordo com Fernando Teixeira da Silva, de alguma maneira buscamos escutá-los através das experiências percebidas nas fontes analisadas que nem sempre tiveram intenção de expressar a voz desses trabalhadores⁵⁹.

Para Déa Ribeiro Fenelon, Thompson mostra um novo caminho de análise ao identificar as relações de dominação:

... no cotidiano da sociedade e de seus diferentes sujeitos, ancorando-os como o real que se constitui historicamente, através da experiência do homem, no refazer a sua própria natureza e não apenas como o resultado de determinações estruturalistas⁶⁰.

Tendo em vista esta metodologia, que tem o objetivo de compreender a dimensão das relações de poder no cotidiano, através das experiências dos sujeitos, a pesquisa trabalha com a História Social dos Trabalhadores e a História Política, visto que analisamos as relações de poder no dia-a-dia dos trabalhadores catraieiros, como também os aspectos de sua cultura⁶¹. A História Política, como bem afirmou René

⁵⁷ ANDERSON, Perry. **Arguments within English marxism**. Londres, NL/verso, 1980.

⁵⁸ JUNIOR, Boito. TOLEDO, Ronieri. TROPIA (org). **A obra teórica de Marx: atualidades, problemas e interpretações**. 1ª ed. São Paulo: Xamã, 2000. pp. 197-198.

⁵⁹ SILVA, Fernando Teixeira da Silva. **Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entregerras**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 45.

⁶⁰ FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, Cultura e História Social: Perspectivas de investigação. **Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 4, 1985. p. 24.

⁶¹ Idem, Ibidem. p. 27.

Remond, também está voltada para os “deserdados, a solidariedade com os pequenos, a simpatia pelos esquecidos da história”⁶². Portanto, ele afirma:

Se o político deve explicar-se antes de tudo pelo político, há também na política mais que o político. Em consequência, a história política não poderia se fechar sobre si mesma, nem se comprazer na contemplação exclusiva de seu objeto próprio. Nem privilegiar um tipo de relação: não há, por exemplo, razão científica para estabelecer uma ligação mais estreita do político com o econômico que com o ideológico, o cultural, ou qualquer outro termo de relação⁶³.

Na tentativa de compreender o tipo de organização dos catraieiros, vimo-nos diante da dificuldade das fontes, pois não encontramos jornais, panfletos ou outros tipos de documentos por eles produzidos. Nessa difícil empreitada a alternativa adotada foi a de aproximar o olhar do dia-a-dia de trabalho dos catraieiros, através da historiografia e da literatura cearense e da documentação da Casa Boris, de maneira a entender os fatos ocorridos na greve. Como a greve dos catraieiros não recebeu destaque na produção historiográfica, visto que o acontecimento foi analisado de forma resumida e superficial, recorreremos aos jornais do período, como O *Unitário* e o *Jornal do Ceará* que deram ênfase à “fatídica” manhã de domingo e passaram a utilizá-la como objeto de discurso para criticar a oligarquia acciolina.

Ao citarmos a forma “resumida” das fontes significa dizer que foram abordagens que não realizaram análises aprofundadas sobre a greve como, por exemplo, a descrição realizada pelo Barão de Studart, segundo o qual o dia 03 de janeiro assim foi lembrado:

Por motivo de execução da lei do sorteio militar, dá-se em Fortaleza deplorável luta entre o Batalhão de Segurança e catraieiros e populares, dos quaes alguns são mortos e feridos.
Grande abalo no seio da população. O governo federal fez retirar para o Rio de Janeiro o Capitão do Porto Lopes da Cruz, principal responsável pelo morticínio⁶⁴.

O não aprofundamento do estudo da greve pode ser explicado se levarmos em consideração que esse material foi produzido com o objetivo de registrar fatos e personagens tidos como relevantes, ou seja, uma produção historiográfica

⁶² RÉMOND, René (org). **Por uma História política**. Tradução: Dora Rocha, 2º ed, Rio de Janeiro; FGV, 2003. p. 19.

⁶³ Idem. p. 36.

⁶⁴ STUDART, Barão de. **Datas e Fatos para a história do Ceará**. Tomo III, Biblioteca Básica cearense, Fundação Waldemar Alcântara. Ed. Fac-similar: Fortaleza, 2001.

predominantemente desinteressada de estudar os membros das camadas da sociedade consideradas mais baixas, como Peter Burke comenta:

A história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes. O interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século dezenove, mas o principal tema da história continuou sendo a revelação das opiniões políticas da elite⁶⁵.

Aroldo Mota também seguiu a tendência de apenas citar a greve, a causa imediata e as mortes decorrentes da opressão do Batalhão de Segurança, quando analisa o período acciolino e destaca que a greve dos catraieiros foi a primeira greve republicana. Mota destaca ainda que, por vários anos, o episódio da praia foi lembrado no cenário político do Ceará, principalmente pela “pena ferina de João Brígido”⁶⁶.

Raimundo Girão⁶⁷ afirma ter sido a greve aqui analisada, constituída por estivadores, o que nos leva a questionar sobre a participação de várias categorias de trabalhadores do Porto, que podem ter feito parte da greve junto com os catraieiros, como também os pescadores.

Nessa tentativa de reconstituição do acontecimento da praia, a versão do jornal *República*, órgão ligado ao governo, seria fundamental, porém as publicações do período pesquisado (1903-1904) foram perdidas durante um incêndio na Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Esse foi mais um problema, já que comparar diferentes versões seria enriquecedor para o presente trabalho. No entanto, conseguimos alguns números desse jornal situacionista, que são pertinentes para este trabalho.

Através da pesquisa nos jornais opositores foi possível analisar, criticamente, a versão construída sobre o processo de alistamento e repressão dos grevistas, divulgada com a intenção política de obter o apoio da população. Versão que dava ênfase a arbitrariedade com que a lei a Lei de Alistamento Militar de 1875, Artigo 87, § 4º, foi colocada em prática, objetivando combater os desmandos da oligarquia acciolina.

Para analisar os jornais opositores, *Jornal do Ceará*, *O Unitário* e o jornal situacionista, *A República*, seguimos a orientação de Maria Helena Capelato sobre a

⁶⁵ BURKE, Peter (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: editora UNESP, 1992. p. 40-42.

⁶⁶ MOTA, Aroldo. **História Política do Ceará 1889-1930**. Fortaleza, Stylus Comunicações, 1987.

⁶⁷ GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. Instituto Histórico do Ceará, 2º ed; Fortaleza, 1962.

imprensa no Brasil, pois, assim como a referida autora, entendemos serem os jornais fontes significantes no processo de recuperação da vida de nossos antecessores. Assim, os jornais são “mananciais dos mais férteis para o conhecimento do passado”, pois:

... A imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de época.

A imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes⁶⁸.

Dessa feita, compreendemos a partir da análise de Capelato, que a batalha travada entre *O Unitário* e o *Jornal do Ceará* e a oligarquia acciolina pela “conquista das mentes e dos corações” dos cearenses fez-se de maneira intensa durante o período aqui analisado. Portanto, foi fundamental para a pesquisa identificar quem eram os proprietários desses jornais? A quem se dirigiam? Quais objetivos? Quais os recursos utilizados na batalha pela conquista do poder político?⁶⁹

O jornal *O Unitário* foi fundado por João Brígido e Waldemiro Cavalcante em 8 de abril de 1903 tinha como redatores Hermenegildo Firmeza, Agapito Jorge dos Santos, Waldemiro Cavalcante. Era um jornal vespertino de caráter político, vendido nas terças e quintas-feiras e sábados com a ajuda financeira dos assinantes. Estava disposto em quatro páginas, cada qual com cinco colunas, apresentando na primeira página a seção *Unitário*, constituída por artigos com assuntos políticos, preferencialmente, criticando duramente a oligarquia acciolina. As páginas dois e três eram direcionadas aos anúncios comerciais, além da seção *Expediente*. A quarta página era dedicada à seção *Notícias*, a qual constava de “informações sobre alistamento eleitoral e a administração acciolina”⁷⁰, além da seção *Avisos* com as notícias da cidade, como: falecimentos e chegadas de pessoas de viagem, aniversários e também artigos de cunho político.

O *Jornal do Ceará*, fundado em março de 1904 por Waldemiro Cavalcanti e Agapito Jorge dos Santos, tinha como colaborador João Brígido. Entre os redatores

⁶⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa do Brasil**. São Paulo: Contexto/ Edusc. 2ª edição: 1994. p. 13.

⁶⁹ Idem. p. 14.

⁷⁰ ALENCAR, Maria Emilia da Silva. **À sombra das palavras: a oligarquia e a imprensa (1896- 1912)**. Dissertação defendida no programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal do Ceará, 2008. p. 123.

estavam o próprio João Brígido, Agapito Jorge dos Santos, Álvaro Mendes, Castro Medeiros, Hermenegildo Firmeza, Manoel Satyro, Rodolpho Theofilo, Eduardo Girão, Theophilo Rufino, Bezerra de Menezes Filho, Arthur Cyrillo, Martins de Freitas, J. Othon, Rodolpho Ribas⁷¹.

Semelhante ao *O Unitário*, o *Jornal do Ceará* tinha como principal objetivo combater o domínio dos Accioly e, desde a fundação, estava organizado de acordo com os seguintes seções: Jornal do Ceará, Guia Eleitoral, Telegramas, Echos e Notícias, Correspondências, Folhetim, Interior e Seção de todos. Apesar de ser notadamente de interesse político e partidário, não deixou de destacar a literatura, o uso da publicação de folhetins⁷², avisos de acontecimentos da cidade, economia do Estado do Ceará, anúncios comerciais e também poesia.

Apesar da importância desses jornais para a pesquisa, diante de um dos nossos principais objetivos - compreender o cotidiano dos catraieiros a partir da concepção de “experiência” nos jornais do período em estudo, não foi possível identificar tais elementos, uma vez que as experiências são fundamentais para compreender a organização dessa categoria⁷³. Diante disso, através dos documentos pesquisados na Casa Boris Frères (correspondências comerciais, notas de pagamentos de trabalhadores e recibos de pagamentos de lanchas), buscamos realizar “um método de reconstrução que conjugasse imaginação e especulação”⁷⁴.

A documentação da Casa Comercial Boris Frères está sob a guarda do Arquivo Público Intermediário do Estado do Ceará e ainda não foi catalogada, o que trouxe mais dificuldades para a realização da pesquisa. Mesmo diante do silêncio da fala dos catraieiros nos jornais da época, pudemos enriquecer a análise de suas ações através desses documentos comerciais. Aos primeiros contatos com essas fontes sentimos certo receio, devido à vastidão de documentos que deveriam ser pesquisados. Mas o receio deu lugar à esperança, pois com essa documentação comercial tornou-se possível identificar os contratadores, as relações existentes entres estes e os advogados

⁷¹ ALENCAR, 2008. op. cit. p. 130.

⁷² Os folhetins foram utilizados pelo jornal para dar um tom mais leve a publicação. Ver MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 31.

⁷³ THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

⁷⁴ RODRIGUES, Jaime. Cultura marítima: marinheiros e escravos no tráfico negreiro para o Brasil (séculos XVII e XIX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, nº 38, 1999. p. 16.

pertencentes às oligarquias dissidentes, que defenderam os catraieiros durante o processo de dispensa do sorteio e do alistamento para a Armada da Marinha e, principalmente, o papel exercido por estes na intermediação das negociações entre contratadores e trabalhadores.

Dessa maneira, analisamos a relação de proximidade entre os trabalhadores e pessoas do grupo político oposicionista à Nogueira Accioly, como João Brígido e Agapito Jorge dos Santos. Michel de Certeau, através do conceito de “estratégia” afirma ser essa prática fruto do cálculo das relações de forças decorridas a partir da ação racional ligada à disciplina, com o interesse em atingir um objetivo⁷⁵.

Nesse caso, os oposicionistas viram os trabalhadores como aliados para a estratégia de minar o poder de Nogueira Accioly, visto que os catraieiros estavam ligados pela luta do cotidiano, o trabalho em comum, a pobreza, a miséria e a exploração do trabalho e tinham um objetivo imediato: não participação do sorteio.

Na documentação da Casa Boris Frères estão registradas informações sobre os trabalhadores do Porto, como os valores dos pagamentos e os gastos realizados com o serviço de desembarque. Através das correspondências trocadas entre os comerciantes pudemos identificar a importância da greve dos catraieiros para a economia da cidade de Fortaleza e a importância desses trabalhadores para seus contratadores. Ao analisar essa documentação, identificamos o tipo de trabalho, as contratações, o tipo de embarcação, as horas de trabalho, e o salário pago aos contratados.

Nos jornais *O Unitário* e *Jornal do Ceará*, além de ser possível identificar a posição dos opositores da oligarquia acciolina, também foi possível identificar os interesses dos contratadores de mão-de-obra do Porto de Fortaleza. Através da análise do Relatório de Pedro Augusto Borges, então Presidente do Estado do Ceará em 1904, deparamo-nos com a visão da greve segundo o grupo no poder.

Dessa maneira, pudemos compreender a greve no processo de construção ao identificamos as experiências dos catraieiros mas, além da documentação comercial da Casa Boris Frères, buscamos compreender o cotidiano dos catraieiros através dos

⁷⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano – A arte de fazer*; tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4ª edição, Editora Vozes; Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994. pp. 99-102.

memorialistas e da literatura do período através dos romances *A Afilhada*⁷⁶, *O Mississippi*⁷⁷ e *A Normalista*⁷⁸.

Assim, a utilização da literatura tornou-se fundamental para a pesquisa ao retratar o cotidiano dos trabalhadores do Porto do período pesquisado, possibilitando-nos uma leitura das ações cotidianas dos catraieiros, apesar de se tratar de ficção e ser marcada por informações e disputas veladas ou explícitas⁷⁹. Entretanto, essa alternativa oferece ao historiador uma visão das relações sociais e do cotidiano da época, ou seja, uma visão para além do real, pois sinaliza para mundos possíveis.

De acordo com Jacques Leenhardt, a literatura é fundamental para a história, visto que a considera:

...A boa filha do historiador sempre a servir, se for preciso, ou silenciosa, se necessário. Ela é, então, um objeto particularmente útil no momento de pensar ou de não pensar os movimentos que agitam, ainda que implicitamente, as calmas águas da História⁸⁰.

Dessa feita, os romances literários de Manuel de Oliveira Paiva, Gustavo Barroso e Adolfo Caminha são fundamentais para amenizar os silêncios das falas dos trabalhadores catraieiros, por não ter material por eles produzido.

Segundo Flávio R. Kothe, a literatura para Walter Benjamim é uma Historiografia inconsciente⁸¹, ou seja, não pode ser considerada um mero registro, mas uma história inoficial, pois não possui o rigor metodológico do historiador, com a utilização e análise das fontes.

As obras literárias mesmo não pretendendo ser e não sendo um mero registro histórico, acabam sendo uma historiografia inoficial. Na medida

⁷⁶ PAIVA, Manoel de Oliveira. **A Afilhada**. São Paulo: Editora Anhambí, 1961. Publicado inicialmente nas páginas do jornal *O Libertador* em 1889, descreve a cidade de Fortaleza e as pessoas que nela habitava em meados de 1870. Caracteriza Fortaleza como sendo uma cidade oceânica, dessa maneira preocupa-se de ver e sentir o mar.

⁷⁷ BARROSO, Gustavo. **O Mississippi**. Fortaleza. Edição: UFC, Casa de José de Alencar programa editorial, 1996. Este foi o último livro escrito antes da morte do autor Um dos mais “fecundos escritores brasileiros”. Marcado pelo cotidiano da cidade de Fortaleza no final do século XIX, descreve a cidade como tendo a forte característica marítima e das praias, onde o poço da Draga é marca registrada no autor desde as memórias de infância.

⁷⁸ CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. São Paulo; Martim Claret, 2007. p. 45. Este romance foi publicado em 1893, ou seja, a mais de cem anos, no qual narra aspectos do cotidiano da cidade de Fortaleza durante o final do século XIX como plano de fundo para a história de Maria do Carmo, a normalista entregue pelo para ser criados pelo padrinho.

⁷⁹ LEENHARDT, Jaques. As Luzes da cidade. Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Escrita, linguagem, objetos** – Leituras de História cultural. Bauru: Edusc, 2004. pp. 150-151.

⁸⁰ Idem. p. 151.

⁸¹ KOTHE. Flávio R. **Para ler Walter Benjamim**. Rio de Janeiro Livraria F. Alves Editora S/A, 1976. p. 80.

mesma em que não querem ser documento, seu caráter autônomo lhe permite uma liberdade de registro e transmissão que escapa à historiografia oficial...⁸²

Para Walter Benjamin, apesar da literatura fazer-se através da liberdade de registrar fatos sem se prender às amarras das relações econômicas, mas é a produção literária de um dado período que nos possibilita aproximar do passado. Assim sendo, buscamos apresentar a forma em que o espaço da praia foi utilizado pelos trabalhadores portuários, através das metáforas adotadas pelo olhar dos romancistas.

Embora enfrentando as dificuldades documentais, este trabalho busca responder as seguintes questões:

Como os catraieiros se organizaram nas ações do dia-a-dia enquanto categoria? Que tipo de relação de trabalho os catraieiros mantiveram com os contratadores? Existiram relações de troca de interesses entre eles? Nesse sentido, faz-se necessário compreender a articulação dos trabalhadores catraieiros com outras categorias; as relações estabelecidas entre eles e os contratadores. O processo de alistamento para a Armada da Marinha do Brasil, teve relação direta com a greve dos catraieiros? Como transcorreram os dias que antecederam o 03 de janeiro no Ceará? Qual a importância do movimento contestatório dos trabalhadores catraieiros na visão dos jornalistas ou editores dos jornais oposicionistas? Quais as diferentes versões do dia 03 de janeiro? Qual foi a relação que se estabeleceu entre as oligarquias dissidentes e os catraieiros? Em que medida o 03 de janeiro foi transformado numa arma política para enfraquecer a oligarquia acciolina?

Portanto, em meio a estes questionamentos, o trabalho foi estruturado do seguinte modo:

Na Primeira Parte, intitulada **Mar: luta, trabalho e vida**, analisamos a organização dos trabalhadores portuários no contexto da Primeira República, como também, o dia-a-dia dos catraieiros no Porto de Fortaleza, para compreender o processo de organização dessa categoria. Nesse sentido, também analisamos as relações de trabalho entre os catraieiros e os contratadores da mão-de-obra portuária. Para finalizar, os romances *A Afilhada*, *O Missisipi* e *A Normalista* foram adotados

⁸² KOTHE. op. cit. p. 79.

para melhor visualizar o cotidiano de trabalho, bem como o bairro do Oiteiro, onde morava grande parte dos catraieiros.

Na Segunda Parte, intitulada **A greve dos catraieiros e a questão político-partidária**, realizamos uma análise sobre as consequências da greve e a repressão sofrida pelos manifestantes e os dias anteriores ao 03 de janeiro, de maneira a enquadrar a greve dos catraieiros num contexto de mobilização dos trabalhadores de Fortaleza. Bem como analisamos a construção do discurso político dos grupos dissidentes através dos jornais *O Unitário* e *Jornal do Ceará*, para criticar a oligarquia acciolina, tendo como base a luta contra o Processo arbitrário de Sorteio e Alistamento e, principalmente, o episódio da praia do dia 03 de janeiro de 1904. Analisamos as mudanças políticas decorridas a partir do discurso elaborado pelos grupos políticos, que faziam oposição à oligarquia acciolina.

Na **conclusão**, apresentamos as considerações finais sobre a análise dos fatos constatados e as questões surgidas no decorrer do trabalho.



PARTE I

MAR: luta, trabalho e vida.

O Porto é aberto na parte setentrional, à sombra. O cais é alto e a água escura bate contra os muros, que apresentam escadas de pedra escorregadias por causa das algas. Barcos untados de piche aguardam no atracadouro os parentes que retardam a partida despedindo-se dos familiares. As despedidas se dão em silêncio, mas com lágrimas.

Ítalo Calvino

INTRODUÇÃO

O mar. Espaço construído através das ações da natureza, às vezes manso, calmo, mas em outros momentos arredo e indomável. Esse era o local de trabalho dos catraieiros, marcado pelas adversidades, mas que, ao mesmo tempo, era primordial para sobrevivência, pois era a principal fonte de sustento.

Nesse espaço, os catraieiros realizavam o trabalho que se confundia com sua vida, pois esses trabalhadores ficavam mais tempo no vai-e-vem das marés

⁴² do que propriamente em suas casas. Nesse capítulo analisaremos o dia-a-dia dos catraieiros dentro da dinâmica do Porto de Fortaleza, no final século XIX início do XX. O Porto estava localizado próximo à antiga Alfândega, onde atualmente está situada a Ponte Metálica, construída em 1904 na Praia de Iracema. O mesmo não possuía estrutura para a atracação de navios de grande calado, sendo necessário o serviço de carga e descarga de mercadorias e passageiros por embarcações de pequeno porte. A partir da análise sobre o Porto e os trabalhadores que constituíam esse espaço, buscamos compreender as condições materiais, culturais e as relações de trabalho entre os catraieiros e os contratadores da mão-de-obra avulsa.

Buscamos realizar uma narrativa histórica do dia 03 de janeiro de 1904, a partir do momento em que os catraieiros realizavam manifestação contra o processo de alistamento e a repressão da força policial, quando pessoas foram mortas e feridas, sendo elas não somente catraieiros, mas pessoas que observavam a manifestação.

Para tanto, temos como ponto inicial a análise da Lei Federal de Alistamento e Sorteio de 1875, que primeiro tratou sobre o alistamento e sorteio para a Armada da Marinha do Brasil, acrescentando os Decretos realizados durante os primeiros anos da República no tocante à referida lei.

Dessa maneira, analisaremos a trama dos dias que antecederam o dia 03 de janeiro de 1904, buscando enquadrar a referida greve dentro de um contexto de mobilização dos trabalhadores portuários do Ceará durante os primeiros anos da República e problematizar os acontecimentos dos meses de janeiro e fevereiro de 1904, como sendo marco dos diferentes usos da greve dos catraieiros, por diferentes agentes sociais.

1. Sobe e desce das ondas: o dia-a-dia de trabalho dos catraieiros.

⁴² A maré é um movimento periódico (regular), de grande magnitude e extensão que afeta o nível geral dos mares, produzido pelo efeito da força exercida pelas massas da lua e do sol sobre os oceanos. Esta força varia diretamente com a massa e inversamente com o quadro da distância, segundo as teorias de Laplace e Newton. No mar as marés se apresentam como um movimento ondulatório da água, que se propaga no plano horizontal e vertical, produzindo uma ascensão e uma descida periódica do nível do mar. Ver PANZARINI, R. N. *Compêndio de Oceanografia Física*. Instituto de Publicaciones Navales, Buenos Aires, 1967. p. 343.

Os catraieiros eram trabalhadores que realizavam o transporte de mercadorias e passageiros em catraias⁴³, ou seja, carregavam e descarregavam os produtos dos navios que ficavam atracados à distância do cais devido à pouca profundidade do ancoradouro, pois o Porto de Fortaleza não tinha a capacidade para suportar navios de médio e grande calado.

Estes trabalhadores, viviam no “sobe e desce das ondas”⁴⁴ e dependiam das marés para realizar um trabalho de fundamental importância para a dinâmica do Porto de Fortaleza, visto que tinham que saber navegar em embarcações de pequeno porte e possuir conhecimentos sobre as marés.

Mencionar “sobe e desce” das ondas não está limitado ao mar e suas dificuldades naturais, mas o quanto esse movimento das águas se assemelhava ao cotidiano de trabalho dos catraieiros, pois era da atividade de frete sobre a água⁴⁵ que retiravam o sustento da família, estabeleciam amizades com aqueles que trabalhavam na região portuária e também se divertiam. Porém, havia uma série de dificuldades com o transporte das mercadorias e as complicadas relações com os contratadores da mão-de-obra, num sistema que poderia ser considerado exploratório porque, além do pagamento do frete ser baixo, o catraieiro também pagava taxa ao Capitão do Porto para receber autorização do transporte marítimo.

Na descrição dessas atividades no livro *Mississippi*, Gustavo Barroso narra a chegada de João Mississippi (protagonista) ao Porto de Fortaleza: “os braços potentes dos catraieiros o arrancaram do escaler⁴⁶ que pulsava ao impulso das vagas para a escada de madeira e o fizeram subir rapidamente até o estrado, onde o colheram os braços do Graciano e do Joaquim Morro”⁴⁷. A partir desta descrição podemos visualizar o catraieiro, com forte porte físico e músculos proeminentes, elemento essencial para o trabalho de carga e descarga de mercadorias e passageiros.

⁴³ Pequeno barco tripulado por um homem.

⁴⁴ A superfície do mar apresenta geralmente uma série indefinida de ondulações quase idênticas que se propagam de maneira sensivelmente uniforme em direção as margens. Chamamos de Onda a este conjunto de ondulações. As ondas se caracterizam por um movimento originariamente circular das moléculas da água. Neste movimento as moléculas não se deslocam horizontalmente, e sim em círculos sucessivos, dando assim origem a um movimento do tipo ondulatório. Ver PANZARINI, op. cit. p. 343.

⁴⁵ O Frete consistia no sistema de contratação da catraia para realização do transporte de mercadorias e passageiros do Porto para o navio.

⁴⁶ Também chama de catraia: embarcação miúda, de proa fina e popa chata, boca aberta, impelida a remo ou a vela, e destinada a executar serviços de um navio ou repartição marítima.

⁴⁷ BARROSO, op. cit. p. 174.

Através de Gustavo Barroso visualizamos o Porto de Fortaleza durante os primeiros anos do século XX e à nossa frente passam homens fortes com músculos a mostra, pois usavam como vestimenta de trabalho, somente calção para cobrir o sexo. Essa era o que podemos chamar de vestimenta dos trabalhadores portuários ou, pelo menos, daqueles que faziam o serviço de estiva e transporte sobre a água.

No livro *A Normalista* de Adolfo Caminha, temos uma descrição da maneira de vestir dos trabalhadores, bem como de suas adversidades para lidar com as alterações das marés e as condições estruturais do Porto.

No Porto havia grande lufa-lufa de gente que embarcava e desembarcava simultaneamente, bracejando, falando alto. A maré d'enchente, crispada pela ventania de sudoeste, num contínuo vaivém, alagava o areal seco e faiscante. Muita gente ao embarque do Conselheiro. Curiosos de todas as classes, trabalhadores aduaneiros de jaqueta azul, guardas d'Alfândega e oficiais de descarga com ar autoritário, de fardeta e boné, marinheiros da Capitania, confundiam-se numa promiscuidade interessante. Jangadeiros arregaçados até aos joelhos, chapéu de palha de carnaúba, mostrando o peito robusto e cabeludo, iam armando a vela das jangadas. A cada fluxo do mar havia gritos e assobios. Maior alvoroço! Jangadas iam e vinham em direção ao *Nacional* que tombava como um ébrio, aproado ao vento. Apenas quatro navios mercantes, pintadinhos de fresco na popa d'uma barca italiana - "*Cívica Vecchia*".

O vapor apitou pedindo mala. Era uma maçada ir a bordo com a maré cheia e um vento como aquele. Demais o sol estava de rachar⁴⁸.

Mas, para além das características físicas, devemos analisar as “experiências” desses trabalhadores no Porto de Fortaleza que, devido às limitações da estrutura do cais, tornou mais perigoso e oneroso o transporte de cargas, daí a necessidade de realização do trabalho de transporte dos catraieiros⁴⁹.

No trecho do Dicionário de Termos Populares, o catraieiro era :

Indivíduo que tripulava os botes no Porto de Fortaleza e fazia disso profissão, servindo no embarque e desembarque de passageiros e mercadorias, quando os navios ainda não atracavam a um cais, como atualmente, e ficavam no alto mar, distantes da ponte do desembarque⁵⁰.

Se o catraieiro era o homem que utilizava a pequena embarcação denominada catraia, esta era, segundo o mesmo dicionário, uma mulher sem adjetivos

⁴⁸ CAMINHA, op. cit. p. 45.

⁴⁹ Algumas fontes pesquisadas utilizam o termo catraieiros outras lancheiros para designar a mesma função.

⁵⁰ SERAINE, Florival. **Dicionário de termos populares**. Revista ampliada e melhorada pelo autor, 2º ed; Fortaleza -Ce, 1991. p. 97.

físicos, “mulher pública de ínfima classe; mulher destituída de encantos físicos e mal vestida”⁵¹.

Essa questão torna-se importante na medida em que tomamos como ponto de análise o conceito de experiência, questionamos como os ditos catraieiros ou lancheiros viam o seu trabalho e o valor (monetário) do mesmo para a dinâmica do Porto.

Então, chegamos à conclusão de que a denominação do termo catraieiro foi uma forma de mostrar pejorativamente o quanto esses trabalhadores - catraieiros - eram desvalorizados e utilizavam a pequena embarcação para sobreviver, a qual por ser tão precária foi designada como catraia, ou seja, mulher “sem valor” que circulava pela região portuária.

Mas, além de podermos melhor visualizar o cotidiano dos trabalhadores braçais do porto, mais uma vez, defrontamo-nos com a expressão lanchas e lancheiros. Então, por que aqueles que foram chamados de lancheiros ficaram conhecidos nas páginas do *Jornal Unitário* e *Jornal do Ceará* como catraieiros? Será que era o mesmo ofício?

Partimos do pressuposto de que as lanchas eram as mesmas catraias porque, ao cruzarmos a descrição de *A Afilhada* e as informações contidas na documentação da Casa Boris, o termo utilizado para designar o tipo de embarcação responsável pelo transporte de mercadorias era “Lancha”, mesmo que nos jornais *O Unitário* e *Jornal do Ceará*, encontremos a denominação de “Catraia” e “catraieiros”, quando mencionam a questão da greve ocorrida no fim de 1903, início de 1904⁵².

No editorial de *O Unitário* do dia 04 de fevereiro de 1904, João Brígido afirma que o transporte de passageiros e das mercadorias presentes no vapor “Maranhão”, seria realizado por lanchões navegados pelos catraieiros⁵³. Em nota do mesmo jornal foi divulgada a notícia de que “a greve dos catraieiros e lancheiros tomou caráter gravíssimo”⁵⁴, o que levou a pensar que as atividades exercidas pelos mesmos eram diferentes. Porém, na edição de 09 de janeiro, João Brígido ao declarar suas

⁵¹ Idem.

⁵² Publicações feitas no **Jornal Unitário** e **Jornal do Ceará**, com maior intensidade durante o fim de 1903 e o ano de 1904.

⁵³ UNITÁRIO, **José Gaytoso**, 04 de fevereiro de 1904, nº 93. p.1.

⁵⁴ UNITÁRIO, **Fortaleza-3**, 26 de janeiro de 1904, nº 89. p.1.

ações entre os trabalhadores e os contratadores, anteriores aos embates na praia, afirma:

Embora alguma cousa doente, dirigi-me á casa dos Srs. Boris para entender-me com seos trabalhadores, que hesitavam em sair ao mar. Alli encontrei um grupo ao qual pedi de balde para que fizesse o serviço. Todos recusarão como já tinham recusado ao proprio Sr. Achilles Boris, apontando para o quartel de Lopes da Cruz , apinhado de soldados da policia e de linha, pelo frete do qual elles devião passar indo ao lugar das lanchas⁵⁵.

Assim, podemos compreender que os catraieiros e os lancheiros realizavam os mesmos serviços no porto, porém possuíam denominação diferenciada, sendo que para os contratadores, os homens responsáveis pelo trabalho de transporte de mercadorias sobre a água eram chamados de lancheiros. Já a denominação catraieiro, acreditamos ter sido, uma auto-denominação por parte dos trabalhadores para fazer referência à embarcação por eles utilizada, a catraia.



Alvarenga e catraia (embarcação menor). Arquivo H. Espínola

A produção historiográfica sobre o movimento operário dos portuários durante a primeira década da República revela uma característica marcante nos trabalhadores e na região que circunda o Porto: a presença do alcoolismo, das brigas e desavenças, além da convivência com a prostituição no local chamado “zona”, ponto de encontro das prostitutas, mulheres vistas como ameaça à moral ou à conduta aceita na época⁵⁶. Em meados do século XIX predominava um modelo normativo de mulher,

⁵⁵ UNITÁRIO, Fortaleza, **Declaração**. 09 de janeiro de 1904, nº 82. p. 1.

⁵⁶ GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar. Trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914**. Editora da Universidade Estadual Paulista: São Paulo 1992. pp. 133-134.

o qual pregava uma conduta diferente diante das transformações sociais e a invasão da mesma no cenário urbano. As mulheres que viviam na região do porto constituíam uma quebra ao modelo de feminilidade, da esposa-dona-de-casa-mãe-de-família⁵⁷. Assim, o modelo “controverso” das prostitutas do Porto era relacionado aos “piores” adjetivos depreciativos, dentre eles, o de catraia.

Podemos, a partir desta reflexão, compreender como esses trabalhadores que conduziam as lanchas no seu trabalho, passaram a se chamar catraieiros, por ser uma maneira de aceitar a situação de precariedade em que viviam ou, até mesmo, como maneira de brincar com a própria situação de desvalorização da sua mão-de-obra, estabelecendo um paralelo entre as embarcações e as mulheres feias e as meretrizes da região portuária. Compreendemos que essa denominação ocorreu devido à forte relação existente entre os catraieiros e a realidade de trabalho em que viviam, principalmente por experimentarem as adversidades materiais a partir de bens simbólicos, ou seja, elementos da cultura e das experiências desses trabalhadores.

Dessa feita, o termo “experiência”⁵⁸ na concepção de E. P. Thompson possibilitou verificar o quanto as vivências são indispensáveis para o processo de auto-reconhecimento dos trabalhadores como uma categoria de trabalho. Diante desta afirmação, o que podemos ponderar é que a concepção de experiência na identificação desses processos de construção, manutenção, ou até mesmo de transformação dos costumes, das vivências dos trabalhadores catraieiros no Porto de Fortaleza, permite compreendê-los no processo do “fazer” cotidiano, diante da inexistência de documentos ou fontes por eles elaborados.

2. Aspectos do Porto de Fortaleza (1903-1904)

O Porto de Fortaleza começou a ser construído em 10 de agosto de 1886, segundo o plano do engenheiro John Hawkshaw, cuja obra foi realizada pela

⁵⁷ RAGO, Margareth. **Do cabaré a lar: a utopia da cidade disciplinar**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1985. Ver também CRUZ, Maria Cacilia Velasco e. **Virando o jogo: Estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República**. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998. SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem patrões - os trabalhadores da cidade de Santos no entregerras**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

⁵⁸ THOMPSON, 1987. op. cit. p. 9.

Companhia *Ceará Corporation Limited* que recebeu incentivos financeiros para a realização da obra do Governo Geral.

Antonio Bezerra de Menezes descreveu o espaço portuário, as limitações para lidar com a força das marés e o acúmulo de areia, que tornava inviável a atracação dos navios:

Quanto aos 610m de quebra-mar, que constituem a ponte de embarque e desembarque o que se tem construído tem sido submergido pelas areias, de modo que se supõe impossível melhorar o porto do Ceará, e talvez não consiga mais o porto primitivo o qual conquanto desse desembarque com algum perigo, era no entanto menos arriscado que o que se formou atualmente em consequência das obras da Companhia, e para nossa maior infelicidade aterra-se o ancoradouro, que de dia em dia muda de posição e se distancia da cidade⁵⁹.

O Trapiche do Ellery⁶⁰, como era conhecido o antigo Porto, estava localizado na região central da cidade, na “prainha” quase em frente à casa do seu dono, o inglês Henry Ellery, na Rua Senador Almino, esquina com a Rua Dragão do Mar.

Segundo Rodolfo Espínola, o antigo porto possuía 700 palmos de extensão por 80 de largura. O serviço de carga e descarga era bastante acidentado e ocasionava, constantemente, reclamações dos comerciantes devido a problemas com as mercadorias. Diante dos problemas estruturais, desde o período do Império foram elaborados estudos para amenizar as ações da natureza, como a proposta do Engenheiro Pierre Berthot para a construção de um cais de madeira e um quebra-mar, aproximadamente onde é atualmente a praia do Meireles, com o objetivo de evitar o processo de assoreamento⁶¹.

⁵⁹ MENEZES. Antonio Bezerra de Menezes. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, Casa Editorial de José de Alencar; Programa Editorial, 1992. p. 40.

⁶⁰ ESPINOLA, Rodolfo. **Caravelas, jangadas e navios**: uma história portuária. Fortaleza; editora Omni, 2007. p 210.

⁶¹ ESPINOLA op. cit. pp. 44-45.



Arquivo H. Espínola. Antigo trapiche Ellery.

A reforma iniciada em 1902 foi fundamental para tornar o porto da cidade capacitado para a recepção de navios com grande calado, sem a ameaça de ficarem presos aos bancos de areia, além de diminuir os custos com os prejuízos causados pelos acidentes durante o serviço de transporte de mercadorias e passageiros. Entre 1902-1904, foi construída a Ponte Metálica, com estruturas de ferro, importadas de Londres, tendo como piso lastros de madeiras retiradas das mata das cercanias de Fortaleza. A ponte foi projetada para servir como porto e ponto de embarque e desembarque de passageiros e cargas, sendo utilizada para esse fim durante 20 anos⁶².

Devido aos contínuos problemas foram elaborados projetos, no entanto, somente em 1902, durante o governo do Presidente Campos Sales, foi autorizada a elaboração de um novo plano para o porto, chamado de Viaduto Moreira da Rocha, cujas obras foram iniciadas em 18 de dezembro de 1902 e concluídas em 26 de maio de 1906⁶³.

Para compreender o cotidiano dos catraieiros faz-se necessário perceber a dinâmica do Porto de Fortaleza em 1904 e, mais uma vez, a literatura nos oferece subsídios, através das descrições do livro *A Afilhada*, de Manoel de Oliveira Paiva, quando descreve o trajeto de volta para casa de Maria Das Dores:

⁶² Idem, op. cit. p. 49.

⁶³ Idem, op. cit. p. 46.

O cocheiro não quis passar por debaixo do trapiche, cujo conjunto aninhava-se na areia e metia pelo mar uma ponte suspensa por grossa e longa estacada, muito nua e alta com aquela maré tão seca.

Subia um frescor salgado dos poços que a maré deixara, e o arrecife, com uma parte no seco, abrolhava negro e áspero entre espumas e verdes ondas.

Chegando próximo do trapiche o carro fez-se logo para a Alfândega, conquanto houvesse de vencer um pedaço de areia muito frouxa, principio de uma duna; era inconveniente ir mais adiante, porque, àquela hora, o comercio aproveitava a maré baixa para fazer a descarga e o embarque, e havia grande tropelia.

A Dorzinha avisou mesmo ao cocheiro que não fosse por lá. Os trabalhadores que entravam mar a dentro com fardos para os lanchões andavam como o pai Adão, apenas com uma tanga em vez de fôlha de parreira⁶⁴.

Esse trecho de *A Afilhada* é marcado pela riqueza de informações, pois nos possibilita visualizar a região do Porto e imaginar a rotina das pessoas que era ditada pelo movimento das marés, a rotina do trabalho ditada pela dinâmica da natureza, visto que, para o narrador do romance, o movimento era intenso devido à maré baixa. Ora, o catraieiro dependia das condições do mar para realizar o seu trabalho, porque estava em questão a sua vida e o bem estar do carregamento.

Além dos trabalhadores, podemos perceber a constituição do espaço portuário através da descrição dos trapiches utilizados no carregamento e descarregamento de mercadorias e dos armazéns. Esse era o espaço do Porto de Fortaleza, alimentado pelas “veias” comerciais do mar que se espraiavam pelas ruas do centro da cidade (ou vice-versa), estrategicamente abertas de frente para o mar e chegavam aos prédios comerciais.

Vista do mar, a cidade assim foi descrita no romance *A Normalista*. Assim, Caminha descreve as impressões de Zuza o personagem da trama:

...Enquanto o vapor singrava em direção ao Mucuripe, começou a examinar a costa cearense, como se nunca a tivesse visto de fora, da tolda de um navio. Viu passar diante de seus olhos arregalados todo o litoral de Fortaleza, desde o farol de Mucuripe até a ponta dos arpoadores...

Primeiro o farol, lá muito longe, embranquecido, cor de areia, ereto, batido pelos ventos; depois a extensa faixa de areia que se desdobra em ziguezague até a cidade; a praia alvacenta e rendilhada de espumas. Em seguida o novo edifício da Alfândega, em forma de gaiola, acaçapado, sem arquitetura, tão feio que o mar parece recuar com medo à sua catadura.

Noutro plano, coqueiros maltratados pelo rigor do sol, erguendo-se da areia movediça que os ameaçava soterrar, uns já enterrados até a fronde, outros inclinados, prestes a desabar; o torreão dos judeus Boris, por trás, no alto da prainha, com as suas torres triangulares; as torres vetustas e enegrecidas da

⁶⁴ PAIVA, op. cit. p. 23.

Sé; o Passeio Público, com os seus três planos em escadarias; a santa Casa de Misericórdia, branca, no alto; Gasômetro; a Cadeia; e por ali fora o arraial Moura Brasil, invadido pelo mar, reduzido a um montão de casebres trepados uns sobre os outros...⁶⁵

A região que circunda o Porto, ou Trapiche Ellery, foi descrita detalhadamente a partir do mar, através das palavras romanceadas de Adolfo Caminha, de maneira que podemos visualizar a cidade de Fortaleza no final do século XIX, quando o romance teve sua primeira edição.

Após localizarmos o Porto no espaço da cidade, podemos retornar ao questionamento acerca da denominação das embarcações utilizadas pelos catraieiros para o transporte de mercadorias. Questão essa deveras importante porque, ao analisarmos a documentação da Casa Boris Frères, encontramos fontes que indicam o tipo de embarcação que fazia o serviço de transporte sobre a água, com seu respectivo “patrão”, a quantia paga de acordo com a carga transportada e as viagens realizadas.

A documentação da Casa Boris Frères, importante casa comercial, instalada no Ceará com a chegada dos irmãos Alphonse e Theodore Boris, oriundos da província francesa de Lorena, os quais chegaram à cidade do Rio de Janeiro em 1865 e, em seguida, foram para Recife, vindo posteriormente a Fortaleza, em 1867. No ano de 1869 fundaram a casa de comércio Theodore Boris & Irmãos, que tinha como principal atividade as permutas comerciais.

Porém, com a eclosão da guerra Franco-Prussiana retornaram à França e, com o irmão Isaie, fundaram, em Paris, a Casa Comercial Boris Frères. Logo após, os irmãos Theodore, Achille e Adrian retornaram à Fortaleza e instalaram a filial da Casa Boris na rua da Palma no centro comercial da cidade, a qual possuía agências de seguros, navegação e fábricas, além das atividades de exportação e importação e de transporte de mercadorias sobre a água⁶⁶.

A Casa Boris possuía papel de destaque no comércio importador do Estado e mantinha relações estreitas com a oligarquia acciolina, sendo responsável por

⁶⁵ CAMINHA, op. cit. p. 157.

⁶⁶ MOTA, Francisco Assis Sousa. **A Secular Casa Boris e a importância do seu arquivo**. Imprensa Oficial do Ceará, Secretaria de Cultura e Desporto. Fortaleza-Ce, 1982. pp. 11-12.

incentivos financeiros e compra de materiais para a construção de obras públicas, e da proposta para a encampação do Porto, em 1904⁶⁷.

Através da análise das notas de contratação de mão-de-obra para o transporte de mercadorias e passageiros, pudemos chegar até os catraieiros e, assim, analisarmos a forma de contratação e o pagamento desses trabalhadores.

Essa documentação comercial, referente ao ano de 1903 e 1904, trata do pagamento de trabalhadores que prestavam serviços de transporte de mercadorias para a Casa Boris e nos possibilita compreender a dinâmica do sistema de contratação de mão-de-obra avulsa do Porto de Fortaleza⁶⁸ e a difícil rotina de trabalho dos catraieiros, embora com uma visão limitada, pois estamos analisando apenas um dos contratadores do Porto de Fortaleza. Então, através das leituras desses documentos, pudemos localizar aproximadamente 21 catraias, porém um número maior de patrões, ou seja, contratadores, devido à existência de dois nomes em diferentes notas para a mesma lancha, como por exemplo, a Alsace que realizou transporte para Luiz Camilo Franca⁶⁹ e Antonio Quaresma. Visto que a nota de pagamento não era encaminhada diretamente ao trabalhador, entendemos que estes homens eram os responsáveis pelo carregamento e estavam ligados às casas comerciais da cidade como a própria Casa Boris, a Holdernes e Salgado, Marques e Cia dentre outras, que se dedicavam ao serviço de estiva, contratação e fiscalização da mão-de-obra portuária.

Outro aspecto a ser analisado é que a maioria dessas embarcações ou catraias tinha nome francês, o que pode ser explicado pela influência dos irmãos Boris, pelo fato de serem os proprietários das lanchas, levando-nos a conclusão de que seus proprietários eram os armadores⁷⁰ ou contratadores, e os trabalhadores apenas utilizados como mão-de-obra.

O agente contratado pela empresa de navegação, responsável pela contratação da mão-de-obra avulsa do Porto e fiscalização do processo de

⁶⁷ ANDRADE, José Mendes de. **A oligarquia Acciolina e a Política dos governadores**. História do Ceará. Org: Simone de Souza. 2ª edição, Fortaleza. Fundação Demócrito Rocha- UFC, 1994. p. 219.

⁶⁸ Essa documentação não está catalogada e encontra-se sobre custódia do Arquivo Público Intermediário do Estado do Ceará. Ver Anexo VIII, Nota de pagamento de frete da Casa Comercial Boris Frères – 1904.

⁶⁹ **Nota de pagamento de trabalhadores do armazém**. Casa Boris, 25 de março de 1904.

⁷⁰ As grandes empresas de navegação possuíam em cada porto do país os seus Armadores, homens responsáveis pela contratação de toda a mão-de-obra necessária para o serviço de carga e descarga dos navios.

carregamento dos navios era chamado “patrão” e prestava serviço para os armadores ligados à empresa de navegação, conforme o levantamento a seguir:

Levantamento das contratações da Casa Boris Frères – transporte e carga do porto (1903-1904)

Lancha	Patrão
Chambrey	Manoel das Neres
	Raymundo Nonato de Almeida
Lamaine	Antonio Alves
	Antonio Joaquim
Saverne	João Martins
	Antonio Alves
Aliance	Antonio Quaresma
Aurora	Manoel Ferreira
	Manoel Quaresma
Sarraguemines	Jacinto José Mirada
Paris	Melchades Muniz
Chalom	Antonio Joaquim
França	Domingos Pires
	Felisbello José
	Francisco Viana
Escales Bongogne	José Patrona
Carvalho	Luiz Peba
Cascavel	Raymundo Benedito
Alsace	Luiz Camilo Franca
	Antonio Quaresma
Carragueira	Jacinto José Miranda
Escaler Fé em Deus	José Catrona
Saraguemines	Jacinto José Miranda
Lorraine	F. José Rodrigues
	Antonio Alves
Aliança	João Antonio dos Santos
London	Manoel Rodrigues

Fonte - Pesquisa direta. Arquivo Público Intermediário do Ceará, em 2007-2008⁷¹.

⁷¹ Os patrões, eram os homens responsáveis pelo controle e fiscalização do descarregamento através dos fretes das catraias, mas não eram necessariamente os donos dessas embarcações.

Nas notas comerciais de pagamento de trabalhadores consta o nome do mesmo patrão para várias lanchas, como no caso de Luiz Camilo França, que no dia 24 de março de 1904 recebeu pagamento pelo transporte de mercadorias nas lanchas Aurora, Loraine e Asará, recebendo a primeira, 40,000 mil réis e, as demais, 20,000 mil réis. Nesse documento também constatamos que cada lancha pagava 5,000 mil réis como passagem⁷², ou seja, para obter autorização para realizar o transporte precisava pagar ao homem responsável pela organização e fiscalização do carregamento dos navios (contratador) a parte do que recebia pelo trabalho.

O transporte deveria ser realizado de acordo com a capacidade da embarcação e, no caso do desrespeito à quantidade de volumes, o patrão realizaria reclamações, pois este era responsável pela segurança do carregamento.

O pagamento para cada viagem variava entre 3,000 a 20,000 mil réis, dependendo da capacidade de volumes que a lancha comportasse. Existem registros de pagamentos efetuados que ressaltam a não existência de reclamações devido a quantidade de carregamento em excesso, como no caso da Lancha Paris que transportou “219 volumes de carga sem reclamação da parte da mesma”⁷³ e da Lancha Saverne que transportou 165 volumes de carga também sem reclamação⁷⁴. Porém, devemos ressaltar que o número de volumes para cada lancha variava de acordo com a capacidade de cada embarcação e do tipo de produto transportado.

Uma nota de pagamento dos trabalhadores do armazém que nos chamou atenção foi assinada pelo funcionário Odenes Hollanda, responsável pelo pagamento dos fretes e dos trabalhadores do armazém da Casa Comercial Boris Frères. Destacamos que o transporte realizado pela lancha Pará, que tinha a capacidade de 64 volumes, ou seja, com carga menor do que a lancha Aurora e a Louraine, teria diminuído o número de viagens, segundo nota: “deve ser pago somente 3 ½ lanchas à capatazia, no entanto, esta lancha carregou completa”⁷⁵. Em outras palavras, o responsável pela fiscalização e contratação da lancha Pará, não receberia o pagamento

⁷² CF. **Nota de pagamento de trabalhadores do armazém.** Casa Boris, 24 de março de 1904.

⁷³ CF. **Nota de pagamento de trabalhadores do armazém.** Casa Boris, 24 de maio de 1904.

⁷⁴ CF. **Nota de pagamento de trabalhadores do armazém.** Casa Boris, 12 de abril de 1904.

⁷⁵ CF. **Nota de pagamento de trabalhadores do armazém.** Casa Boris, 24 de março de 1904.

pelo número de viagens realizadas, posto que o contratador deveria ter solicitado uma lancha com maior capacidade e, assim, diminuir os gastos.

Em suma, o que podemos compreender nos indícios encontrados nesses documentos é a difícil condição dos catraieiros, visto que os mesmos, além de enfrentarem a adversidade das marés, precisavam de um contratador e corriam o risco de não receber o pagamento completo, pois pagavam parte do que recebiam na compra da passagem (autorização) para fazer o transporte.

As condições de vida desses homens não eram fáceis, pois trabalhavam muito, recebiam pouco e muitas vezes não ganhavam o suficiente para manter suas famílias em condições materiais mínimas. Porém, esse tipo de transporte diminuiu devido à construção do novo Porto, com um novo cais de formato retilíneo e a destruição dos antigos trapiches e pontes, permitindo a atracação dos navios ao cais.

Somada à difícil situação de trabalho, os catraieiros também precisavam lidar com as determinações abusivas do Capitão do Porto, Lopes da Cruz⁷⁶, o qual realizava cobrança de taxas indevidas aos pescadores e catraieiros.

O jornal *O Unitário* assim relatou o fato:

...publica e notoria a sua habilidade em surripiar moeda, cobrando aos pobres pescadores e catraieiros impostos demasiados, de cujos excessos apoderava-se clandestinamente, ao mesmo tempo em que lesava o próprio thesouro nacional⁷⁷.

Essa situação é identificada em outros locais no Brasil. As condições materiais e as adversidades do trabalhador portuário e, as suas conseqüências na vida familiar, são analisados por Maria Lucia Caira Gitahy ao afirmar:

O trabalhador do porto vivia perto do local de trabalho e seu ritmo de trabalho, no mínimo irregular, permitia a ele ir e vir de casa para o porto mais de uma vez por dia. A rotina de trabalho das esposas dos trabalhadores do porto era diretamente afetada pelas horas que seus maridos trabalhavam e pelo tipo de carga com que eles estavam lidando. Os filhos sabiam muito sobre o trabalho dos pais e, morando junto ao porto, observavam os navios chegando e partindo. As flutuações dos salários do trabalhador do porto tinham um obvio impacto no orçamento da família⁷⁸.

⁷⁶ O Capitão Lopes da Cruz esteve no comando do Porto de Fortaleza durante o período da greve dos catraieiros, porém foi exigida sua saída após o dia 03 de janeiro de 1904, devido à repercussão negativa da repressão realizada aos grevistas.

⁷⁷ UNITÁRIO, Fortaleza. **Ao público**, 27 de fevereiro de 1904, nº 103. p.1.

⁷⁸ GITAHY, op. cit. pp. 121-122.

Em vários pontos percebemos as semelhanças entre a descrição acima e a dinâmica (trabalho – casa) dos trabalhadores catraieiros e suas conseqüências no cotidiano de suas famílias, como a dura atividade de trabalho e o dinheiro incerto. No caso de Fortaleza, a maioria dos trabalhadores portuários morava no bairro do Oiteiro, próximo à região do Porto, local marcado pelos casebres, pela pobreza e pela negligência da oligarquia acciolina.



Casebres na região da praia próxima ao Porto de Fortaleza (Primeira República). Arquivo H. Espínola.

Assim Raimundo Girão descreve este local: ...“fomos ao Oitiero, onde chácaras de luxo defrontavam com a casaria pobre dos pescadores e catraieiros...”⁷⁹. Esse local ficava próximo à Rua de Baixo e à Rua das Flôres⁸⁰, as quais também facilitavam o acesso à Praça da Sé e ao local dos armazéns e da região portuária.

No romance *A Afilhada*, o Oiteiro é assim descrito:

...uma zona irregular e caprichosa de alegrias da vegetação, entre o mundo da cidade e o vasto aldeamento dos pescadores, dos lancheiros, dos trabalhadores da praia, dos homens da praia, dos homens do ganho, dos operários e de uma numerosa população decaída, habitando cabanas, verdadeiras covas de palhas desses esquimós do areal ardente...⁸¹

E mais:

⁷⁹ GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. UFC, Casa José de Alencar. Fortaleza, edição especial, 2000. p. 34.

⁸⁰ Idem, p. 34.

⁸¹ PAIVA, op. cit. p. 26.

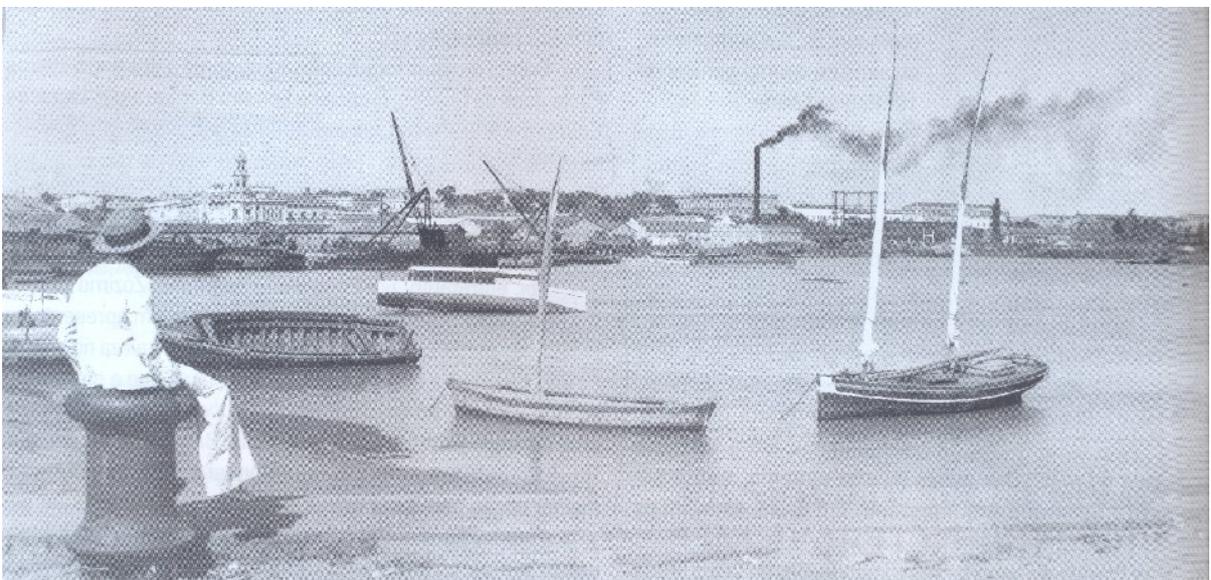
...era um “bairro original e paupérrimo”, com uma “população rareada, de gente pobre, transitava ali na subida, a maior parte recolhendo da feira. Passam quase todos pelo patamar da Sé, com os seus urus manteúdos, pés descalços, peito ao vento, xale trespasado, satisfeitos com eles mesmos⁸² .

Ao observarmos a localidade do Oiteiro e suas adversidades, essa nos ajuda a perceber as condições materiais dos trabalhadores catraieiros e as experiências de luta para superar as dificuldades cotidianas, para ter o mínimo de condições para sobreviver.

Para além das turbulências enfrentadas cotidianamente pelos catraieiros devemos analisar a visão que os trabalhadores do Porto de Fortaleza tinham do mar através da literatura, visto que dependiam dele para a lida cotidiana, com as suas contribuições e adversidades.

3. Os catraieiros e o mar: os olhares sobre a praia através da literatura

... Olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janela da alma⁸³.



Fotografia do Poço da Draga (Primeiros anos da República). Arquivo Carlos Juaçaba.

Na tentativa de analisar a paisagem da praia através dos olhares dos romancistas, durante os últimos anos do século XIX e início do século XX em

⁸²Idem, p. 28.

⁸³ CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto et al. **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.59.

Fortaleza, utilizaremos mais uma vez os romances *A Afilhada*, de Manuel de Oliveira Paiva, *O Mississippi*, de Gustavo Barroso e *A Normalista*, de Adolfo Caminha. São obras que realizam descrições da cidade de Fortaleza do início do referido período e, nos levam a passear pelas ruas da cidade, pelas praias, tornando possível compreender a imagem e a utilização que os indivíduos faziam da “beira-mar”.

O olhar de Adolfo Caminha, a partir da “terra firme”, é uma forma de demonstrar a importância do mar para as pessoas que habitavam a cidade de Fortaleza.

Defronte da avenida o mar, na sua aparente imobilidade, tinha reflexos opalinos que deslumbravam, crivado de cintilações minúsculas, largo, imenso, desdobrando-se por ali fora a perder de vista, e para o sul, muito ao longe, a luz branca do farol tinha lampejos intermitentes, de minuto a minuto. No porto a mastreação dos navios destacava nitidamente, inclinando-se num movimento incessante para um e outro, com oscilações de um pêndulo invertido⁸⁴.

Numa cidade litorânea como Fortaleza, observamos o destaque dado pelos romances da época para descrever a cidade, principalmente na sua região central e onde estava situado o Porto com toda sua importância para economia e dinâmica da cidade, pois era a mais relevante porta de entrada e saída de mercadorias, passageiros, notícias, livros, intercâmbios culturais, etc.

No livro *Território do vazio*, Alan Corbain aponta os sofrimentos, os prazeres e os sentimentos dos homens dos séculos XVIII ao XIX sobre a região da beira-mar. Para esse autor, somente é possível esse tipo de pesquisa “tomando emprestado seus olhares, vivendo suas emoções; somente uma tal submissão permite recriar o desejo da beira-mar, que se eleva e se propaga entre 1750 e 1840⁸⁵”.

Corbain relata que, durante o século XVIII, havia a apreciação negativa do litoral. A praia era vista como um local marcado pelas catástrofes, onde iam parar os objetos não aceitos pelo mar e também por onde os inimigos invasores chegavam.

O próprio mar putrefaz. O caráter malsão de suas exalações constitui uma das convicções mais enraizadas da medicina neopocrática dos séculos XVII e XVIII. O sal, que em grande quantidade impede a decomposição em pequenas doses acelera. Os vapores mefíticos que exalam do mar tornam as costas malcheirosas. Esse odor das praias, composto de emanações que a química do século XVIII se esforçará por analisar, resulta do apodrecimento dos depósitos marinhos⁸⁶.

⁸⁴ CAMINHA, op. cit. p. 93.

⁸⁵ CORBAIN, Alain. **O território do vazio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 7.

⁸⁶ CORBAIN, 1989. op. cit. p. 25.

Durante esse período tinha-se a idéia de que o mar era maléfico e fazia as embarcações e os navegadores apodrecerem, os alimentos estragarem e favorecia a proliferação de doenças. Essa era uma visão que gerava a repulsa da praia, visto que representava a impureza.

Corbain ressalta que durante os séculos XVI e XVII, os poetas, principalmente os franceses Théophile, Tristan e Saint-Amant, descreveram o litoral como o local propício para a admiração da paisagem. Essa visão, que estava ligada às crenças divinas da teologia natural na França, tinha como base a contemplação da natureza que serviria para testar o poder de Deus e pregava a educação do olhar para observar a grandeza divina através da natureza⁸⁷.

Durante o século XVII, a praia era freqüentada pelos grupos da elite econômica que desejavam fugir da melancolia e da solidão. Então, a praia passou a ser o local de conversas ou de retiros e meditações e da manutenção ou da busca pela saúde. Nesse sentido, o mar ganha feições terapêuticas e o banho de mar passou a exercer importante papel nos tratamento de enfermidades⁸⁸.

Ao nos referimos à beira-mar, acabamos por nos remeter a uma paisagem, pois não devemos nos limitar à percepção do espaço geográfico, mas a uma paisagem que é construída através das “percepções simbólicas” e que ultrapassam estas fronteiras.

Para tanto, devemos compreender que existe uma diferença entre o que entendemos por “paisagem em si” e a “percepção da paisagem”, posto que, a primeira é a delimitação e as características geográficas; já a segunda, é a paisagem filtrada pelo olhar fruto da subjetividade, dos valores culturais e sociais, ou seja, marcado pelas experiências⁸⁹. Nesse sentido, Malcolm Andrew, afirma que a paisagem é construída através do “processo de percepção do olhar”⁹⁰.

Para Certeau o lugar...

... é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para

⁸⁷ CORBAIN, 1989. op. cit. pp. 33-34.

⁸⁸ Idem, pp. 69-71.

⁸⁹ VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e imaginário: construções teóricas para uma história cultural do olhar. **Revista de História e Estudo Culturais**. V. 3, nº 3, 2006. 3-9.

⁹⁰ Idem, p. 9.

duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define⁹¹.

Para esse autor o espaço

...é o cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidades polivalentes de programas conflituais ou de proximidade contratuais... Diversamente do lugar, não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”⁹².

Portanto, a praia é o lugar que ganhar sentido de espaço a partir dos seus frequentadores como: banhistas, turistas, curistas e trabalhadores. Dessa maneira, para compreendermos a praia como um espaço de sociabilidade, podemos nos remeter também aos passeios de Maria das Dores na direção da Praia do Mucuripe, uma das personagens principais do livro *A afilhada*. Assim Barroso aponta suas impressões sobre a praia e seus moradores:

...Subiam à Maria das Dores desejos de largar-se por ali afora, curiosamente, como se por trás de cada morro se preparassem novas paisagens, como se novas praias beirassem outros mares e regiões de outra natureza. Arrancharia nas povoações plantadas do coqueiro, nos arraiais de pescadores, nas palhoças metidas na areia como no gelo a cova dos esquimós; espriaria-se-ia como aquelas ondas de mar, de vento, de céu, de poeira nevada.

A terra parecia findar-se na duna enorme de ponta Mucuripe, de onde descia uma alvura vagamente corada pelos tons das nuvens.

Sob o fundo dos coqueiros da povoação, viam-se branquejarem as velas das jangadas empoleiradas no seco e saídas da pesca: um acampamento de alvas barracas pontudas no poeiramento de crepúsculo. A praia vinha acompanhada, longe de uma linha escura de matos e de sítios, aqui fugindo para trás de um morro de pó, ali aparecendo como os cabelos de uma calva incompleta. E uma duna, de cimácio quase reto, encostando no escuro anil do sul, era como o dorso de um oceano de leite. Da areia porejava uma frescura conformativa. Porém, as educandas chegaram até a povoação. A irmã disse que já estavam muito afastadas do Meireles, e que era preciso voltar. Descansaram num dos botes, jangadinhas a remo para um só tripulante. Maria das Dores, com a irmã, sentaram-se no banco do remeiro. Veio-lhe de súbito um desejo de ir-se naquela jangadinha pelo mar adentro, e puxou a sua ex-preceptora a conversar sobre viagens⁹³.

Para Maria das Dores o passeio pela praia proporcionou-lhe momentos de contemplação e prazer, chegando a enxergá-lo como espaço de liberdade, pois poderia

⁹¹ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano-Artes de fazer**. Petrópolis: 4ª edição, Editora: Vozes, 1999. p. 201.

⁹² Idem, 202.

⁹³ BARROSO, 1996. op. cit. p.16.

conhecer outros lugares através da viagem pelo mar. O espaço da praia para Das Dores era marcado pela beleza da paisagem natural e as intervenções humanas. Essa era uma visão do século XIX que compreendia a praia como espaço que favorecia o bem-estar das pessoas. Após o passeio, Maria Das Dores passou a observar a praia e o mar com olhos mais sensíveis: “Gostava de avistar os caminhantes, lá por longe, pela beira da praia, meio ocultos pela ribanceira do areal, e fitava agudamente o ponto branco das jangadas na risca do mar”⁹⁴.

A praia, com o decorrer dos séculos, passou a ser utilizada para a manutenção da saúde, fundamentada pelo discurso médico vigente, o que provocou um afluxo de enfermos que buscavam a cura de doenças, em sua grande maioria de membros das classes dominantes, tomados pela tristeza, melancolia e, passaram a ter nos contatos com as ondas, uma maneira de tratamento médico⁹⁵.

No *Mississipi*, o autor descreve que “os bandos que buscavam as praias movimentavam-se a ida, mal caía à noite, e regressavam para a ceia o mais tardar às oito horas”. Enquanto alguns iam à praia ficavam as senhoras a preparar o jantar, pois diziam que o banho de mar abria o apetite, e também ajudava na cura de doenças como o beribéri, pois tinham a idéia da função terapêutica do mar.

Os médicos e higienistas do século XVI já pensavam na importância do contato com a água do mar e a contribuição à saúde das pessoas através de diferentes ambientes, não somente nas praias, mas também nas montanhas, para fugir das transformações da “vida moderna” que se avizinhava. Para os higienistas, a praia representava limpeza e a diminuição da proliferação das epidemias.

Além da utilização para fins terapêuticos, o mar era um espaço de sociabilidade. Afinal, as pessoas passaram a ter o hábito de se reunirem nas “noites de lua” para ir à praia, pois esse horário era recomendado pelos médicos, principalmente aos indivíduos escravos do conforto, que não sabiam andar senão sobre tapetes; em outras palavras, as pessoas “presas ao luxo”⁹⁶:

As meninas, moças e senhoras, acompanhadas de mucamas e moleques, guardadas pelos homens da casa, de cabelos caídos aos ombros, saia e blusas, arrastando chinelas, desciam pelas ladeiras do Gasômetro, da rua de

⁹⁴ Idem, p. 16.

⁹⁵ CORBAIN, 1989. op cit. pp. 70-71.

⁹⁶ Idem, p. 75.

Baixo, do Boris e da Conceição para as praias da alfândega e do Pocinho. Na primeira sobre o costão arenoso, alinhava-se uma dezena de barraquinhas de madeira, construídas por gente de recursos, nas quais se operava a mudança de roupas. Quem não possuía um desses refúgios, despia-se e vestia-se na própria praia, por trás duma empanada de lençóis estendida pelas criadas. A ocasião era propícia para certos namoros breves recados dos coiós, mas com os maiores cuidados, porque pais e irmãos vigiavam ciosamente o mulherio. Os costumes da época obrigavam os homens a se banharem separados das mulheres, que usavam sungas de baeta grossa geralmente vermelha, as mangas chegando aos punhos, as calças descendo até os tornozelos e a gola afogando o pescoço. Não se via, afora a cabeça, as mãos e os pés, um tico de carne⁹⁷.

Segundo Gustavo Barroso, os banhistas precisavam pegar o último bonde de nove horas, descrevendo a maneira que as mulheres saíam do banho e eram acompanhadas por meninotes que carregavam as roupas molhadas que pingavam pelos passeios. Enquanto ocorriam essas movimentações na praia “a lua boiava alta, muito redonda, no céu limpíssimo”⁹⁸.

João Mississippi, personagem principal do romance, guardava na sua memória as paisagens de Fortaleza, proporcionando-nos um passeio pela cidade e ressalta a pobreza marcante da sua cidade natal. Assim Barroso descreveu suas lembranças:

...dava-lhe o pensamento ganas de voltar rapidamente ao Ceará e rever aquilo. Mas logo encolhia os ombros magros ao sentir que dessa paisagem, tão viva na memória, as figuras humanas - mãe e os irmãos - tinham desaparecido para sempre e os aspectos materiais já não eram os mesmos⁹⁹.

Para João Mississippi, as paisagens apesar de terem sido modificadas, permaneceram imutáveis e vivas na sua memória. Mesmo depois de cego, afirmava conhecer toda a cidade de Fortaleza e guardava-a na memória, ressaltando que “agora” precisava conhecê-la através do olfato, devido à cegueira.

Na descrição de Barroso, a partir do Porto ou da “terra firme”, essa era a visão que se tinha mar:

Além da alfândega nova, montado sobre estacas, ficava o trapiche da Guardamoria. Nas grandes marés de agosto, as ondas venciam o costão arenoso e se espriavam debaixo daquela comprida construção de madeira pintada de azul. Corria paralela, vencendo um maceió do poço da Draga, última vestígio do projetado porto, uma grande ponte de ferro que unia a Alfândega ao quebra-mar atolado no areal¹⁰⁰.

⁹⁷ BARROSO. 1996. op. cit. p. 159.

⁹⁸ Idem. p. 164.

⁹⁹ Idem, p. 167.

¹⁰⁰ Idem, p. 161.

A partir desta descrição da região portuária, buscaremos perceber a visão que os trabalhadores catraieiros tinham do mar através das suas ações cotidianas do trabalho. No entanto, para tal intento enfrentamos muitas dificuldades e limitações em relação às fontes.

Em meio à ausência da fala dos trabalhadores, mais uma vez a produção literária nos é fundamental, pois nos possibilita encontrar os sujeitos históricos, além de percebermos os aspectos da região que circundava o Porto e a maneira pela qual a praia era utilizada.

No romance *A Normalista*, percebe-se a presença marcante do mar na dinâmica da cidade, quando o autor descreve o vai-e-vem de pessoas no Porto e na praia:

O tempo estava magnífico. Ventava forte e o mar em ressaca atirava sobre o quebra-mar uma toalha de espuma que se desmanchava em poeira tenuíssima irisada pelo sol. A cada golpe de mar havia uma algazarra na praia coalhada de gente. Escaleres navegavam para terra puxados a remo, destacando a bandeira do escaler da Capitania do Porto¹⁰¹.

Neste trecho visualizamos a praia como sendo um espaço marcado pelo movimento dos trabalhadores, passageiros e transeuntes, que admiravam o movimento das águas. Para esses trabalhadores o mar podia ser visto como local fundamental para a retirada do sustento da sua família e local de dura rotina de trabalho. Ou seja, ao mesmo tempo em que era fonte de vida, era também de cansaço. Daí a pertinência de afirmarmos que “nada pior que o mar para cansar um homem, por mais forte que seja”¹⁰². E o catraieiro, ao transportar carga e pessoas sobre a água, tinha que possuir além da força física, habilidade para esse trabalho, além de depender das condições da embarcação que manobrava para realizar de maneira satisfatória sua função.

Porém, os fatores abordados anteriormente estavam à mercê do “humor” da natureza, como no caso do barco “São Raphael” que precisou de um “concerto urgente, ou seja rebaixar as bordas, pois altas como são, não se presta para o serviço de

¹⁰¹ CAMINHA. op. cit.p. 156.

¹⁰² Ver DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ Ana. **Povos e mares**. São Paulo: NUPAUB - USP, 1995. p. 3.

transporte de sal, porque no balanço, bate contra navios e arrebetam-se como de facto se acham...”¹⁰³

Esses trabalhadores estão diante de mais uma relação de tensão, posto que o mar se apresentava de maneira dual através dos aspectos favoráveis e desfavoráveis na lida diária. O mar, local de onde retiravam o sustento da família, era também marcado pelas batalhas cotidianas para dominar a embarcação e realizar o transporte das mercadorias sem provocar prejuízos ou até mesmo acidentes no trabalho.

Com as lutas, diante do movimento das marés, o catraieiro, na sua atividade diária, precisava saber lidar com as adversidades causadas pela força dos ventos, elemento fundamental para o funcionamento da pequena embarcação, muito susceptível às ventanias. Como podemos perceber na descrição do serviço de carregamento do escaler “São Raphael” para bordo do Vapor Grão-Pará que foi prejudicado devido às dificuldades impostas pela força dos ventos.

Na primeira viagem que dei, foi-me preciso fundar a noite para entrar no outro dia, devido ao mar e forte ventania sucedendo porem partirem-se as 2 amarras, e correndo porem grande risco de naufrágio fora da barra, consegui salvar o “S. Raphael”¹⁰⁴.

Apesar das nossas limitações para identificar a visão dos trabalhadores catraieiros sobre o mar de Fortaleza, partimos da idéia de existirem adversidades impostas pela natureza e que estas fizeram parte das experiências vivenciadas pelos catraieiros no Porto, de modo que foram fundamentais para a elaboração de uma percepção sobre a importância do mar nas suas vidas.

4. Construção da trama: os momentos que antecederam à greve

Para compreendermos a greve dos catraieiros, ocorrida no Porto de Fortaleza, faz-se necessário analisar o cenário político. Para tanto, precisamos perceber os lances da trama que contou com a participação, não somente dos trabalhadores, mas também dos contratadores, comerciantes e membros do grupo político opositor a Nogueira Accioly.

¹⁰³ MOREIRA, Trajano. Telegrama Aracaty - Fortaleza, 17 de novembro de 1903. Documentação da Casa Comercial Boris Frères.

¹⁰⁴ MOREIRA, Trajano. Telegrama Aracaty - Fortaleza, 05 de setembro de 1904. Documentação da Casa Comercial Boris Frères.

Devemos ressaltar que, durante o quadriênio de 1900 a 1904, o Governo do Ceará estava nas mãos de Pedro Augusto Borges, aliado de Nogueira Accioly que administrou o Estado de maneira a reforçar o poderio da oligarquia acciolina. Mas, devido a problemas administrativos, devido aos avanços dos grupos opositores, a greve dos trabalhadores catraieiros e a aliança firmada entre estes, através dos serviços dos advogados aos trabalhadores sorteados e a visibilidade da greve dos catraieiros, através dos jornais tornaram a administração de Pedro Borges conturbada.

Além desses personagens, ressaltaremos a importância da Lei Federal de Alistamento, visto que, à maneira pela qual foi colocada em prática na cidade, serviu como ponto fundamental para a eclosão da greve. O “cenário” foi ganhando forma com o sorteio realizado no dia 26 de dezembro de 1903, em Fortaleza, e a conseqüente insatisfação dos trabalhadores catraieiros, acrescentada ao apoio dos patrões e políticos que deram a coloração do desenho, quadro este, posteriormente pintado com o sangue dos próprios trabalhadores, os quais estavam presentes à manifestação reivindicatória da manhã de domingo, no galpão do Porto.

Dessa maneira, podemos destacar a função da experiência nesses processos de construção, manutenção ou, até mesmo, de transformação dos costumes, através da vivência dos trabalhadores, nesse “quadro” constantemente modificado e pintado com diferentes cores, a partir das ações que constituem o seu dia-a-dia.

Para melhor compreendermos a greve dos catraieiros, o acontecimento do dia 03 de janeiro, e os momentos que o antecederam, analisaremos as Leis e os Decretos que determinavam o sorteio dos trabalhadores, para visualizar a repercussão dessa legislação e, principalmente, obter um panorama explicativo dos prelúdios dos acontecimentos.

Durante o ano de 1903 foram assinados pelo Presidente da República do Brasil, Rodrigues Alves, os Decretos nº 4901 e nº 4983, referentes ao processo de sorteio dos matriculados para a Armada da Marinha, com o objetivo de preencher os espaços vagos no contingente¹⁰⁵. O Decreto de nº 4901 expunha as instruções e a regulamentação para que os Sorteados, com idade de 16 a 30 anos, exceto maquinistas

¹⁰⁵ **Coleção Leis do Brasil de 1903**. Decreto Nº 4901, de 22 de julho de 1903. Rio de Janeiro Imprensa Nacional.

e pilotos, fossem inscritas por ordem alfabética em um livro especial, denominado Livro de Sorteio.

O referido Decreto estabelecia as regras pela qual o sorteio seria realizado, tais como: os papéis com os nomes dos matriculados deveriam ter o mesmo tamanho e cor; o sorteio contaria com a participação de uma comissão composta pelo Capitão do Porto, o Presidente da Comissão, e dois oficiais da Marinha; após o Sorteio, o Capitão dos Portos lançaria edital para convocar os sorteados, que deveriam ter três anos na ativa e/ou dois na reserva do serviço militar.

Este Decreto reforçava a Lei de Alistamento Militar de 1875 que, no Artigo 87, § 4º expunha os critérios de alistamento, como: a prioridade do sorteio para marinheiros e aprendizes marinheiros e para o pessoal da Marinha Mercante. Os trabalhadores do Porto, como pescadores, estivadores e catraieiros somente seriam alistados em último caso¹⁰⁶.

A Lei de Recrutamento Militar de 1874, que determinava o recrutamento forçado para o serviço militar, foi modificada em 1875, quando foi criado o Sistema de Sorteio Universal¹⁰⁷. O alistamento causou repulsa a qualquer tipo de recrutamento que vigorou durante esse período. Essas leis foram promulgadas num período em que a sociedade nordestina organizava constantes manifestações contestatórias às condições de pobreza dos trabalhadores das camadas subalternas da população. Hamilton Monteiro afirma que o aumento abusivo da cobrança de impostos, a nova Lei de Recrutamento, mais severa, e o sistema métrico decimal, geraram diversas manifestações nas províncias do Nordeste, como a denominada “Quebra-Quilos”¹⁰⁸.

O fato é que, nos fins do século XIX, grande parte da população camponesa e uma parcela da classe média das cidades nordestinas reagiram ao tipo de condição de vida a que estavam sujeitos, a distribuição desigual da terra, o aumento dos impostos, do novo padrão de pesos e medidas, resultando na revolta que passou a ser conhecida por “quebra-quilos” (1874-1875)¹⁰⁹.

¹⁰⁶ UNITÁRIO, Fortaleza. **Recrutamento para a Marinha**, 30 de dezembro de 1903, nº 77. p.1.

¹⁰⁷ MENDES, Fábio Farias. “A Lei da Cumbuca”: A revolta contra o sorteio militar. **Revista Estudos Históricos**. nº 24, 1999/2.

¹⁰⁸ MONTEIRO, Hamilton de Matos. **Nordeste insurgente (1851-1890)**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. pp. 51-52.

¹⁰⁹ Idem, pp. 52-53.

Além da crescente crise econômica agravada pela seca de 1877-79, os trabalhadores foram influenciados pela idéia de que teriam a liberdade cerceada com a Lei de Recrutamento, nº 2.556, de 26 de setembro de 1874, pois seriam convocados a contragosto¹¹⁰. Os boatos foram difundidos pelos grandes fazendeiros que não viam com bons olhos a lei, pois esta ameaçava diretamente a oferta da mão-de-obra e colocava em risco seus lucros, o que gerou os episódios de “rasgar listas”¹¹¹, ocasião em que as listas dos sorteados para o serviço Militar eram rasgadas pelas pessoas insatisfeitas com o processo de sorteio.

Ainda no final do século XIX, várias manifestações ocorreram no Brasil durante os primeiros anos da República, como a greve ocorrida em 1895 no Rio de Janeiro, analisada por Maria Cecília Velasco, a qual informa que o Coronel Francisco Alves Pessoa Leal tinha a função de organizar a Sociedade União dos Trabalhadores da Estiva, com o objetivo principal de reivindicar melhores salários e desvencilhar as dificuldades do trabalho. Esse recuo no tempo se faz pertinente, visto que a mobilização dos estivadores e trabalhadores do Porto, desde 1895, já passava por um processo de articulação do movimento dos operários portuários. E, mesmo com a derrota do movimento liderado pelo Coronel Leal, foi lançada a semente do movimento desses trabalhadores no Brasil¹¹². Como, em outubro de 1897, os trabalhadores do Porto de Santos aderiram à Greve que contava com a participação de várias categorias, nas Docas, os trabalhadores carregadores de café reivindicaram melhores condições salariais, chegando a 15 dias de agitação¹¹³.

Assim, partimos do pressuposto de que a resistência dos catraieiros ao alistamento arbitrário para a Armada da Marinha pode ter tido ligação com a cultura nordestina de repulsa ao recrutamento militar de 1874. Daí a pertinência de recuo no tempo para tentarmos compreender o porquê dos catraieiros terem reagido à idéia do alistamento e sorteio, posto que, assim como a determinação do recrutamento, o alistamento e sorteio foram vistos como meios utilizados pelo Governo Accioly para

¹¹⁰ Idem, p. 21.

¹¹¹ MENDES, op. cit. p. 5.

¹¹² CRUZ, Maria Cecília Velasco e. Solidariedade x rivalidade: a formação do sindicalismo estivador brasileiro. **Revista de História Unisinos**. Vol. 6, nº 6, 2002. pp. 38-40.

¹¹³ CARONE, Edgar. **A República Velha: Instituições de Classes sociais**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. p. 216.

retirar dos homens pobres a possibilidade de escolha do tipo de trabalho que realizavam.

O Decreto nº 4983, de 30 de setembro de 1903¹¹⁴, estabeleceu o contingente de pessoal a ser listado para cada Estado, tendo o Ceará recrutado 50, dentre os 750 matriculados. Seguindo as determinações do Governo Federal, o chefe da Capitania do Porto de Fortaleza, Capitão Lopes Silveira da Cruz, convocou, para o dia 27 de dezembro desse mesmo ano, a realização do sorteio. Nos dias se que seguiram ao sorteio, o jornal *O Unitário* anunciou que: “As comissões da Sociedade União dos Foguistas, Centro Geral dos Folguistas as Sociedades dos Arraes e Patrões e Club dos Officiaes da Marinha Mercante Brasileira, encarregadas de elaborar o protesto contra o sorteio para a Armada”¹¹⁵, convocou uma reunião para tratar sobre a questão do sorteio. Dessa feita, os artigos do jornal *O Unitário*, a partir de 26 de dezembro de 1903, passaram a mobilizar forças para questionar o processo de alistamento e sorteio.

Assim, o processo de Sorteio colocado em prática no Porto de Fortaleza, contou com o alistamento dos trabalhadores do mar e dos catraieiros, contrariando dessa maneira, a Lei Federal anteriormente citada. A partir da aplicação desses Decretos e da Lei temos como pano de fundo, a repressão imposta aos trabalhadores.

Em 1903, os trabalhadores de alguns portos, como o do Rio de Janeiro e de Santos, já possuíam uma organização tal, que ansiavam quebrar as amarras que os prendia ao controle dos empreiteiros ou contratadores, para se relacionarem diretamente com o mercado. Dessa feita, deve-se ressaltar que a mão-de-obra nos portos do Brasil era avulsa. Muito embora dela fizessem parte alguns trabalhadores fixos que, não possuíssem relações empregatícias com o Porto, estavam ligados aos contratadores e às empresas de navegação¹¹⁶.

Para Maria Cecília Velasco, as greves ocorridas nos portos durante a primeira República, foram marcadas pela busca do modelo *Closed Shop*¹¹⁷, que se baseava na contratação de trabalhadores, mediada pelos sindicatos. Dessa forma, os processos de organização e alocação de mão-de-obra nos portos, fugiam ao controle

¹¹⁴ **Coleção Leis do Brasil de 1903**. Decreto Nº 4983 de 30 de setembro de 1903. Rio de Janeiro Imprensa Nacional.

¹¹⁵ UNITÁRIO, Fortaleza. **Sorteio para a Armada**, 26 de dezembro de 1903, nº 76, p. 4.

¹¹⁶ CRUZ, 2002. op. cit p. 31

¹¹⁷ Idem, pp. 31-32.

dos contratadores e recebedores de mercadorias, dando maior autonomia aos trabalhadores. Esse sistema, segundo a autora, marcou a história dos portos do Brasil, principalmente, em Santos e no Rio de Janeiro.

Para tanto, no mês de agosto de 1903, ocorreu, no Porto do Rio de Janeiro, um movimento que mobilizou os trabalhadores ligados à Parede¹¹⁸ que não os deixou subir nas lanchas para realizar o desembarque de café dos navios¹¹⁹. A partir desse período, o movimento do Porto do Rio de Janeiro e de diversas partes do Brasil alcançou maior notoriedade e, gradativamente, ganhou espaço no teatro das disputas dos trabalhadores da época. Em Fortaleza, o jornal *O Unitário* divulgou telegramas, nos quais constavam notícias sobre as mobilizações que estavam ocorrendo em diversas partes do Brasil e de forma mais veemente no Rio de Janeiro, de maneira a reforçar a “causa justa” dos trabalhadores do Porto de Fortaleza, segundo a seguinte nota:

- Em consequência da execução do sorteio para o serviço da armada no dia 30, o pessoal da Marinha Mercante declarou-se em greve, sendo suspenso o tráfego dos barcos de Petrópolis e Nitheroy é assim paralyzado todo o serviço do mar.
- O vapor S. Salvador não seguirá para o norte, por falta de foguistas.
- Diversos Navios estão despachados, mas sem poderem sahir, em consequência da Parede.
- O vapor S. Salvador parte hoje para o norte, com pessoal tirado d’armada¹²⁰.

Entendemos que os trabalhadores catraieiros tiveram conhecimento dos movimentos ocorridos em Santos e no Rio de Janeiro através dessas publicações. que buscaram divulgar o movimento paredista¹²¹ corrente nesses portos, conforme a publicação a seguir: “Esta paralyzado todo o serviço de transporte por mar; os grevistas são em número de cerca de 1200. Consta que outros portos da união adheriram ao movimento d’aqui”¹²².

Em Fortaleza a mobilização dos catraieiros ocorreu fundamentada no objetivo de fugir ao processo de Alistamento e Sorteio para a Armada da Marinha, foi

¹¹⁸ Local do Porto onde os trabalhadores se reuniam para a contratação do serviço de frete pelos contratadores.

¹¹⁹ CRUZ, 2002. op. cit p.. 32

¹²⁰ UNITÁRIO, Fortaleza. **Recrutamento de Marinha**, 30 de dezembro de 1903, nº 77, p. 1.

¹²¹ As manifestações dos portuários que se negaram a trabalhar, em protesto as más condições de pagamento e trabalho, ficaram conhecidas como movimentos paredistas.

¹²² UNITÁRIO, Fortaleza. Telegramas enviados no dia 29 de dezembro do Rio de Janeiro e publicados em 30 de dezembro de 1903, nº 77.

exatamente no contexto de luta desses trabalhadores, notícia divulgada pelo jornal *A nação* destacando a vitória do movimento grevista dos trabalhadores do Porto do Rio¹²³, que conseguiram negociar melhores condições de pagamento e de trabalho com o Governo e os contratadores.

Os catraieiros perceberam que era um momento propício para realizar suas reivindicações, sendo a obrigatoriedade do alistamento a principal bandeira de luta, visto que os jornais ligados à oposição não abordaram outras exigências, provavelmente, porque tinham relações próximas aos comerciantes e contratadores, responsáveis pela mão-de-obra avulsa do Porto.

Durante a Primeira República, as condições econômicas da classe operária eram precárias, marcadas por várias reivindicações e experiências de trabalho, fossem dos trabalhadores têxteis, domésticos, artesãos, portuários etc, em consequência dos salários pagos de maneira diferenciada nos Estados do Brasil e que variavam de acordo com as funções exercidas. Os ofícios tidos como mais qualificados, por causa da mesma oferta da mão-de-obra, eram mais bem pagos.

Os trabalhadores marítimos, portuários e ferroviários estavam inseridos em um problema público, devido à importância dos mesmos para a economia, visto que eram fundamentais para o escoamento de mercadorias pelo País. Dessa maneira, o Governo do Ceará foi diversas vezes forçado a negociar com esses trabalhadores, o que fugia à regra do contexto vigente.

Um fator determinante para a articulação do movimento portuário era o fato de que os trabalhadores utilizavam intensamente da força física pois necessitavam de músculos desenvolvidos. Essa peculiaridade gerava uma característica seletiva e, portanto, reduzia o acúmulo de trabalhadores masculinos a um “exército de reserva”, dificultando, mesmo no momento de greve, a substituição da mão-de-obra. Essas características eram determinantes nas condições de vida dos trabalhadores, levando-se em consideração a jornada de trabalho e a ausência de leis para proteger o empregado dos abusos dos patrões.

Entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX surgiram os sindicatos operários de cunho mais combativo, voltados para a contestação da jornada

¹²³ CRUZ, 2002. op. cit. p. 35.

de trabalho, as condições de trabalho, os salários e as formas de pagamentos. Assim, foi destacável a articulação e participação dos trabalhadores ligados ao mar, durante o período analisado, no tocante às reivindicações, manifestações e greves, posto que os catraieiros do porto de Fortaleza estavam inseridos nesse contexto.

Esse período é marcado pela articulação de movimentos operários e pela repressão do poder público, sendo importante ressaltar a organização da classe operária brasileira, quando do surgimento das primeiras Sociedades de Socorros Mútuos, que objetivavam o auxílio material para os membros de uma mesma categoria e a busca de interesses comuns¹²⁴. Além desse aspecto propício, os trabalhadores do setor de serviços ainda tinham a favor das suas lutas o fato de fazer parte essencial do setor econômico agro-exportador. Com essas bases, o movimento gradativamente foi se fortalecendo e se firmou durante a década de 20.

O fato é que os trabalhadores Portuários e Marítimos, segundo colocam Cláudio Batalha e Boris Fausto¹²⁵, faziam parte de um setor de serviços vital para a organização da cidade e, sabedores de sua importância econômica, suas reivindicações ganharam fôlego no fim do século XIX e primeiros anos do século XX, influenciados pelas idéias políticas que estavam surgindo no movimento operário urbano desse momento, como o trabalhismo carioca, o anarquismo, o anarco-comunismo e o socialismo.

A primeira corrente ideológica surgida nesse período, segundo Boris Fausto, foi o “trabalhismo carioca”, que tinha como ponto fundamental a tentativa de negociar melhores condições de trabalho e o suprimento de necessidades imediatas negociadas com os patrões (reivindicações mínimas)¹²⁶.

Claudio Batalha criticou os termos “trabalhismo carioca” e denominou esta corrente de “Sindicalismo Reformista”. Este movimento dos trabalhadores visava a organização duradoura, com bases financeiras bem articuladas, para praticar o “mutualismo”. Segundo esse autor, para os reformistas, a greve era um meio de obter

¹²⁴BATALHA, Cláudio Henrique Morais. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 15.

¹²⁵ FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)**. 5ª edição; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 42.

¹²⁶ FAUSTO, Boris. Apud CRUZ, Maria Cecília Velascos e. **Virando O jogo: estivadores no Rio de Janeiro da Primeira República**. São Pulo, 1998. Tese de Doutorado – Área de Sociologia da Universidade de São Paulo. p. 18.

ganhos e, por vezes, aceitavam o apoio de advogados políticos para intermediar as negociações com os patrões¹²⁷.

A articulação dos trabalhadores reformistas com os políticos era uma atitude que tinha como objetivo conseguir espaço e êxito em meio às reivindicações. Este é um ponto fundamental para pensar a aproximação entre o movimento reformista e a greve dos catraieiros no Porto de Fortaleza, em 1904, pois estes trabalhadores tiveram o apoio dos advogados que faziam parte dos grupos opositores ao governo do Estado desejando obter notoriedade e, principalmente, somar forças para lutar contra o processo arbitrário de sorteio para a Armada da Marinha.

Mesmo com a ação das ideologias anteriormente citadas, o “trabalhismo carioca” ou “movimento reformista” pode ser melhor identificado entre os trabalhadores do Porto de Fortaleza, posto que uma das principais reivindicações vigentes, entre marítimos e portuários, era a ação imediata para liberação do processo de sorteio. E, principalmente, por que reforça a idéia de um movimento trabalhista que estava interessado em pequenas reivindicações ou objetivos mais imediatos.

No decorrer dos anos, o trabalhismo foi aos poucos sufocado pelos avanços do anarquismo, não somente na Capital da República como também em São Paulo, onde o movimento operário teve a forte presença das idéias anarquistas¹²⁸, notadamente entre os trabalhadores do Porto de Santos.

O “Centro das Classes Operárias” foi um importante movimento organizado por socialistas e formado, essencialmente, pelos marítimos no Rio de Janeiro, assim como a greve ocorrida em 1903 contra a Companhia Lloyd Brasileira, a qual contou com a participação de 800 homens que se negaram a trabalhar durante 8 dias, visando obter a demissão de um dos seus diretores no Rio de Janeiro¹²⁹.

Com esse movimento, os trabalhadores dos Portos Brasileiros estavam reagindo à Lei Federal de Sorteio para a Armada da Marinha e às questões referentes à organização precária do trabalho.

Em Fortaleza, os sorteados alegavam não servir à Armada da Marinha, porque eram “arrimos de família”, além de muitos deles não estarem dentro dos limites

¹²⁷ BATALHA, op. cit. p. 33.

¹²⁸ FAUSTO, op. cit. p. 60.

¹²⁹ CARONE, 1975. op. cit. p. 217.

da idade exigida pela Lei. Somado a esses motivos estava o desejo de não deixar de praticar a atividade de trabalho.

O jornal *O Unitário*, do dia 14 de janeiro de 1904, divulgou um extenso artigo escrito por Manoel Armindo Cordeiro criticando o processo através do qual o sorteio foi colocado em prática. Segundo o mesmo, o art. 72, § 24, da Constituição Federal, que tratava sobre o procedimento de sorteio, foi colocado em prática de maneira incorreta, pois jamais foram considerados navios componentes da Marinha Mercante os botes, saveiros, catraias, jangadas, etc¹³⁰. Dessa feita, os artigos e críticas realizadas pelo *O Unitário* e *Jornal do Ceará* à oligarquia acciolina alegaram que a prática colocada em ação no Estado do Ceará foi arbitrária, fortalecendo e legitimando as exigências dos grevistas.

Com a paralisação dos catraieiros, os navios que chegaram ao Porto não foram descarregados, gerando insatisfação do Presidente do Estado do Ceará, Pedro Augusto Borges, visto que o Porto era o principal ponto de entrada e saída de mercadorias. A partir dessa insatisfação, na manhã do dia 03 de janeiro de 1904 a greve dos catraieiros tem seu ápice.

5. A fatídica manhã de 03 de janeiro de 1904

(...) Três de janeiro é a expressão do golgotha que verteu o sangue cearense e registra o momento em que o espírito do povo revoltado contra o ludibrio e o morticínio, ergue-se toma proporções gigantescas e prepara-se para a luta.

Era preciso morrer-se naquele dia, ainda, para despertarmos hoje ao toque do clarim que anuncia a necessidade da reparação do supplicio, a queda do Tyrano, o desaggravo da affronta feita aos nossos irmãos que baixaram com nossas lagrimas, e daquelles que as muletas para atestar a illucidez do Sr. Pedro Borges...¹³¹.

O dia 03 de janeiro de 1904 foi marcado pela manifestação dos trabalhadores do Porto da cidade de Fortaleza, os quais questionavam o processo de alistamento e sorteio para o serviço da Armada da Marinha Brasileira, dia que ficou lembrado pelo sangue derramado dos grevistas.

Após ter sido realizado o sorteio, no dia 27 de dezembro, incluindo catraieiros e pescadores, foram realizados os pedidos de *habeas-corpus* pelos

¹³⁰ UNIÁRIO, Fortaleza. **Sentença**, 14 de janeiro de 1904, nº 84. p. 4.

¹³¹ UNITÁRIO, Fortaleza. **Pobre Ceará**, 02 de fevereiro de 1904, nº 92. p. 4.

advogados que faziam parte do grupo oposicionista, ou seja, eram membros das famílias que possuíam notoriedade política, mas não estavam contentes com o domínio da oligarquia acciolina, como: João Brígido, Agapito Jorge dos Santos, Valdemiro Cavalcante, Hermenegildo Firmeza, dentre outros, com a justificativa de que o alistamento e o sorteio foram realizados arbitrariamente, não respeitando os critérios de idade e de funções no Porto¹³².

As insatisfações dos opositores decorriam do domínio de Nogueira Accioly, que estava no controle da política Estadual desde 1896, diante do prestígio de seu sogro, o Senador Pompeu.

A política no Estado do Ceará passava por um período de turbulência diante dos acertos políticos do então Presidente da República, Campos Sales, que objetivava manter no controle governamental do País as oligarquias ligadas ao poder Federal de maneira a obter uma relação política mutualista.

Com o apoio da “Política dos Governadores”, colocada em prática por Campos Sales, ele objetivava somar força entre o poder central do País e os Estados. Dessa feita, Nogueira Accioly conquistou notoriedade na política nacional e manteve-se à frente do Estado à custa do nepotismo e de fraudes em eleições. Em meio aos privilégios concedidos aos apaniguados da oligarquia, alguns grupos políticos, antes ligados a Nogueira Accioly, romperam os laços com o oligarca e passaram a fazer oposição ao seu poderio.

Porém, mesmo no período em que apoiava Nogueira Accioly, João Brígido estava insatisfeito com a maneira pela qual, os cargos públicos eram divididos, como também com a concentração da riqueza no Estado, privilegiando somente à família Accioly e a um pequeno grupo de políticos, mais próximos do oligarca.

João Brígido distanciou-se de Accioly em janeiro de 1904, com o apoio dado aos catraieiros e com às críticas publicadas no jornal *O Unitário*, passando a questionar a oligarquia vigente, juntamente com o jornal situacionista, *A República*, rompendo definitivamente relações políticas e passando a ser opositor.

Em meio às disputas políticas com a oligarquia Acciolina, os oposicionistas adotaram a causa dos catraieiros, possivelmente devido à relação existente entre estes

¹³² UNITÁRIO, Fortaleza. **Habeas-Corpus**, 02 de janeiro 1904, nº 78. p. 1.

e os contratadores de mão-de-obra portuária. Assim, concederam apoio à decisão de paralisação dos trabalhos, que deram início ao movimento grevista¹³³.

Segundo o trecho abaixo do Relatório do Presidente do Estado, Pedro Borges, é possível visualizar o tipo de tratamento recebido pelos manifestantes:

Effectivamente, pela manhã cedo do dia 03 de janeiro, quando se achava ancorado ao porto o vapor “Maranhão”, procedente do norte, abarrotado de passageiros com destino a esse Estado, a praia. No local ordinário, achava-se quase deserta. Os escaleres fluctuavam esparsos sobre as vagas, os catraeiros e os homens habituados ao serviço do mar, formavam pequenos grupos, de observação na linha da praia, o serviço de transporte completamente paralyzado denunciava a existência da greve. (...) Mantendo a atitude pacífica, a força descansou as armas, confiando que os grevistas, melhor avisados cessassem as hostilidades ao serviço Federal iniciado para o desembarque dos passageiros... Muitas pessoas do povo, que haviam aderido a sua causa confraternisaram publicamente com elles no galpão da Recebedoria, excitando os ânimos (sic.)¹³⁴.

O primeiro fato, que nos chama atenção no texto acima, é que Pedro Augusto Borges admitiu oficialmente a existência da greve e demonstra na sua fala a visão de que os grevistas eram homens grosseiros que estavam com os ânimos exaltados, tendo o Governo a obrigação de manter a ordem diante de tal situação.

Para amenizar a tensão existente, o Capitão do Porto, Lopes da Cruz, propôs uma reunião na manhã do dia 03 de janeiro de 1904, a qual contaria com a participação dos grevistas, cujo objetivo era negociar a situação vigente. No entanto, deve ser ressaltado que, para o poder governamental, a questão dos trabalhadores durante o período aqui analisado era um “caso de polícia”.

Segundo Cláudio Batalha, a política nacional vigente, as manifestações e greves eram ações que quebravam a harmonia e a organização da sociedade, sendo, dessa maneira, necessária a utilização da repressão para restabelecimento da ordem. Com esse intuito, eram efetuadas prisões arbitrárias, empastelamento de jornais, invasões das casas dos manifestantes, etc¹³⁵.

Na manhã do dia 03 de janeiro, mesmo com a manifestação, o Comandante do Porto tentou obrigar os grevistas a descarregar o navio e transportar os passageiros impedidos do desembarque, porém, os mesmos se negaram a tal feito. Então, Luis

¹³³ Ver o UNITÁRIO do dia 09 de janeiro de 1904, nº 82 e do dia 04 de fevereiro de 1904, nº 93.

¹³⁴ **Relatório do Presidente do Estado**. 01 de julho de 1904. pp. 4 - 8.

¹³⁵ BATALHA, op. cit. p. 12.

Lopes da Cruz, também apelidado por João Brígido, *la Croix*, resolveu, com o apoio de Augusto Borges, repreendê-los.

Para o Governo, os trabalhadores agiram de maneira “pensada e premeditada”, pois no dia 02 de janeiro já corriam notícias que, na manhã seguinte, os homens matriculados na Capitania dos Portos se negariam a realizar o serviço de embarque e desembarque de mercadorias e passageiros¹³⁶.

O movimento grevista contou com a organização e a participação efetiva dos trabalhadores e contratadores, devido aos interesses lucrativos dos mesmos, além do que os trabalhadores não aceitavam passivamente as mudanças impostas pelo Governo.

Raimundo de Menezes assim descreveu com riqueza de informações os momentos que antecederam o episódio da praia:

O dia 3 despertava borrascoso. Era domingo. Chegara, manhãzinha cedo o paquete “Maranhão”.

Notava-se no ponto de desembarque um corre-corre desudado e gente... corre - corre fora do habitual. Agitado vaivém de populares e de homens do mar.

Às sete horas exatamente explodiu o movimento grevista. Aderiram, desde logo, catraieiros e demais empregados no tráfego marítimo. Os poucos indiferentes tiveram de abandonar o trabalho, forçados pelos paredistas¹³⁷.

Interessante perceber no texto citado, o quanto a greve fugia ao cotidiano da cidade, tendo sua causa questionada. Também é importante analisar detidamente a passagem que trata a respeito dos trabalhadores indiferentes à manifestação e afirma que foram forçados pelos grevistas a deixarem seus postos de trabalho, como a descrição anterior de Raimundo de Menezes e o Relatório do Presidente do Estado, do ano de 1904: “Fora assentado, como ponto fundamental da greve ou seu objectivo irreductivel, que a nenhum catraeiro seria permitido trabalhar, ainda mesmo áquelles que inspirado em melhor conselho, se recusassem a fazer parte della”¹³⁸.

A partir desses relatos, podemos ter uma noção da força e da organização do movimento grevista, que contou com a participação significativa dos trabalhadores do

¹³⁶ **Relatório do Presidente do Estado**. 01 de julho de 1904. p. 5. Ver Anexo V que detalha a posição do Estado em relação a greve.

¹³⁷ MENEZES, op cit. p. 120.

¹³⁸ **Relatório do Presidente do Estado**. 01 de julho de 1904. p. 5.

Porto, os quais foram acusados de desrespeitar a autoridade do Governo e causar desordem na cidade.

Para o Presidente, Pedro Borges, os grevistas agiram de forma agressiva contra o Batalhão de Segurança, destacando, no relatório de 1904, que os manifestantes dispararam tiros e pedradas contra os representantes da ordem, sob a liderança e presença marcante de três catraieiros: Cairára, Capivara e Luiz Bexigoso.

A injunção da autoridade fôra desrepeitada. Ao approximar-se a força, foi recebida a pedradas, a cacete e balas de revolver. O catraeiro Cairára se jactou perante testemunhas de haver disparado todos os tiros de seu revolver contra praças da força estadual: Luiz Bexigoso, outro grevista, disparou três tiros; Capivara, que era o cabo de ordens dos insufladores da greve, munido igualmente de revolver, fez uso de sua arma¹³⁹.

O tratamento dedicado aos que se reuniram no galpão do Porto de Fortaleza na fatídica manhã do domingo, 03 de janeiro, foi agressivo. Essa atitude está presente nos escritos dos memorialistas não muito simpáticos à oligarquia acciolina. Afirmam, pelo contrário, que os trabalhadores estavam realizando uma manifestação pacífica¹⁴⁰ e foram surpreendidos com a chegada abrupta de soldados do Batalhão de Segurança e da Marinha enviados para repreender os manifestantes que estavam causando desordem.

Diferente da versão de Pedro Borges para o episódio da praia, Raimundo de Menezes afirma que a manifestação ganhou clima de hostilidade com a atitude do Comandante, que levou os catraieiros a reagir, os quais “aglomerados, em represália, se opuseram à saída do bote virando-o, tomando à força os remos, e quebrando-os”¹⁴¹. O desfecho foi sangrento em consequência da resistência dos grevistas que, armados, não queriam aceitar o descarregamento e desembarque das pessoas que se encontravam retidas no vapor “Maranhão”.

Os catraieiros, armados de facas, cacetetes e achas de lenha, irritados ao extremo, tentaram impedir, de qualquer forma, o desembarque. E a fuzilaria irrompeu violenta, usando das suas armas os praças da polícia, sem dó nem piedade para fazer tombar, ingloriamente, pobres marítimos, brasileiros como eles!¹⁴²

¹³⁹ **Relatório do Presidente do Estado**. 01 de julho de 1904. p. 8.

¹⁴⁰ Ver em: TEÓFILO, Rodolfo. **A Libertação do Ceará**. Edição: Fac-similar, Fundação Waldemar Alcântara, 2001; AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Editora: Casa José de Alencar. Programa editorial, UFC. 2ª edição, tiragem especial, 1992; MENEZES Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**. Fundação Demócrito Rocha; Fortaleza, 2000.

¹⁴¹ MENEZES, op. cit. p. 121.

¹⁴² Idem, op. cit. p. 122.

O memorialista Rodolfo Teófilo, mesmo não estando presente em Fortaleza no dia do episódio da praia, também abordou a repressão sofrida pelos catraieiros e reprovou a atitude do Governo:

Desceu a força militar e encontrou os catraieiros em atitude hostil e numerosa massa de curiosos que assistia o movimento. O galpão da recebedoria do estado achava-se cheio de gente inerme.

Os Catraieiros logo que avistaram a força romperam nos maiores insultos e houve um delles que chegou em frente do Commandante e disse-lhe os maiores impropérios. O sr. Cabral da Silveira não reagiu, mas o ajudante de ordens do Presidente do Estado, moço de gênio violento, não se conteve e assumindo o commando deu ordem para atacar os grevistas. Os soldados quase todos matadores, assassinos, mandados vir do sul do estado durante o primeiro governo do Sr. Accioly, de nada mais precisaram para carregarem sobre o povo matando a torto e a direita¹⁴³.

As palavras de Rodolfo Teófilo nos alerta para o questionamento sobre as versões dos memorialistas, os quais, às vezes, expõem um olhar preconceituoso e estigmatizado sobre os trabalhadores da época, relacionando-os a “pessoas hostis” e “ignorantes”, talvez pelo fato de serem trabalhadores braçais, ou colocando-os também como culpados pelo ocorrido, devido às atitudes “desrespeitosas” diante da determinação do Comandante.

Portanto, faz-se pertinente, tomando alguns cuidados, a citação de Maurice Halbwachs, ao tratar da “memória coletiva”:

Toda memória se estrutura em identidades de grupos: recordamos a nossa infância como membros da família, o nosso bairro como membros da comunidade local, a nossa vida profissional em função a comunidade da fábrica do escritório e/ou de um partido político ou de um sindicato e assim por diante; que estas recordações são essencialmente memórias de grupos que a memória do indivíduo só existe na medida em que esse indivíduo é um produto provavelmente único e determinada intersecção de grupos¹⁴⁴.

Dessa maneira, ao utilizarmos as versões dos memorialistas Raimundo de Menezes e Rodolfo Teófilo, entendemos que as recordações pessoais são o resultado dos acontecimentos sociais e políticos da época.

Ao final do dia 03 de janeiro e, nos dias seguintes foram registradas sete mortes e, aproximadamente, 30 feridos, os quais ficaram amontoados, largados pelos

¹⁴³ TEÓFILO, op. cit. pp. 13-14.

¹⁴⁴ JAMES, Fentress. WICKHAM, Chris. **Memória Social** - Novas Perspectivas sobre o passado. Tradução: Telma Costa. Editora; Teorema. pp. 7-8.

corredores da Santa Casa de Misericórdia¹⁴⁵. No Noticiário do jornal *O Unitário*, na matéria “*Nomes das vítimas do dia 03*”, no dia 09 de janeiro foi divulgada a lista com o número de feridos.

Feridos na Santa Casa de Misericórdia

1. Manoel Luiz Anselmo, cearense, casado 2 filho
2. João Francisco da Silva, 35 anos, cearense, casado, 6 filhos.
3. Waldevino Nery do Santiago, solteiro, 20 anos.
4. Antonio Batista Nogueira, 21 anos, solteiro.
5. José Saldanha Souza; casado, 1 filho.
6. Luiz Barreira, solteiro.
7. José Pedro de Menezes, cearense, 24 anos, casado.
8. Antonio Belleza da Silva, 20 anos, cearense.
9. Antonio Rodrigues Carneiro. 35 anos, cearense, casado.
10. Francisco Baptista, 43 anos, casado, cearense.
11. Agostinho Franklin de Lima, cearense, casado, 1 filho.
12. Joaquim Correia, solteiro, 15 anos.
13. Bruno Figueiredo, 21 anos, solteiro, estudante.
14. Luiz Monteiro dos Santos, cearense, casado, 3 filhos.
15. Francisco Lourenço, casado, 21 anos.
16. Francisco Cariolano da Silva, solteiro, 22 anos.
17. José Deandro dos Santos, casado, 3 filhos.
18. Antonio Rodrigues da Silva, 32 anos, casado.
19. Francisco Firmino Alves, viúvo, 53 anos, Macau.
20. Manoel Francisco do Nascimento casado, 26 anos, Rio Grande do Norte.
21. Ludgerio Joaquim dos Santos, solteiro, 24 anos, cearense.
22. Francisco Antonio, solteiro, 21 anos, cearense.
23. Mariano Faustino Rodrigues, cearense, casado, 1 filho.
24. Joaquim de Souza Morim, solteiro, 10 anos, cearense.
25. Luiz Monteiro dos Santos Filho, cearense, 1 filho.
26. Antonio Medeiros, solteiro, 20 anos, cearense.
27. Joaquim Xavier Correia, 18 anos, solteiro, cearense.
28. Francisco Antonio, solteiro.
29. Cabo Francisco Antonio de Souza Morim, solteiro, 19 anos.
30. Cabo Marianno Faustino Vira, casado¹⁴⁶.

Nas páginas do Jornal *O Unitário*, foram dedicadas edições quase inteiras ao episódio da praia, desde o editorial até o último texto da página quatro. Na edição número 98, do dia 16 de fevereiro, João Brígido destacou as condições precárias em que se encontravam as vítimas do dia 03 de janeiro e a acusação de desvio das doações aos seus familiares:

A Santa Casa se tornou um açougue, onde morrião sangrando muitos Paes de familia, fez-se um montão de pernas e braços cortados, durante muitos dias a um ilustre clinico ouvimos falar disto com assombro.
(...) Um real não deo do seo bolço às viúvas e orphãos e quando o peteca do sr. Lampreia lhe mandou por bajulação, 610\$ com destino às victimas do

¹⁴⁵ TEÓFILO, op. cit. p. 14.

¹⁴⁶ UNITÁRIO, Fortaleza **Pormenores**, 09 de janeiro de 1904, nº 82. p. 4.

grande crime, S. Exc. Os desviou do seu destino, fazendo com elles uma barretada á administração da Santa Casa...¹⁴⁷.

Das sete vítimas fatais do massacre, apenas Luiz Monteiro dos Santos foi identificada como catraieiro, segundo as listas divulgadas no jornal *O Unitário* no decorrer do mês de janeiro de 1904:

1. Adelino Marques Dias, solteiro, 22 anos, portuguez.
2. João Mendes da Silva, casado, cearense com 10 filhos.
3. Napoleão Alcantarino, solteiro, 21 annos, cearense.
4. João Coimbra, 75 annos, solteiro, cearense.
5. Uma criança
6. José Rodrigues da Silva, casado, 3 filhos.¹⁴⁸
7. Luiz Monteiro dos Santos Filho, catraieiro, casado, uma filha ¹⁴⁹.

Ao analisar o Jornal *O Unitário*, podemos destacar que esses números referentes aos catraieiros foram modificados no decorrer dos dias e, também, a ênfase nos indivíduos que sofreram lesões graves como amputações, devido à agressiva ação do Batalhão de Polícia, como o caso de João Mendes da Silva, conhecido como João Cabano, catraieiro matriculado, mas que na lista não consta como tal.

Os jornais citavam entre as vítimas do acontecimento da praia, o catraieiro José Leandro dos Santos que teve o braço direito amputado, por causa dos ferimentos¹⁵⁰. Também são relatados outros casos de óbito, como a morte posterior, no dia 15 de janeiro, do catraieiro Luiz Monteiro dos Santos, de 23 anos, casado com Idulberge. Para os jornais oposicionistas, Monteiro era “homem valido, trabalhador e honrado, que trazia farta a sua casa sem fazer mal a alguém...”¹⁵¹. Ou seja, estes jornais buscavam ressaltar a ação injusta do Governo, diante de um “homem correto”.

Os jornais oposicionistas destacaram em várias edições, além da ação repressiva do Governo, o descaso diante das vítimas e dos seus familiares, de modo a dar maior visibilidade à questão da greve, intensificando as críticas à oligarquia acciolina. Mas as lutas dos catraieiros não estavam restritas à questão do Recrutamento

¹⁴⁷ UNITÁRIO, Fortaleza. **Coração**, 16 de fevereiro de 1904, nº 98. p. 1.

¹⁴⁸ UNITÁRIO, Fortaleza. **Pormenores**, 09 de janeiro de 1904, nº 81, p. 4.

¹⁴⁹ UNITÁRIO, Fortaleza. **Pormenores**, 26 de janeiro de 1904. nº 89. p. 4. Essa edição cita as vítimas que morreram, com uma vítima a mais da lista divulgada, com os que não resistiu aos ferimentos na Santa Casa de Misericórdia.

¹⁵⁰ UNITÁRIO, Fortaleza, 28 de janeiro de 1904, nº 90. p. 1.

¹⁵¹ UNITÁRIO, Fortaleza. **Mais uma vítima**, 19 de janeiro de 1904, nº 86. p. 1.

e da greve, pois também existia tensão no cotidiano de trabalho, principalmente, em relação aos contratadores.

6. As relações de trabalho entre contratadores e catraieiros.

“Navio parado não pega frete e tem prejuízo”¹⁵².

De início, o que parece mais perceptível na relação de trabalho dos catraieiros com os contratadores é a tensão existente entre os mesmos. Enquanto, de um lado, estavam os contratadores responsáveis pelo contrato de mão-de-obra avulsa para a carga e descarga dos navios e que também mantinham relações com as Casas Comerciais, como Boris Frères, Holdernes & Salgado, as quais mantinham ligações com as grandes empresas de navegação. No outro lado, estavam os catraieiros trabalhadores avulsos, que sofriam as duras cobranças dos patrões, o estabelecimento de relações empregatícias e em relação de dependência a vários contratadores. Tratava-se de uma atividade marcada pela instabilidade, visto que era um trabalho ocasional e dependente das condições do mar, da chegada e saída dos navios, além de que poderiam ser ou não escolhidos na “parede”¹⁵³ para a contratação. Além destes fatores, era hábito do catraieiro trabalhar durante o dia todo e conseguir o dinheiro que precisava para suas necessidades mínimas e voltar a trabalhar somente quando necessário.

Os contratadores viviam a outra face do trabalho, visto que eram os patrões imediatos dos catraieiros, mas estavam ligados às empresas de navegação como a Lloyd Brasileira, o que exigia a realização de um trabalho satisfatório e com baixos custos. Dessa maneira, o peso das maiores cobranças, para tais intentos, recaía sobre os trabalhadores avulsos, que eram fiscalizados ativamente pelos patrões/contratadores.

A relação de tensão ocorria entre os trabalhadores e os contratadores devido, principalmente, aos interesses diferentes e divergentes, pois, enquanto os catraieiros realizavam a atividade de transporte de mercadorias para retirar o sustento da sua

¹⁵² SILVA, 2003. op. cit. p. 178.

¹⁵³ SILVA, op. cit. p. 136.

família, mesmo de maneira insuficiente, aceitando as condições materiais precárias, os contratadores exigiam agilidade no serviço para aumentar os lucros e pressionavam os trabalhadores.

Maria Cecília Velascos Cruz analisa a dinâmica de contratação da mão-de-obra dos portos e podemos verificar a semelhança com o que ocorria no Porto de Fortaleza ao afirmar:

Os portos são quase sempre marcados por uma terceira característica geral de grande importância para a cristalização da forma de contratação da mão-de-obra: eles são palco de um choque fundamental de interesses entre seus proprietários, exploradores e/ou administradores e seus principais usuários - os armadores. A raiz do conflito é fácil de ser percebida. Ao proprietário ou exportador do porto interessa maximizar a renda oriunda do uso de suas instalações ou serviços, mediante a cobrança de taxas sobre a tonelage dos navios, tempo de atracação, transito de mercadorias, armazenagem, utilização dos maquinismos do cais, fornecimento de água, lastro, etc. Ao armador, pelo contrário, interessa minimizar os custos acima e agilizar ao máximo a passagem do navio pelo porto, carregando e descarregando o mais rápido possível¹⁵⁴.

Nesse sentido, a tensão entre as partes aqui analisadas era inevitável porque ambos eram cobrados, dentro das suas funções, pelas grandes empresas de navegação e, obviamente os trabalhadores avulsos ficavam à mercê dos contratadores que, muitas das vezes, eram destacados comerciantes da cidade.

No caso do porto de Fortaleza ocorria um sistema no qual os grandes armadores nacionais como a Lloyd Brasileira, Companhia Nacional de Navegação Costeira, Lloyd Nacional S. A., Companhia de Comércio e Navegação trabalhavam com o sistema de estiva indireta, ou seja:

...tinham sua estiva contratada por empreiteiros que se obrigavam a agir como contratantes da mão-de-obra, pagando as despesas relativas a taxas portuárias e avarias, tendo ainda que fornecer todo material necessário à segurança e ao transporte nas embarcações¹⁵⁵.

O sistema de contratação dependia da chegada dos navios e isso contribuía para a dispersão dos trabalhadores, posto que os grupos contratados para o embarque e desembarque não eram fixos. Isso gerava uma dispersão entre estes trabalhadores e a dificuldade para fortalecer um órgão centralizado representante da categoria.

¹⁵⁴ CRUZ, 1998. op. cit. p. 38.

¹⁵⁵ SILVA, op. cit. p. 170.

A escolha era marcada pela turbulência gerada pelos trabalhadores que se aglomeravam ao redor do contratante em busca do trabalho de regime ocasional, além de buscarem se destacar para chamar atenção, fosse pelas características físicas, pelas relações de trocas de favores ou apadrinhamentos. As relações estabelecidas entre os catraieiros e contratadores na Parede ultrapassavam os limites da contratação, pois nesse local ocorriam conversas, até mesmo sobre política, encontros estáveis que fortaleciam os laços de amizade, ou seja, o fortalecimento dos laços de solidariedade e o aumento da capacidade de mobilização¹⁵⁶.

A solidariedade era importante na vivência dos trabalhadores portuários, visto que compartilhavam muitas dificuldades no tocante à exploração no trabalho, às formas de contratação e de pagamentos. Os laços de amizade e interesses poderiam existir entre trabalhadores de ofícios diferentes, diante da proximidade entre os catraieiros e os pescadores, como podemos perceber no telegrama divulgado na segunda página de *O Unitário*, do dia 26 de janeiro.

Fortaleza - 4

O sorteio para a armada procedido entre os matriculados na Capitania do Porto no dia 29 do passado ocasionou a declaração da <greve> geral dos homens empregados na pescaria e no trafego do porto.

Hoje a chegada do vapor <Maranhão> todos se recusaram a fazer o serviço de embarque e desembarque de passageiros e cargas¹⁵⁷.

Com a leitura do trecho acima, observamos que os laços de solidariedade foram estreitados devido à necessidade comum dos portuários de lutar contra o processo de recrutamento. Assim, como no jornal *O Unitário*, do dia 30 de dezembro de 1903, Hermenegildo Firmeza já havia chamado os pescadores¹⁵⁸ a resistir ao processo injusto de recrutamento e os aconselhou a não obedecer e resistir “com a lei ao recrutamento, que nem sequer respeita os direitos, que o antigo recrutamento militar garantia”¹⁵⁹.

Os contratadores possuíam a função de escolher a mão-de-obra, além disso, fiscalizá-la; definiam o salário a ser pago, os limites dos carregamentos das

¹⁵⁶ Idem, p 153.

¹⁵⁷ UNITÁRIO, Fortaleza. **Telegrammas**, 26 de janeiro de 1904. n° 85. p. 4.

¹⁵⁸ Entendemos que, devido ao conhecimento prático sobre o mar, os pescadores também realizavam o serviço de transporte de mercadorias e passageiros sobre a água nas chamadas catraias.

¹⁵⁹ UNITÁRIO, Fortaleza. **Recrutamento da Marinha**. 30 de dezembro de 1903, n° 77. p. 1.

embarcações e buscavam, ao máximo minimizar, o tempo de trabalho para diminuir os gastos.

Serve a presente para comunicar lhes que estão não sei por quantos dias, empatados no porto do Fortinho sem poder ir com sal a bordo do “Grã Pará”. Na primeira viagem que dei, foi-me preciso fundear a noite para entrar no outro dia, devido ao mar e forte ventania sucedendo porem partirem-se as 2 amarras, e correndo porem grande risco de naufrágio fora da barra, consegui salvar o “S. Raphael” sem avaria, porem perdi os 2 ferros com as competentes amarras (correntes) e estou no Fortim, amarrando o navio nos mangues da costa sem poder fazer nada. Peço-lhes no primeiro navio que d’ahi vier mande 2 ancoras e 2 correntes, para aproveitar o “Grã Pará”, para qual navegação 11 pequenas embarcações todo dia e se eu perder esta occazião, é um ? para nos ambos¹⁶⁰.

No trecho da correspondência acima, podemos perceber os transtornos causados aos contratadores quando ocorridos problemas no processo de carga e descarga dos navios. Tomamos com base esse texto para adentrarmos num ponto muito importante dessa pesquisa: embates existentes entre os catraieiros e contratadores durante a greve 1903-1904. Quando na manhã do dia 03 de janeiro de 1904, os catraieiros em protesto ao sistema de sorteio e alistamento para a Armada da Marinha se negaram a realizar o desembarque dos “300 passageiros do navio Maranhão, sendo 50, de primeira classe e os demais, de terceira, tiveram de ficar presos a bordo, sem possibilidade de vir para terra, à falta de condução”¹⁶¹.

O Navio permaneceu ao largo e os passageiros ficaram impossibilitados de sair e as mercadorias não foram descarregadas, o que ocasionou prejuízos aos contratadores. Possivelmente, essa foi a intenção dos catraieiros: atacar o “ponto fraco” dos seus patrões, para assim conseguir visibilidade ou êxito ao que reivindicavam.

Por mais que os contratadores fossem de certo modo a favor da insatisfação dos trabalhadores, com relação à Lei de Sorteio Militar, pois perderiam a mão-de-obra, não era interessante para eles aquele tipo de manifestação que prejudicava de imediato seus lucros.

A Lei Federal de Sorteio não favorecia o sistema de oferta de mão-de-obra para contratadores, acarretando o aumento no preço do serviço a ser pago a eles e a

¹⁶⁰ TRAJANO, José. 05 de setembro de 1904. Correspondência Comercial recebida pela firma Boris Frères de Aracati. Documentação da Casa Comercial Boris Frères. Arquivo Público Intermediário do Ceará.

¹⁶¹ MENEZES Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**. Fundação Demócrito Rocha; Fortaleza, 2000. pp. 120-121.

conseqüente diminuição dos lucros, visto que gastariam mais com o transporte das mercadorias e passageiros. Dessa feita, a greve por mais que causasse transtornos imediatos para os patrões dos catraieiros, serviria para um objetivo maior dos armadores, a manutenção da oferta de mão-de-obra.



Serviço de carga e descarga dos navios, através de alvarengas, escaleres e catraia na década de 1930. Arquivo H Espínola.

O episódio do dia 03 de janeiro e os efeitos negativos da greve para a economia da cidade, não foi motivo de preocupação somente para os contratadores e redatores de *O Unitário*, mas também causou preocupação ao Governo do Estado e Associação Comercial, os quais promoveram uma reunião extraordinária no dia 04 de janeiro de 1904 para analisar a situação do serviço de embarque e descarga de mercadorias na emergência dos graves acontecimentos do dia anterior. A reunião contou com a presença do presidente da Associação, Dr Thomas Pompeu, do secretário Dr. Alfredo Severino e também do Presidente do Estado¹⁶².

Em nota para contestar o transtorno ocorrido durante a chegada ao porto do navio Maranhão, um passageiro descreveu o episódio da praia, publicado na primeira página de *O Unitário*, afirmando ter sido lamentável o fato e destacou a cobrança de taxas para a realização do desembarque, afirmando: “Eu paguei 22\$, e houve quem pagasse 50\$, 100\$ e até 200\$ afora o carroto dos baús e denuncia que parte do dinheiro foi para o Sr. José Gaytoso”¹⁶³. A greve continuou após o 03 de janeiro mesmo diante

¹⁶² UNITÁRIO, Fortaleza. **Associação Comercial**, 16 de janeiro de 1904, nº 85. p. 4.

¹⁶³ UNITÁRIO, Fortaleza. **José Gaytoso**, 04 de fevereiro de 1904, nº 93. p. 1. José Gaytoso foi um senhor procedente do Estado do Amazonas no dia seguinte ao 03 de janeiro e, segundo escrito no Unitário, realizou

das pressões e da repressão do Governo para que o trabalho fosse normalizado, o que gerava medo aos trabalhadores.

Os catraieiros, embora submetidos ao sistema de disciplina de diferentes empresas, possuíam maiores possibilidades de enfrentamento direto com os contratadores. Apesar do que, no caso da greve em Fortaleza, as fontes levam-nos a entender que o motivo maior para a insatisfação era o processo de recrutamento para a Armada e não, imediatamente, aos abusos dos contratadores.

Na edição do dia 26 de Janeiro de 1904, assim como em várias outras publicações, os redatores de *O Unitário* e também advogados, conclamavam, a atenção aos que não compareceram ao escritório de João Brígido, para solicitar o *habeas-corpus*. O Jornal listou os contemplados com esta ação, concedida no dia anterior para os sorteados, relatando, também, os que não conseguiram o referido direito¹⁶⁴.

O apoio não ocorreu somente através de ações jurídicas, já que o jornal *O Unitário* também realizou denúncias no tocante às cobranças de taxas indevidas pelo Capitão do Porto aos trabalhadores e às disputas do mesmo com alguns contratadores.

Um caso relevante, divulgado no dia 16 de janeiro de 1904, foi o destaque dado pelo jornal à intimação realizada pelo capitão do Porto de Fortaleza obrigando os agentes da Companhia Inglesa de Vapores, senhores Holdernes e Salgado para retirarem as guaritas de madeira. Essa ação demonstra a tensão existente, também, entre os contratadores e o Capitão Lopes da Cruz:

O capitão do Porto Lopes da Cruz havia mandado intimar aos agentes da Companhia de vapores ingleses nesta praça, os negociantes, Holdernes e Salgado, para retirarem umas guaritas, ou casas de madeira, que possuem na praia para o trabalho do pessoal da sua agencia e onde têm carteira, livros, papeis etc, necessários ao serviço dos vapores.

Para semelhante absurdo invocou o Capitão do Porto o facto de prejudicarem aquellas guaritas á fiscalização do serviço da alfandega.

O Inspector d'esta informou em sentido contrario, e Holdernes e Salgado pediram um mandato de manutenção ao juis seccional, o qual foi concedido.

O Sr. Lopes está mesmo uma fera, querendo bulir com todo o mundo.

Ah macacão!...

Só é de lastimar-se que sahindo tão já do Ceará, não encontre quem lhe dê uns murros na sua larga queixada e dentuça amarella de feio¹⁶⁵.

especulações e se aproveitou da situação calamitosa do Porto para ganhar dinheiro e também buscou proteger seu amigo, o Capitão Lopes da Cruz.

¹⁶⁴ UNITÁRIO, Fortaleza. **Habeas-Corpus**, 26 de janeiro de 1904, nº 89. p. 2.

¹⁶⁵ UNITÁRIO, Fortaleza. **Habeas Corpus**, 26 de Janeiro de 1904, nº 85. p. 4.

Como podemos verificar, em alguns momentos a relação entre os contratadores e o Capitão do Porto era difícil¹⁶⁶, como no caso dos Senhores Holdernes & Salgado, pois haviam interesses comerciais, sendo os serviços e os lucros dos comerciantes e contratadores comprometidos pelas ações de Lopes da Cruz.

As páginas do jornal *O Unitário* referendam a idéia de que os catraieiros eram explorados através da cobrança de taxas ilegais pelo Capitão Lopes da Cruz, mas não aborda as condições de pobreza dos mesmos, que eram agravadas não somente pelas cobranças de taxas indevidas, mas também pela exploração do trabalho por parte dos armadores. Porém, estes colaboradores do jornal estavam próximos aos opositoristas da oligarquia acciolina¹⁶⁷.

Portanto, assim como Godofredo Maciel, João Brígido, Agapito Jorge dos Santos, Valdemiro Cavalcante, Hermenegildo Firmeza e outros, apesar de criticarem o processo de alistamento que atrapalhava os interesses econômicos dos contratadores, na sua maioria também comerciantes, não denunciavam os maus tratos destes aos trabalhadores do mar.

¹⁶⁶ A relação de trabalho entre os comerciantes, seus contratadores e o Capitão do Porto era ditada pela tensão, pois Lopes da Cruz também tomava decisões, como cobranças de taxas de embarque e desembarque que, iam de encontro com os interesses dos grandes comerciantes e das Casas Comerciais.

¹⁶⁷ UNITÁRIO, Fortaleza. **Ao Público**, 27 de fevereiro de 1904, nº 103. p.1.

PARTE II

A greve dos catraieiros e a questão político-partidária



INTRODUÇÃO

No presente capítulo, analisaremos o contexto das disputas políticas de Fortaleza, durante o período de transição do Império para a República, e as mudanças no tocante às lideranças políticas do Estado do Ceará. Neste sentido, abordaremos as repercussões políticas da greve dos catraieiros e do trágico dia 03 de janeiro de 1904, e a partir da idéia de que o grupo opositor, liderado pelo advogado João Brígido, elaborou um discurso político que ressaltava o episódio da praia para intensificar as críticas à oligarquia acciolina.

Para intensificar as críticas, os opositoristas trataram a questão da greve através da elaboração de um discurso político, que teve como argumento a repressão realizada aos manifestantes grevistas pela oligarquia de Antônio Pinto Nogueira Accioly. Dessa maneira, a greve dos catraieiros passou a ser, para o grupo opositorista, o ponto fundamental para as disputas políticas e partidárias da época. Assim, faz-se necessário realizar uma análise mais detalhada sobre os laços existentes entre os catraieiros e os opositoristas¹⁶⁸, posto que a greve dos catraieiros teve desdobramentos políticos.

Finalizando, analisaremos os acontecimentos que se seguiram ao 03 de janeiro, pois, através da leitura dos jornais do período, pudemos verificar a participação da população na articulação das manifestações e das críticas à oligarquia acciolina. Acrescentando a essas ações insatisfatórias realizaremos uma abordagem sobre as condições de pobreza, a que ficaram relegadas as famílias dos mortos e feridos que, em alguns casos, sofreram mutilações.

1. O cenário político de Fortaleza (1896-1904)

Para analisarmos o cenário político do Ceará nos primeiros anos do século XX, faz-se pertinente conhecer os personagens da política desse período. Devemos começar nossa análise fazendo um histórico da oligarquia acciolina, a qual teve papel de destaque no cenário político brasileiro durante a Primeira República. A oposição

¹⁶⁸ CARONE, 1970. op.cit. p. 269.

surgiu devido ao alijamento dos grupos políticos¹⁶⁹ do período da transição entre a Monarquia e a República no Ceará.

Edgard Carone assim descreveu Nogueira Accioly:

... O oligarca do mais longo reinado do Brasil republicano, era político que vinha do Império. A república trouxe a sua queda; só em 1895 é que Acioli reassume o poder político quando o Governador Bezerril Fontenele o chama para sucedê-lo...

Nogueira Acioli, como qualquer outro oligarca, sustentou-se no poder estendendo seu controle sobre toda a vida do estado: parentes e amigos dominam a administração política e a segurança; a Constituição Estadual é modificada várias vezes para legalizar atos favoráveis ao grupo e à eleição de membros da família...¹⁷⁰

Como bem afirmou Edgard Carone, Nogueira Accioly possuía notoriedade política desde o período imperial, quando do seu casamento com a filha do Senador Pompeu. A ascensão política do oligarca ocorreu com a doença e depois a morte do sogro em 1877, pois assumiu os negócios da família e a liderança do Partido Liberal.

O Partido Liberal, liderado por Nogueira Accioly contava com a participação dos Paula e os Pompeu, porém Accioly não conseguiu manter o grupo coeso, ocorrendo a divisão: Antonio Rodrigues passou a liderar os Paula e Antonio Pinto Nogueira Accioly os da família Pompeu. Devemos ressaltar que esses grupos políticos tinham nos jornais um dos principais mecanismos de divulgação dos seus ideais, sendo os Paula representados pelo Jornal *O Cearense* e os Accioly pela *Gazeta do Norte*¹⁷¹, fundado pelos mesmos após a morte do Senador Pompeu.

Gradativamente, Nogueira Accioly foi ocupando os espaços políticos: em 1878, foi Presidente da Provincial do Ceará; em 1884, Vice-Presidente do Ceará; em 1889, Senador do Império, porém não assumiu o cargo devido ao advento da República.

No entanto, a chegada do período republicano não significou o banimento do grupo acciolino do cenário político cearense, visto que os grupos políticos do período do Império, os conservadores e os liberais, se inseriram na nova forma de governo e, em 1892, Nogueira Accioly assumiu o cargo de Senador da República.

¹⁶⁹ A escolha dos cargos do Governo era feita entre pessoas proeminentes do Partido oficial, onde o Governo se confundia com o partido dominante, e este com as classes agrárias. Ou seja, era uma relação de troca de interesses pessoais e partidários para manter-se no poder.

¹⁷⁰ CARONE, 1974. op. cit. p. 87

¹⁷¹ ANDRADE, 1994. op. cit. p. 214.

A fase de transição da Monarquia para a República foi marcada pelas disputas políticas entre os grupos republicanos tradicionais e os antigos grupos monárquicos, os quais, ao buscarem espaço dentro do novo contexto, fundaram novas agremiações políticas¹⁷².

Os antigos conservadores se desdobraram em “aquirazes” ou “miúdos”, liderados pelos irmãos Fernandes Vieira, Miguel e Gonçalo; e os “Ibiapabas” ou “graúdos”, eram liderados pelo Barão de Ibiapaba e o Senador Domingos Jaguaribe. Já os liberais dividiram-se entre os “Pompeu” ou “minus”, chefiados por Nogueira Accioly e o conselheiro Benjamim Liberato Barroso; e os Paula ou “Ripados” liderados pelo conselheiro Antonio Rodrigues Junior e Vicente de Paula Pessoa¹⁷³.

Em 1890 foi fundado o Clube Democrático por Rodrigues Junior e a União Republicana, chefiada por Nogueira Accioly, que também criou o jornal *O Estado do Ceará* em substituição de *A Gazeta do Norte*.

Os republicanos engajados¹⁷⁴ fundaram o Centro Republicano com o objetivo de combater os grupos remanescentes da Monarquia, porém esse grupo convivia com fortes divergências internas, o que culminou na ruptura e a divisão do grupo entre os dissidentes liderados por Martinho Rodrigues, Antonio Cruz, Gonçalo Lages e Justiniano de Serpa, também chamados de Maloqueiros, os quais fundaram o Jornal *O Norte* para defender os interesses do Partido dissidente. Os ortodoxos foram liderados por João Cordeiro, chamados de Cafinfins e conservaram o jornal *O Libertador*. Segundo Waldir Sombra, “os partidários e amigos do Sr. Presidente do Estado eram pejorativamente apelidados de cafifins; e seus opositores, de maloqueiros”¹⁷⁵.

Com a ascensão do Marechal Floriano Peixoto à Presidência da República, o Grupo dos Maloqueiros foi prestigiado e, os Canfifins foram deixados à margem do poder. Aproveitando-se dessa situação, Nogueira Accioly trabalhou para a fusão entre

¹⁷² ANDRADE, 1994. op.cit. 216.

¹⁷³ GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. Instituto Histórico e Geográfico, 2º edição, 1962. p.p. 239- 242.

¹⁷⁴ Entende-se por republicano engajado, os políticos que faziam parte do movimento a favor da República desde o início, nos últimos anos da Monarquia no Brasil.

¹⁷⁵ ANDRADE, 1994. op. cit. 217; SOMBRA, Waldir. **A Guerra dos Panfletos: Maloqueiros versus Cafinfins**. Fortaleza: Casa de José de Alencar. Programa editorial, 1998. p. 22.

o Centro Republicano, formado pelos republicanos engajados e a União Republicana, liderada pela família Accioly. Dessa feita foi fundado em 1º de junho de 1892, o Partido Republicano Federalista que dedicou apoio total a Floriano Peixoto. Os antigos adversários políticos uniram forças e os jornais *O Libertador* e *O Estado do Ceará* foram fundidos no jornal *A República*¹⁷⁶.

Em 1891, morreu Luis Antônio Ferraz, primeiro Presidente do Estado. Então, foi empossado pelo Congresso cearense o General José Clarindo de Queiroz e o major Benjamim Liberato Barroso como Vice-presidente. Mas, devido Clarindo de Queiroz ser deodorista¹⁷⁷, com a deposição de Floriano Peixoto e a dissolução do Congresso Nacional, ele sofreu duras conseqüências e foi deposto¹⁷⁸.

Após a deposição de Clarindo de Queiroz, José Freire Bezerril Fontenele assumiu a Presidência do Estado e, depois de três dias, foi forçado pelo poder Federal, sob o argumento que seria mais útil servindo ao País, a passar o cargo para o Vice-presidente Benjamim Liberato Barroso.

O contexto que se apresentava foi extremamente frutífero para a consolidação política de Nogueira Accioly, prestigiado pelo fato de ser o Presidente do Partido Republicano Federalista, sendo escolhido Primeiro Vice-presidente até 1896 e, na seqüência, foi eleito Presidente do Estado para o quadriênio de 1896-1900¹⁷⁹.

Raimundo Girão, assim descreve a política acciolina:

Tal política, de intuits justificados, gerou todavia, o nepotismo político e em várias unidades de federação floresceram as oligarquias, com as odiosidades do seu exclusivismo e a intolerância dos seus processos de ação.

No Ceará, a oligarquia aciolina plantou os seus sólidos alicerces no referido primeiro período governamental do chefe e durante quatro quadriênios sucessivos dominou¹⁸⁰.

Nesses primeiros anos do período Republicano, Nogueira Accioly se afirmou no cenário nacional, tendo sua força política ampliada pela “Política dos Governadores”, colocada em prática por Campos Sales, então Presidente da República.

¹⁷⁶ ANDRADE, 1994. op. cit. 217.

¹⁷⁷ Deodoristas eram as pessoas que apoiavam a Presidência do Marechal Deodoro da Fonseca e faziam oposição ao então Presidente da República, Floriano Peixoto.

¹⁷⁸ BARROSO, 1984. p. 39.

¹⁷⁹ ANDRADE, 1994. op. cit. 218.

¹⁸⁰ GIRÃO, 1962. op. cit. p.p. 245-246.

Segundo Aroldo Mota essa política, “consistia em reconhecer mandatos parlamentares pelas Mesas das Casas Legislativas sob influência dos Presidentes de Estado”¹⁸¹.



Com o apoio Federal, Nogueira Accioly afastou do cenário político dos grupos tradicionais do período imperial, como os Paula Pessoa, que se aliaram aos setores médios, como os caixeiros e, em especial, aos comerciantes¹⁸², e buscaram o apoio dos trabalhadores, como os portuários e os ferroviários.

O ano de 1904 foi fundamental para o fortalecimento das forças oposicionistas à Nogueira Accioly, tendo como acontecimento inicial para o desenrolar das disputas políticas, a formação de alianças entre diversos setores da sociedade e, como uma das motivações, a repressão à greve dos catraieiros.

A Associação Comercial do Ceará, órgão representativo dos interesses dos comerciantes de Fortaleza, foi fundada em 1866, tendo suas atividades encerradas em 1875 e reorganizada em 1897, posto que o comércio estava fora das decisões governamentais¹⁸³. Inicialmente, a Associação Comercial caminhou à sombra da oligarquia acciolina, porém, devido aos desmandos políticos de Nogueira Accioly, como a cobrança indevida de impostos decretados, em 1904, passou para a oposição e,

¹⁸¹ MOTA, Aroldo. **História Política do Ceará 1889-1930**. Fortaleza, Stylus Comunicações, 1987. p.111.

¹⁸² PORTO, Eymard. **Babaquara, Chefetes e Cabroeira** – Fortaleza no Início do século XX. Fortaleza: Coleção Teses Carenses. p. 64.

¹⁸³ Idem, pp. 66-67.

após eleição para a Diretoria da Associação, não foi eleito o representante dos Accioly, Thomas Pompeu¹⁸⁴, mas José Gentil Alves de Carvalho.

Em seção extraordinária, no dia 04 de janeiro de 1904, para discutir o acontecimento da manhã do dia anterior, a Associação deliberou:

1º Reclamar do poder competente a retirada do Sr. Lopes da Cruz commandante da Escola de Aprendizes Marinheiros e o Sr. Franco Cabral da Silveira Commandante da Policia e capitão do exercito, Executores do morticínio dos nossos patrícios.

2º Pedir ao Governo da União a vinda e um batalhão federal para a garantia dos cearenses expostos a morte pela polícia do Estado.

3º Conservar-se ainda fechado por três dias o commercio, como protesto contra o acto de vandalismo que tem assombrado a população¹⁸⁵.

Com a chegada de José Gentil Alves de Carvalho à Presidência da Associação e de seu sócio, José Artur da Frota, ocorreu o revezamento da direção com o Barão de Camocim na presidência e vice-presidência. A partir desse momento os comerciantes passaram a representar uma força opositora significativa à oligarquia¹⁸⁶.

Além da Associação Comercial as fileiras oposicionistas ganharam fôlego com a Fenix Caixeiral, defensora do interesse dos caixeiros, e o Centro Artístico Cearense, fundado em 8 de fevereiro de 1904, formado por artesãos e operários¹⁸⁷.

Em 1904, foram realizadas eleições e, Pedro Augusto Borges foi eleito, contando com o apoio fundamental do Ministro da Fazenda, Dr. Joaquim Murтинho. Nogueira Accioly foi derrotado, porém Borges logo caiu nos “laços” do acciolismo através de trocas de apoio entre o Governo do Estado e a Câmara Estadual dos Deputados, constituída, na sua maioria, por membros da oligarquia acciolina.

Essa gestão teve como um dos acontecimentos marcantes a greve dos caixeiros, como já foi citado, e as mudanças decorridas nas disputas políticas do Estado. Compreende-se que um fator relevante dessas transformações foi a força política articulada pelo grupo liderado pelo advogado João Brígido, antes aliado de Accioly.

Para explicar seu rompimento, João Brígido escreveu na primeira página do Jornal Unitário o artigo “*Adeus, adeus*”, onde afirmava:

¹⁸⁴ Idem, p. 67.

¹⁸⁵ UNITÁRIO, Fortaleza. **Associação Commercial**, 04 de janeiro de 1904, nº 79. p. 1.

¹⁸⁶ PORTO, op. cit. p. 68.

¹⁸⁷ Idem, p. 78.

... De ora em diante, não seria arte de nenhuma *communhão* política, que tivesse por chefe o senhor Senador Accioli, com quem tinha andado na política do Ceará, desde 1866, quando S. Exc. Deixará o Partido Conservador, e viera reunir-se aos que combatião sob a chefia do sempre lembrado Senador Pompeu¹⁸⁸.

Após desvincular-se da oligarquia que dominava o cenário político do Estado do Ceará, João Brígido engrossou as fileiras da oposição que se fazia ao domínio do oligarca cearense.

Edgard Carone assim caracteriza as oligarquias da primeira fase da República: as formadas por grupos impermeáveis, fechados à participação de elementos estranhos, o que resultou em oposição armada e combates armados pelo poder; e a que dominava os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), empregando familiares e correligionários para manter o controle das decisões nos três níveis, obrigando todos a adotar uma posição favorável ou contrária a sua política¹⁸⁹.

A análise realizada por Carone faz-se pertinente, visto que ao pesquisar a oligarquia de Antonio Pinto Nogueira Accioly, identificamos as duas características anteriormente citadas. O poder estadual tornou-se local de arranjos para favorecer os membros da família de Accioly, solidificados pela “Política dos Governadores”, na qual o chefe oligarca afirmou-se no cenário político brasileiro tendo o apoio de membros das três esferas do poder no País.

Nesse sentido, Maria Emília Alencar expõe a visão dos jornais opositoristas sobre a oligarquia de Nogueira Accioly:

O discurso do jornal Unitário reitera a afirmação do Jornal do Ceará, pontuando que o partido situacionista seria uma “senzala de pretos”, escravos. Accioly, comandando aquela “multidão de lacaios destinava-lhes o que sobrava dos filhos e genros. Eram tratados a osso; a “carne do vitello” era despojo dos familiares¹⁹⁰.

Mesmo com todo o mecanismo de apoio político, a oligarquia acciolina utilizou outras maneiras para manter-se no domínio político no Ceará, buscando o apoio dos “coronéis” no Interior do Estado, dando-lhes total apoio. Para garantir a eleição dos candidatos de seu interesse, o oligarca obstruía o processo, impedindo

¹⁸⁸ UNITÁRIO, Fortaleza. **Adeus, Adeus**, 09 de janeiro de 1904. Nº 82. p. 1.

¹⁸⁹ CARONE, 1974. op. cit. p. 270.

¹⁹⁰ ALENCAR, Maria Emilia da Silva. **À sombra das palavras: a oligarquia e a imprensa (1896- 1912)**. Dissertação defendida no programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal do Ceará, 2008. p. 158.

muitas vezes o alistamento de novos eleitores. Devemos ressaltar que esses mecanismos não eram exclusivos das oligarquias do Ceará, posto que foi uma prática do início do período republicano, na qual nada foi feito para eliminar a fraude eleitoral¹⁹¹.

Durante o período eleitoral de 1904, o grupo que disputou os cargos políticos nas eleições de abril, acusou o processo eleitoral de corrupto e realizou um manifesto através do Diretório do Partido Opositor composto por:

João Brígido, Agapito Jorge dos Santos, Waldemiro Cavalcante, Álvaro Teixeira de Souza Mendes, Antonio Cruz Saldanha; Carlos Felipe Rabelo de Miranda, Dr. José de Castro Medeiros, José Martins de Freitas, Afonso Fernandes Vieira, Francisco Fontenele Bezerril, João Oton do Amaral Henriques, José Bezerra de Menezes, Eduardo Girão, Theofilo Rufino Bezerra Filho, Hermenegildo de Brito Firmeza, Godofredo Maciel e Theodomiro de Castro¹⁹².

Os nomes acima citados são dos principais opositoristas que se envolveram nos embates desenrolados a partir dos primeiros dias de 1904, tendo como fator relevante à repercussão política da greve dos catraieiros.

Dessa feita, para compreendermos as acirradas disputas políticas a partir de 1904, torna-se fundamental conhecermos os desdobramentos políticos e sociais a partir da greve dos catraieiros.

2. As consequências imediatas da greve dos catraieiros.

Partimos do pressuposto que as consequências políticas imediatas dos acontecimentos dos dias que se seguiram à greve dos catraieiros, durante o período de 03 de janeiro de 1904 até 11 de abril do mesmo ano, quando ocorreram eleições estaduais em meio às reivindicações dos trabalhadores, foram somadas à revolta dos comerciantes e de um grupo de intelectuais e políticos, os quais engrossaram as manifestações que não contestavam somente a ação sangrenta da manhã de 03, mas também o Governo do Estado e a oligarquia de Nogueira Accioly.

Logo após o final da chacina ocorrida no Porto de Fortaleza, segundo a versão do *Unitário*, a população realizou uma manifestação tomada pela revolta, levando o cadáver do comerciário Adelino Marques Dias para a frente do Palácio do

¹⁹¹ ALENCAR, 2008. op. cit. 156.

¹⁹² MOTA, 1987. op. cit. 135.

Governo, exigindo providências e punição dos culpados pelo morticínio da praia¹⁹³. No entanto, Pedro Borges os dispersou sob a ameaça de também agir de maneira violenta contra essa manifestação¹⁹⁴.

A revolta da população, tão comentada pelo jornal *O Unitário*, resultou da insatisfação dos comerciantes com o acontecimento da praia, aliada aos descontentamentos com a oligarquia de Nogueira Accioly, ao ponto dos comerciantes e comerciários apoiarem a causa dos catraieiros. Primeiro, porque mantinham relações diretas com os contratadores; segundo, pelo fato de alguns serem também contratadores de mão-de-obra portuária. A relação entre comerciantes, contratadores e trabalhadores era muito forte, fato que levou Adelino Marques, um comerciário, a estar presente ao Galpão da praia no momento da manifestação dos trabalhadores e, assim, foi vítima da repressão da polícia.

A população da cidade passou a contestar o poder de Pedro Borges e seus opositores produziram artigos para o jornal *O Unitário*, objetivando alimentar o sentimento de revolta nas camadas mais pobres da cidade, tal como fez João Brígido no artigo *Para que teimar*:

O Sr. Pedro Borges está juridicamente deposto. Desde o dia ter o povo lhe piso a toga na praça publica, como elle havia pisado as leis até da humanidade, e lhe retirou o seo apoio, deixando entregue as suas ensanguentadas baionetas, entre quatro paredes da habitação, que lhe pagava.

Para que teimar?

Pois é cego o Sr. Pedro Borges, para não ver que já lhe falha a própria mente, para discernir?

O universo o tem abandonado. Todos lhe derão as costas¹⁹⁵.

Nesse artigo, Brígido questiona o poder do Presidente do Estado e o apresenta como desgastado politicamente com a população, que não legitimava mais seu Governo, reafirmando a necessidade do envio de força Federal, exigência da Associação Comercial de Fortaleza, a qual havia elaborado um documento pedindo providências a serem tomadas, conforme já foi citado.

A morte dos manifestantes e observadores levou a população de Fortaleza a questionar o Presidente do Estado pela atitude rude dos policiais, reivindicando justiça

¹⁹³ FIRMEZA. op. cit. p. 285.

¹⁹⁴ UNITÁRIO, Fortaleza. **O Inquérito**, 12 de janeiro de 1904, nº 83. p. 1.

¹⁹⁵ UNITÁRIO, Fortaleza. **Para que teimar**, 05 de janeiro de 1904, nº 80. p. 1.

para com os mortos e feridos e o amparo das famílias que perderam seus entes queridos, cuja aflição foi agravada pela dor causada pela precariedade material.

No texto publicado em *O Unitário*, o jornalista Gil Vidal, do *Correio do Maranhão*, denunciou o Presidente do Estado do Ceará ao Governo Federal diante da não punição dos culpados pelo morticínio da praia. Culpou, pela proporção desastrosa do processo de alistamento no porto de Fortaleza, as atitudes do capitão Lopes da Cruz e do Presidente do Estado, ressaltando o luto e a revolta da população, citando jornalistas, estudantes, comerciantes e populares¹⁹⁶.

Nesse contexto de perda e invalidez cresceram os casos em que as famílias das vítimas, em estado de extrema pobreza, e que não tiveram a assistência do Presidente do Estado, passaram a contar com a caridade da população, principalmente, dos políticos dissidentes.

Ao final da greve, os pescadores, também sorteados, foram perseguidos pela polícia e passaram a evitar o trabalho com receio de serem presos, como ressalta o trecho abaixo retirado do jornal *O Unitário*:

Os infelizes pescadores, já tão anciosos para voltarem ao seu serviço esperando a vinda do batalham, recalçarão de novo e se põem em fuga, para evitar que novamente sejam espingardeados. As famílias de todos elles estão comendo das esmolas, que a generosidade dos cearenses, tem feito distribuir¹⁹⁷.

O texto citado está marcado pelo discurso político, cujo objetivo era comover a opinião pública que já estava sensibilizada com o acontecimento da praia e com a impunidade dos culpados. Esse discurso político, meses depois, foi utilizado para promover e engrandecer candidaturas como a de Osório de Paiva para a Vice-presidência do Estado¹⁹⁸.

A repressão à greve dos catraieiros deixou uma marca entre as diversas camadas da sociedade cearense, não somente nos dias que se seguiram, mas, principalmente, como tendo sido um marco das injustiças promovidas pela oligarquia acciolina no Ceará. Assim, Rodolfo Teófilo analisa o fato no livro *A Libertação do Ceará*:

¹⁹⁶ UNITÁRIO, Fortaleza. **O Presidente do Estado**, 28 de janeiro de 1904, nº 90, p. 1.

¹⁹⁷ UNITÁRIO, Fortaleza. **Adeos adeos**, 09 de janeiro de 1904, nº 82, p. 1.

¹⁹⁸ UNITÁRIO, Fortaleza. **Coronel Osório de Paiva**, 02 de abril de 1904, nº 118, p. 1.

Encontrei a cidade morta. Raros eram os transeuntes. Para escarnecer das vítimas da força pública, um piquete da cavallaria, armado de mosquetões, percorria em desfilada as ruas da cidade em todos os sentidos.

Regressei a fazenda envergonhado de pertencer a esta geração de poltrões. Perguntava a mim mesmo onde estavam os descendentes dos patriotas do 17 e 24?

Assim interroguei e mal sabia eu que poucos annos depois eu seria testemunha nesta mesma cidade de Fortaleza, do feito mais heróico de um povo, conquistando a sua liberdade com tamanha bravura a magnimidade que chegou a escrever a pagina mais bonita da política do Brazil¹⁹⁹.

As palavras de Rodolfo Teófilo se assemelham às dos opositoristas dessa época, pois para eles a greve e a morte dos trabalhadores no Porto de Fortaleza deixaram marcas profundas na história e na política do período, ao passo que a população (grupos políticos opositores, camadas mais baixas e comerciantes) reagiu aos desmandos da oligarquia acciolina, apesar da permanência na elite do poder, só sendo deposto do governo do Estado em 24 de janeiro de 1912.

Hermenegildo Firmeza também seguiu nessa linha e escreveu vários artigos para o jornal *O Unitário* e textos no livro *Crônicas escolhidas*²⁰⁰, nos quais fala da importância do 03 de janeiro como objeto político dos grupos dissidentes à oligarquia acciolina, como sendo o ponto inicial das disputas que se desenrolaram durante oito anos até o desfecho, em janeiro de 1912. Os dias seguintes ao 03 de janeiro, foram marcados pela indignação de parte da população²⁰¹, aliando o acontecimento ao descontentamento com a política estadual do período.

No Jornal *O Unitário* do dia 04 de janeiro, Hermenegildo Firmeza afirmou, no artigo intitulado *3 de janeiro*, que Pedro Borges já não era moralmente o Presidente do Estado, pois não contava com o apoio do povo. Relatava que o comércio ficou fechado durante três dias, a força policial estava nas ruas e a dor do povo que enterrava as vítimas no cemitério, reunindo até 2000 pessoas, que clamavam por justiça²⁰².

Nesse período, apesar de Fortaleza contar com cerca de 50 mil habitantes²⁰³, cerca de 2000 pessoas participaram das cerimônias e dos sepultamentos, o que representava mais ou menos em, 4% da população da cidade. O que podemos

¹⁹⁹ TEÓFILO, op. cit. p.p. 16-17.

²⁰⁰ FIRMEZA, Hermenegildo. **Crônicas Escolhidas**. Instituto do Ceará, 1965. pp. 284- 285.

²⁰¹ Ver o Jornal Unitário do mês de janeiro e fevereiro de 1904. Várias edições divulgaram notas de repúdio ao 03 de janeiro, enviados pelas moças da sociedade fortalezense, dos comerciantes, dos grupos políticos dissidentes e até mesmo de membros da Marinha Mercante.

²⁰² UNITÁRIO, Fortaleza. **3 de janeiro**, 04 de janeiro de 1904, nº 80. p. 1.

²⁰³ ESPINOLA. op. cit. p. 49.

considerar um número relevante de pessoas devido ao destaque dado ao acontecimento do dia 03 de janeiro. Porém, os números divulgados devem ser questionados, pois essa quantidade de pessoas pode ter sido divulgada pelos oposicionistas. Poderia ter o objetivo de dar maior notoriedade ao fato, visto que segundo os mesmos, estaria nesses acontecimentos grande parcela da população da cidade que estava sensibilizada com as conseqüências da ação repressiva da polícia.

Apesar de não ter sido Presidente do Estado durante o primeiro semestre de 1904, as acusações sobre o episódio da praia também recaíram sobre Nogueira Accioly, sendo responsabilizado como o mandante do crime. Essa versão foi divulgada pelos oposicionistas de maneira a dar cunho político partidário às manifestações que se seguiram em Fortaleza, tal como pode ser notado no trecho do agressivo artigo com termos exaltados, escrito por F. da Penha, jornalista e membro do grupo que fazia oposição à oligarquia: “Justiça, povo espingardeado! Civismo, commercio de patriotas! Solidariedade, estudantes de coração!”²⁰⁴. A oposição se associava aos meios de comunicação e clamava a população a se rebelar, enfatizando o acontecimento da praia.

Assim, F. da Penha estabeleceu relação entre as leis da Física e a situação do povo após o dia 03 de janeiro:

Ainda que o paralitem as circunstancias do tempo e do logar um povo é sempre força, correspondente, nos domínios da sociologia, á que se chama de inercia nos da mecânica. Debella, com o seo protesto, inumeras opressões, encurta, com a sua calma, a velocidade de muitas correrias²⁰⁵.

Dessa feita, Penha deixa clara a posição política dos grupos opositores em alimentar as insatisfações do povo, tomando como ponto fundamental de argumentação a opressão aos manifestantes do Porto.

Nos dias que seguiram ao 03 de janeiro, foram realizados pedidos de *habeas-corpus*²⁰⁶ para isentar os catraieiros e pescadores do processo de sorteio para a Armada da Marinha. No jornal *O Unitário*, de 07 de janeiro, foi divulgada uma lista dos sorteados que estavam sendo acusados de deserção, de acordo com os termos da

²⁰⁴ UNITÁRIO, Fortaleza. **Justiça povo espingardeado**, 12 de janeiro de 1904, nº 83. p.1.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ UNITÁRIO, Fortaleza. **Habeas-Corpus**, 07 de janeiro de 1904, nº 81. p. 4.

Instrução do Ministro da Marinha, segundo o Decreto de nº 4901, de 22 de julho de 1903:

Antonio Baptista de Oliveira, casado com dois filhos, duas irmãs e um sobrinho e mãe a quem serve de arrimo;
Antonio Manuel de Oliveira, casado, com cinco filhos e três netos que vivem em sua companhia;
João Antonio dos Santos, casado, com quatro filhos menores, sogra e dois sobrinhos, a quem serve de arrimo;
João Ferreira de Lima, casado, com dois filhos menores;
José Baptista do Nascimento, solteiro, tem pae velho e uma irman menor, a quem serve de arrimo;
José Hygino do Nascimento, solteiro, tem mãe viúva, irman moça e uma sobrinha, a quem serve de arrimo;
João José dos Santos, solteiro, tem mãe velha e sete irmãos menores que vivem em sua companhia;
João Martins do nascimento, casado, com cinco filhos menores...
João Francisco da Cruz, casado, tem mãe velha e um irmão menor, que vivem em sua companhia;
Mariano Bernardino de Paula, casado, com quatro filhos menores, uma irman viúva com dois filhos a quem serve de arrimo;
Manoel José dos Santos, casados tem mãe no Aracaty, a quem serve de arrimo;
Manuel Joaquim de Souza, casado, tem uma filha, sogra viúva, cunhada viúva, que vivem em sua companhia.
Raymundo Pereira d'Avila, solteiro, tem uma irman viúva, dois filhos menores, a quem serve de arrimo;
Raymundo Marçal, solteiro;
Vicente Ferreira da Silva Segundo, casado, com cinco filhos menores, duas moças de criação, sogra e uma moça, a quem serve de arrimo²⁰⁷.

A lista, ao citar os familiares, segue a lógica da argumentação da necessidade desses homens para a manutenção das suas famílias como ponto fundamental para os pedidos de *habeas-corpus*. No dia 12 do mesmo mês, foi divulgada uma lista com os nomes dos trabalhadores que receberam o direito de não serem perseguidos por deserção, constando os nomes de José Hygino do Nascimento, Manoel José dos Santos, Pedro Rodrigues da Silva (não estava presente na lista do dia 07 de janeiro), Mariano Bernardino de Paula, João Ferreira Lima²⁰⁸. Os critérios utilizados pelo juiz não foram declarados nos jornais, porém este pediu a presença dos demais sorteados para ficar a par da ação ilegal da perseguição empreendida pelo Capitão do Porto.

Na mesma edição, no dia 07 de janeiro, o jornal divulgou os critérios que davam fundamentação aos pedidos de *hábeas-corpus*:

²⁰⁷UNITÁRIO, Fortaleza. **Habeas-Corpus**, 07 de janeiro de 1904, nº 81. p. 2.

²⁰⁸UNITÁRIO, Fortaleza. **Habeas-Corpus**, 12 de janeiro de 1904, nº 83. p. 1.

1º que as instruções já referidas, não podem ter efeito de obrigar os cidadãos sorteados às penas comminadas, desde que são manifestamente catraias ao art. 87§4º da Constituição da República, que assim expressa: << o Exército e a Armada com-porseão pelo voluntariado, sem premeio e em falta deste pelo sorteio previamente organizado. Concorrem para o pessoal da armada da Escola Naval, a de Aprendizes marinheiros e a marinha mercante mediante sorteio>>²⁰⁹.

Com os transtornos gerados pela greve, a Empresa Comercial Boris Frères, buscou o apoio de João Brígido, pois já possuíam estreitas relações de trabalho, além de ser conhecedor das reivindicações dos trabalhadores o qual, desde os prelúdios da greve, mantinha uma relação de proximidade com os trabalhadores de modo que era indispensável para intermediar as negociações.

Este foi um fator fundamental para compreender as motivações dos opositoristas que, aliados ao contexto das disputas políticas, foram os pilares de sustentação para participação destes na luta dos trabalhadores catraieiros.

Uma outra consequência imediata ao 03 de janeiro foi o apoio dado pelas colônias de cearenses do Norte do Brasil, principalmente de Manaus e Belém, as quais tiveram conhecimento dos acontecimentos em Fortaleza devido às estreitas relações existentes entre os advogados envolvidos com a causa dos catraieiros e que tinham interesses políticos no Estado do Ceará. Dessa maneira, a colônia cearense no Norte, se empenhou no envio de ajuda material e moral às vítimas da praia. Esse apoio material ocorreu através de doações em dinheiro para as vítimas e as famílias dos mortos. Essas contribuições foram chamadas de esmolas nos artigos do jornal de João Brígido, o qual explicava, claramente, as intenções paliativas para a situação de pobreza, visto que possuíam o interesse maior de obter a sensibilização da população e conseguir o apoio necessário para fazer frente à oligarquia acciolina nas urnas²¹⁰.

Como apoio moral às vítimas e às suas famílias, homenageando as vítimas do dia 03, foram organizadas missas solenes nas cidades de Manaus e Belém. Em Fortaleza, foram divulgadas notas no *O Unitário*, durante o mês de fevereiro, sobre a grande procissão que teve como ponto de partida a frente da Associação Fênix

²⁰⁹ UNITÁRIO, Fortaleza . **Habeas-Corpus**, 07 de janeiro de 1904, nº 81. p. 1.

²¹⁰ Os valores das doações podem ser observados nas edições do jornal Unitário, principalmente do mês de fevereiro de 1904.

Caixeiral²¹¹, com destino ao cemitério, formada pelos dissidentes, operários, comissão do Comércio, da Fênix Caixeiral e estudantes. O texto *Romaria sagrada*, descreveu a tarde do domingo, dia 06 do mesmo mês:

... As 4/2 horas da tarde, sahia do salão térreo o primeiro andor encimando talvez a mais delicada e artística coroa – Homenagem das moças cearenses em Manáos aos martyres do dia 3 de janeiro.

Conduziam-no quatro elegantes signoritas patricias, levando em seus ombros todo o peso da dor sentida pela mulher cearense expatriada.

Ladeavam aquella significativa homenagem muitas outras donzelas cearenses vestidas do mesmo medo.

Em segundo lugar no préstito ia o andor da <<Phenix Caixeiral>> representando uma columna auri-verde sobre a qual pousava uma grande águia dourada symbolisando o vôo da mocidade, no topo o estandarte em crepe sobre o qual descançava a coroa de flores roxas anviadas pelos phenistas cearenses actualmente em Manáos: homenagem ás victimas do massacre do dia 3 de janeiro.

Este andor era conduzido pela directoria da Pheniz Caixeiral: Entre este andor e o da classe operária formava uma numerosa commissão de estudantes cearenses conduzindo o estandarte em crepe...²¹².

Esse texto ressalta a ação estratégica de sensibilização da população com a romaria, conclamando o povo, que estava sofrendo com as mortes e os feridos da manhã de 03 de janeiro, a acordar para a necessidade de modificar realidade vigente de pobreza e opressão, sempre buscando como ponto de fundamentação para esse discurso o episódio da praia. Assim, os meses seguintes ao 03 de janeiro foram marcados por mudanças na dinâmica da cidade de Fortaleza, visto que ocorreram manifestações, enterros, missas, homenagens às vítimas da praia, que segundo o jornal oposicionista, contaram com a participação da população. Foram momentos que fugiram à rotina de Fortaleza e marcaram transformações nas disputas políticas partidárias do Estado do Ceará.

Nos vários números do jornal *O Unitário* percebemos como foi sendo desenhado o episódio da praia pelos oposicionistas, posto que os artigos foram escritos de maneira sedutora com o intuito de chamar as pessoas a abraçar a causa que, não era somente dos catraieiros, mas da população que necessitava quebrar as amarras do poder da oligarquia de Nogueira Accioly:

²¹¹ A Sociedade Phenix Caixeiral, nasceu da necessidade dos caixeiros do comércio se agruparem em órgão representativo do interesses de um grupo econômico em meados do século XIX.

²¹² UNITÁRIO, Fortaleza. **Romário Sagrada**, 08 de março de 1904, nº 107. p. 1.

O Ceará se levanta e principia a querer, mas continua rolando, sob o impulso communicado pelo tacão das botas do egregio republicano saqueada, a odienta prepoderancia uma só família.

...Assim também, de par com o esbanjamento, que vae anemisando os contribuites; ao lado do nepotismo, aviltamento dos tribunais, e que verifica todo o funcionalismo; parallelamente com as espingardas, que immobilisaram para todo o sempre honestos operarios, e multilaram, por toda a vida, moços futurosos, elabrando vae sendo ás ocultas, em silencio, inacessível a quaesquer medidas e avaliações, o futuro regenerador do Ceará oprimido, a história republicana e moralisada de porvindouras, administrações²¹³.

Em suma, a greve dos catraieiros trouxe conseqüências preponderantes, dentre estas a utilização da repressão aos trabalhadores, como objeto de uma disputa política entre a oligarquia acciolina e os oposicionistas, estando entre essas disputas os interesses dos trabalhadores catraieiros e dos contratadores.

3. A greve dos catraieiros como discurso político dos jornais oposicionistas.

Por trás da paz rotineira da ingênua felicidade, começou a articular-se em Fortaleza um movimento contra o Governo. A oposição, constituída de pessoas esclarecidas, revoltadas com o mandonismo, com os abusos administrativos, com a reprovável conduta oligárquica, com o nepotismo, a estagnação cultural, com os meios fraudulentos na escolha dos dirigentes, a oposição, que também contava com velhos políticos alijados do poder e dele saudosos resolveu sair da sombra, do silencio, ganhou os jornais, imprimiu livros e inundou as ruas de boletins panfletários²¹⁴.

A partir dos últimos dias do mês de dezembro de 1903, o *Unitário* concedeu espaço nas suas edições para apoiar a causa dos catraieiros. Este apoio foi estendido ao ano de 1904, após a manhã do morticínio da praia e se intensificou com a elaboração do discurso político com o objetivo de enfraquecer a oligarquia acciolina, através da denúncia à repressão empreendida não somente aos grevistas, mas conclamando a população cearense à revolta:

...O detalhe desse crime é mui longo para algumas linhas, que o tempo apenas nos permite traçar.

O presidente do Ceará, ainda cobrio com o seo manto os ficcionoras, declarando que tudo se tinha feito á sua conta e de ordem sua!²¹⁵

...Proteste, porem se municieone de rifles, e se abasteça de balas, nunca utilizadas n'uma agressão, mas consumidas sempre com a energia, nas emergências de uma detesa.

²¹³ UNITÁRIO, Fortaleza. **Perseverança povo escravizado!**, 14 de janeiro de 1904, nº 84. p. 1.

²¹⁴ SOMBRA, 1998. op. cit. p. 25.

²¹⁵ UNITÁRIO, Fortaleza. **A última Prova**, 04 de janeiro de 1904, nº 79. p. 1.

Proteste, lamente as mortes, cure os feridos, proteja a família das vítimas, se premuna porém convenientemente contra as surpresas do futuro²¹⁶.

Os dias anteriores e posteriores à manhã do dia 03 de janeiro ficaram marcados, principalmente nas páginas do *O Unitário* com a presença de duras críticas ao sistema de Alistamento e Sorteio e às ações intransigentes do Capitão do Porto de Fortaleza para com os homens do mar. A notoriedade concedida ao fato pelo jornal, culminou com o apoio dos advogados opositoristas, os quais intensificaram as lutas de contestação ao domínio de Nogueira Accioly no Ceará.

Foram escritos dezenas de artigos para a primeira página do referido jornal e, muitas vezes, o assunto da edição era todo voltado para o 03 de janeiro, dando visibilidade à revolta dos catraieiros devido ao sistema de Sorteio, buscando sensibilizar a opinião pública.

Assim, a repressão realizada aos trabalhadores catraieiros foi tomada como um importante objeto político, visto que teve papel preponderante na articulação do discurso e nas estratégias de retórica²¹⁷ elaboradas pela oposição para enfraquecer, a partir do apoio de diferentes camadas da população, a oligarquia vigente. Pierre Bourdieu, afirma que o jornalista é personagem importante na estratégia do discurso, no qual a realidade é ocultada pelas disputas simbólicas. Então, este “exerce uma forma de dominação (conjuntural não estrutural) sobre um espaço de jogo que ele construiu e no qual ele se acha colocado em situação de árbitro, impondo normas de objectividade e neutralidade.

A partir da análise desse autor podemos compreender as intenções da produção intelectual do grupo opositor, ao dirigir os discursos veiculados nos jornais, objetivando acrescentar àquela disputa o segmento da população menos favorecida materialmente. Bourdieu assim explica a retórica adotada nos discursos políticos:

As estratégias discursivas dos diferentes actores, e em especial os efeitos retóricos que têm em vista produzir uma fachada de objectividade, dependerão das relações de força simbólicas entre os campos e dos triunfos que a pertença a esses campos confere os diferentes participantes ou, por outras palavras, dependerão dos interesses específicos e dos triunfos diferenciais que, nesta situação particular de luta simbólica pelo verdadeiro “neutro”, lhes são garantidos pela sua posição nos sistemas de relações

²¹⁶ UNITÁRIO, Fortaleza . **Tragedias sem precedentes**, 04 de janeiro de 1904, n ° 79. p. 1.

²¹⁷ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora: Bertrand Brasil. Tradução: Fernando Tomaz., 1998. pp. 54-55.

invisíveis que se estabelecem entre os diferentes campos em que eles participam²¹⁸.

Essa estratégia é também identificada por Geraldo da Silva Nobre, para o qual João Brígido foi um dos personagens mais atuantes do grupo oposicionista, considerando-o um jornalista caracterizado pela combatividade e versatilidade na sua época, tendo fundado jornais no Interior e na Capital do Ceará²¹⁹.

Sua atuação na imprensa cearense foi de mais de meio século, principiando antes de 1855 pois, ao fundar “O Araripe”, primeiro jornal da cidade do Crato, correspondência de sua autoria havia sido publicada, com assiduidade, pelos jornais liberais de Fortaleza “Sete de setembro”, “juiz do Povo” e “cearense”. João Brígido, pôs em evidência uma extraordinária facilidade de redigir, devida sem duvida a uma formação humanística das mais completas e eficientes...²²⁰

Na seção Transcrição, o jornal *O Unitário* publicou um artigo divulgado no *Jornal do Brasil*, editado na cidade do Rio de Janeiro, o qual tratava da importância de João Brígido para o Ceará.

... organizou um partido forte composto de todos os elementos oposicionistas do estado, dos velhos partidos de que foram chefes os barões do Aquiraz e de Ibiapaba, o conselheiro Rodrigues Junior e o antigo partido abolicionista. Tem ao seu o commercio, as escolas, os operários e conta triumphar do partido de aparato, de que é chefe o Sr. Accioly²²¹.

Portanto, as batalhas jornalísticas do primeiro período republicano estavam entrelaçadas nas teias das disputas político-partidárias, as quais procuravam atrair adeptos para as suas causas, fossem elas políticas, partidárias, empresariais, etc. Nesse contexto João Brígido utilizou sua “pena ferina” para as batalhas que se davam através das palavras, para conquistar, corações e mentes, como bem descreve Maria Helena Capelato²²².

Em meio a essas mudanças, destacou-se nesse contexto o intenso apoio dado pela oposição às vítimas do dia 03, financiando e providenciando enterros, assistência médica aos feridos, custeando passagens para os perseguidos fugirem e angariando

²¹⁸ Idem, p. 56.

²¹⁹ NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução a História do Jornalismo cearense** – edição fac-similar; NUDOC/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará; Fortaleza, 2006. p. 93.

²²⁰ Idem.

²²¹ UNITÁRIO, Fortaleza. **Transcrição**, 03 de março de 1904, nº105. p. 4.

²²² CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa do Brasil**. São Paulo: Contexto/ Edusc. 2º edição: 1994. p. 3.

provisão de “pão e de tecto” às viúvas e orphãos abandonados à caridade publica²²³. Como exemplo de tais ações citamos o caso da viúva do manifestante Luiz Monteiro dos Santos, divulgado pelo *Unitário*, no dia 19 de janeiro de 1904: “Idelberg chama-se a viuva do infeliz! Cearense! Daí-lhe uma esmola, sempre que for a vossa porta com a filhinha nos braços chorando com fome”²²⁴.

Ao analisar a produção dos memorialistas percebemos que para alguns intelectuais e, também, para os oposicionistas, a visão sobre a participação do povo nas disputas políticas, era moldável de acordo com a situação. Às vezes, discursavam ressaltando a glória do povo cearense, mas, em outros momentos, também o consideravam ignorante e inerte²²⁵.

Em alguns textos publicados no jornal *O Unitário* pode-se verificar a visão dos oposicionistas diante do papel político dos trabalhadores, como no trecho que se segue, no qual afirmam que o povo era apático e sem atitude, mas que tinha condições de reagir diante da situação vigente: “No momento, uma centelha de raiva se comunica às multidões inertes, mesmo esmorecidas, verdadeiro lenho, que se aquece e torna-se uma chama, para mais logo ser a fogueira, que tudo faz arder, purificando”²²⁶.

O episódio da praia passou a representar para os opositores a imagem da política repressora da oligarquia acciolina, uma versão que, a partir do discurso de exaltação ao acontecimento da praia, foi adotado para buscar, a sensibilização da população. No quadro político, o acontecimento era “pintado” nos jornais oposicionistas, de um lado, apontando a oligarquia acciolina como responsável pelo massacre dos grevistas; do outro, os opositores, os quais davam apoio à população que sofria diante dos desmandos do oligarca Nogueira Accioly.

As atitudes de apoio à população, realizadas pelos membros do grupo oposicionista, foram destacadas nas páginas dos jornais. Como no caso do General Osório de Paiva, aclamado por João Brígido durante uma viagem à cidade de

²²³ UNITÁRIO, Fortaleza. **3 de janeiro**, 03 de janeiro de 1904, nº 80. p.1

²²⁴ UNITÁRIO, Fortaleza. **Mais uma vítima**, 19 de janeiro de 1904, nº 86. p. 1.

²²⁵ UNITÁRIO, Fortaleza. **Manifesto**, 30 de janeiro de 1904, nº 91. p. 1.

²²⁶. UNITÁRIO, Fortaleza. **O futuro**, 23 de janeiro de 1904, nº 88. p. 1.

Fortaleza, devido a sua atuação política ao divulgar os abusos do poder da oligarquia vigente e de buscar ajuda às vítimas do dia 03 de janeiro, no Norte do País²²⁷.

Como Brígido, Temístocles Machado, no artigo *Os salvadores do Ceará*, faz elogios aos candidatos oposicionistas nas eleições de 11 de abril de 1904 e os apresentam como indivíduos sensíveis às necessidades dos pobres, fazendo referência ao dia 3 e ao apoio dado às vítimas²²⁸.

Em suma, podemos compreender que foi elaborado um discurso para sensibilizar a população da cidade de Fortaleza, reivindicado a necessidade de retirar do poder a oligarquia de Antonio Pinto Nogueira Accioly.

O *Jornal do Ceará* fundado por Waldemiro Cavalcanti, engrossou as críticas ao Governo de Pedro Borges, o qual destacou, no conteúdo de seu artigo em janeiro de 1905, após um ano do acontecimento, a repressão aos catraieiros.

Um ano hoje que se deu a horrível matança no porto de Fortaleza!
Do sangue que se derramou naquella dia, resta em poucos a memória ainda viva, succedendo já o indiferentismo levantado naquella occasião.
Sobra uma legião a brandar vingança uma multidão a se mover por entre gritos que atordoavão os matadores, e tudo setenciava morte ao louco que prendira do palacio a carnificina.
A natureza se carregou sombria, como carpindo pesado sentimento, e a cólera popular atravessou três dias implorando o grito de revolta, que se esperava sahisse de qualquer labio²²⁹.

As críticas dos referidos jornais buscaram primeiramente conceber os manifestantes grevistas como heróis, diante da ação corajosa durante o processo de Alistamento e enfrentamento aos representantes armados do Governo. A exaltação da coragem dos catraieiros estendia-se à população que, segundo os jornais *Unitário* e *Jornal do Ceará*, em grande parcela apoiou os trabalhadores do Porto. Então, o discurso era dirigido como uma crítica a atuação repressiva da oligarquia vigente e à necessidade da população se unir para fazer frente a essa política.

Esses embates se desenrolaram desde os primeiros meses de 1904, como podemos constatar no jornal *Unitário*, no dia 27 de fevereiro de 1904, no qual M. Alencar, no artigo *Patriotismo Barato* conclama a população cearense a lutar contra o domínio dos Accioly no Estado:

²²⁷ UNITÁRIO, Fortaleza. **General Ozório de Paiva**, 05 de abril de 1904. n° 119. p. 1.

²²⁸ UNITÁRIO, Fortaleza. **Os salvadores do Ceará**, 22 de março de 1904, n° 114. p. 1.

²²⁹ JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza. **Saint Barthelemy**, 03 de janeiro de 1905. n° 220. p. 1.

... E a Pátria está a bordo de um abysmo; povo cearense, repelli os que querem governar pelo despotismo!

Cearenses de boa vontade, vós, que tendes nas lutas pelo altos interesses da pátria alcançado tantas victorias; vos, os primeiros libertadores da raça negra oprimida, onde também os primeiros a libertar-se desse captiveiro político que vos anniquilla; liberte essa outra raça escravizada por pseudos patriotas, que são os vossos cruéis perseguidores!²³⁰

Os artigos muitas vezes conclamavam a população a se unir para combater a oligarquia acciolina, mesmo que fosse através de luta armada. Essa luta que contava com o apoio e também liderança, de certa maneira, dos jornalistas²³¹ e advogados, membros do grupo oposicionista.

As relações sociais e políticas, estabelecidas entre os oposicionistas, contratadores e catraieiros, podem ser notadas através da análise do editorial de *O Unitário*, intitulado *José Gaytoso*:

No meio da sala o Sr. João Brígido lhe ouviu com paciência a impertinente rhetorica, pediu ao Sr. Boris, que presente estava, ministrasse para o desembarque alguns lanchões, e mandou mesmo chamar um mestre catraieiro para fazer serviço.

Este homem do mar effectivamente veio, e prometteo prestar-se ao serviço, mas circumstantes, o dessuadiram de affrontar o perigo retirando elle a sua promessa...²³²

Como nos jornais, podemos perceber nos documentos comerciais da Casa Boris, em meio às cartas comerciais, a relação entre João Brígido e os Irmãos Boris²³³. Isso somente reforça a idéia de que os catraieiros, de um certo modo, confiavam em João Brígido. Principalmente, se for levado em consideração que este dava apoio aos trabalhadores no caso do processo de Sorteio e Alistamento, porém, diante da situação de opressão e agressão por parte do Governo e da Polícia, por medo, os catraieiros não realizaram o serviço.

Como tentativa de melhor visualizar as relações estabelecidas entre João Brígido e os Irmãos Boris (contratadores), foram identificadas várias cartas enviadas a estes pelo advogado, entre os anos de 1903-1904 e, o principal teor das correspondências tinha relação aos pagamentos, fossem elas para empréstimo ou

²³⁰ UNITÁRIO, Fortaleza. **Patriotismo barato**, 27 de fevereiro de 1904, nº 103, p. 4.

²³¹ Os Escritores dos jornais da época não possuíam uma formação acadêmica jornalística, mesmo assim tinham uma prática de jornalistas.

²³² UNITÁRIO. **José Gaytos**, 04 de fevereiro de 1904, nº 93. p. 4.

²³³ Correspondência de João Brígido aos Boris. Ver Anexo IX, Correspondência de João Brígido endereçada a Casa Comercial Boris Freres - 25 de janeiro de 1904.

cobrança por dívida do próprio advogado, para pagar trabalhadores ou terceiros que possuíam pendências com os Boris²³⁴, como no caso do pagamento aos órfãos do falecido Sr. Manoel Francisco Pereira, trabalhador da Casa Comercial²³⁵.



João Brígido

Para Hermenegildo Firmeza, o dia 03 de janeiro de 1904 foi um marco para a política cearense, pois afirma ter sido o momento inicial das lutas políticas que durariam nove anos até a deposição de Nogueira Accioly²³⁶.

Em artigo para *O Unitário*, *A queda do Sr. Accioly*, Atila Amaral também relaciona o fatídico dia 3 e a força que se levantou em contestação à oligarquia acciolina.

... O Sr. Accioly desde o fatal 3 de janeiro, avisinha uma nuvem negra, que de dia para dia cae tomando proporções assombrosas para S. Exc.

... Esta nuvem é o dia 11 de abril, e data da libertação dos escravos brancos, e da queda do maior inimigo da infeliz Ceará...²³⁷.

Para a oposição, após libertar os escravos negros, era necessário liberar os escravos brancos ou, os trabalhadores livres, que eram explorados devido à política acciolina. Então, a primeira batalha direta entre a oligarquia acciolina e a oposição se

²³⁴ Correspondência Comercial da Casa Boris Frères. Ver Anexo XXI, Correspondência de João Brígido endereçada a casa Comercial Boris Frères - 1904.

²³⁵ Correspondência Comercial da Casa Boris Frères (1903-1904). Pagamento efetuado segundo registros no mínimo desde dezembro de 1903 e prolongado durante 1904.

²³⁶ FIRMEZA, 1962. op. cit. p. 122.

²³⁷ UNITÁRIO, Fortaleza. *A queda de Accioly*, 24 de março de 1904, nº 115. p. 4.

deu no pleito de 11 de abril desse mesmo ano, pois os opositores viam como sendo o momento de mudanças no poder, em consequência dos meses de embates nos jornais e o enfraquecimento político de Nogueira Accioly, diante da opinião pública. No entanto, essa crise não foi suficiente para tirar-lhe a vitória na eleição de 1904.

Como bem ressaltou Fernando Teixeira da Silva, diversos movimentos grevistas ocorridos durante a Primeira República, contaram com a intermediação de advogados, jornalistas, imprensa, delegados e comerciantes²³⁸.

Os jornalistas opositores foram determinantes para a articulação entre os catraieiros e os contratadores, posto que a greve era fundamental tanto para as reivindicações dos trabalhadores, como também para os contratadores, pois significava a manutenção da mão-de-obra portuária. E, por fim, os políticos opositores usaram o acontecimento para galgar os espaços no poder do Estado, além de estreitar as relações com destacados comerciantes, os quais foram posteriormente fundamentais para a deposição de Accioly.

4. “Metamorfose”: as mudanças ocorridas após o dia 03 de janeiro e as eleições de 11 de abril.

Temos fê de que a semente que atravessou as camadas de areia de nossa praia no dia 03 de janeiro, ensopada no sangue de nossos infelizes irmãos, há de produzir alguma coisa que se aproveite²³⁹.

Tratar sobre as mudanças ocorridas na política de Fortaleza, a partir das falas dos jornais, *O Unitário* e *Jornal do Ceará*, torna-se um desafio, visto que são fontes produzidas pelos opositores da oligarquia acciolina, com o objetivo de criticá-la, ou seja, foram pessoas que viram no episódio do dia 03 uma possibilidade de intensificar as disputas políticas pelo poder no Estado do Ceará.

Compreendemos que os ataques políticos ocorreram através da elaboração de um discurso baseado na idéia de que ocorreram mudanças na maneira de agir da população de Fortaleza, a partir da ação repressiva aos manifestantes da praia, os quais passaram a contestar as ações políticas da elite no poder.

²³⁸ SILVA, 2003. op. cit. p. 249.

²³⁹ JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza. (...) **O 11 de Abril**, 18 de abril de 1904, nº 16. p. 1.

O grupo oposicionista trabalhou exaustivamente na elaboração desse discurso, no qual Hermanegildo Firmeza teve papel de extrema relevância, pois fez referência constante, nas páginas de *O Unitário*, às mudanças causadas pelo dia 3 de Janeiro, como no artigo *Melhorando*, no qual afirma:

A população do Ceará traz também as costas voltadas para S. Ex. sem receiar mais as ameaças e violências que d'antes trasiam-na de joelhos, motivo porque S. Ex. parecia tão grande.

O 3 de janeiro teve a propriedade de fazer esta metamorphose.

(...) Agora, porém quasi nada resta d'aquelle medo que trasia gelada uma multidão, que bestificada assistia a divisão dos proventos de um Estado por ma família única.

(...) As vontades já se vão definindo, os sentimentos se manifestão e a coragem cívica vai alimentando e prodigioso.

Tudo isso milagre do 3 de janeiro...²⁴⁰.

Para Hermenegildo Firmeza as transformações políticas decorridas do dia 03 de janeiro foram de certa maneira bruscas e fundamentais para explorar de forma negativa a imagem da oligarquia accolina. Essas mudanças foram chamadas pelo mesmo de “metamorfose”, porque as atitudes da população ou a falta das mesmas diante de Nogueira Accioly foram diferentes, ganhando um tom mais ativo e agressivo.

O jornal *O Unitário*, ao se referir à população, referia-se a participação e o apoio da “Classe Estudantil, do Centro Artístico Cearense, da classe operária e dos Comerciantes” à causa dos adversários políticos dos Accioly. Para a oposição essas eram as principais vítimas da oligarquia, e que dessa feita, deveriam unir-se para combatê-la. Os ataques dos opositores seguiam uma seqüência estratégica²⁴¹ para atingir as bases do poder acciolino.

Assim Michel de Certeau explica a estratégia:

...Postula um lugar suscetível de ser escrito como algo próprio e de ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc).

²⁴⁰ UNITÁRIO, Fortaleza. *Melhorando*, 22 de março de 1904, nº 114. p. 1.

²⁴¹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano-Artes de fazer*. Petrópolis: 4ª edição, Editora: Vozes, 1999. pp. 99-100.

A estratégia está profundamente relacionada à disciplina e a racionalidade. São ações práticas que se elaboram em lugares teóricos “capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem”²⁴².

Primeiramente, os dias que sucederam ao episódio da praia foram de manifestações de repúdio a atitude do então Presidente do Estado, o Dr. Pedro Augusto Borges, que teve sua autoridade questionada pelos opositores, os quais chegaram a exigir a renúncia do cargo, pois não contava com o apoio dos seus eleitores, segundo o jornal *Unitário*:

O Sr. Pedro Borges, desde o dia 03, não preside mais a causa alguma. Não há que ver governos, onde todos os vínculos do respeito e da obediência se quebraram.

... O Sr. Pedro Borges, está juridicamente deposto. Desde o dia trez o povo lhe pisou a toga na praça pública, como elle havia pisado as leis até da humanidade, e lhe retirou o seo apoio, deixando-o entregue ás suas ensangüentadas baionetas, entre quatro parêdes da habitação, que lhe pagava²⁴³.

Essas críticas fizeram parte dos ataques iniciais ao poder de Nogueira Accioly e ganharam fôlego com a aproximação do pleito de 11 de abril, quando o oligarca voltaria a disputar o Governo do Estado.

Já correo muito sangue a 3 deste mez, sangue de irmãs, tendo como áras, no sacrificio, as bordas do mar, imagem do infinito; um holocausto cem muitas juras de serem redimidos os pecados, que lhe derão occasião.

... Cearenses de bôa vontade, desherdados da terra! A nós ou a quem for mais digno de representar o pensamento que é vosso de cerrar fileiras e combater.

As urnas! as urnas!²⁴⁴

Os opositoristas, sob a liderança de João Brígido, lançaram uma chapa para concorrer às eleições com os seguintes componentes:

Presidente- General Antonio Carlos da Silva Piragibe, militar, residente no Rio de Janeiro.

1º Vice-Presidente- Coronel Vicente Osório de Paiva, Militar, residente no Pará.

2º Vice-Presidente- Dr. Manuel Solon Rodrigues Pinheiro, advogado, residente em Manaus.

3º Vice Presidente- Dr. Raymundo de Farias Brito, advogado, residente em Belém do Pará.

Para Deputado –Hermenegildo Firmeza²⁴⁵.

²⁴² Idem, p. 102.

²⁴³ UNITÁRIO, Fortaleza. **Para que Teimar?**, 05 de janeiro de 1904, n.º 80. p. 1.

²⁴⁴ UNITÁRIO, Fortaleza. **Manifesto**, 02 de fevereiro de 1904. N.º 92. p. 1.

²⁴⁵ MOTA, 1987. p.p. 135-136.

Assim, a chapa da oposição contou com a presença dos líderes da colônia cearenses no Amazonas, no Pará e, no Rio de Janeiro, ativos políticos que retornaram ao cenário eleitoral cearense para o pleito de 1904. Os jornais que representavam os interesses dos opositores passaram a divulgar mais notícias a respeito dos integrantes desta chapa como estratégia para aproximá-los da população.

Após o lançamento das chapas para a eleição de 11 de abril de 1904, as disputas nas páginas dos jornais ganharam um tom mais partidário, buscando destacar o papel dos candidatos oposicionistas no apoio às vítimas da praia.

Os cearenses que tinham posses, residentes nos Estados do Norte, pois muitos saíram do Ceará perseguidos pelos desmandos de Nogueira Acioly, tentando novas possibilidades de trabalho em outros Estados, buscavam conquistar espaço político na sua terra natal.

Um exemplo desse jogo político foi a resposta de Farias Brito publicado no jornal *O Unitário*, respondendo ao informante do jornal *A Folha de Belém*, sobre a versão do 03 de janeiro que retirava a culpa da fatídica manhã da oligarquia aciolina.

Para dar, porém uma idéia dos factos, transcrevo aqui alguns trechos de uma carta que recebi do Ceará, também pelo Vapor Brasil de pessoa absolutamente insuspeita e de todo extranha á policia: <por mais exggerados que sejam os telegrammas transmitidos d'aqui, não dão a idéa da horrivel ruína d'aquelles dias cujas descrições foram feitas pelo Unitário e o Município, que em resumo foi o que vou narrar. Por causa de uma nova lei de sorteio de homens do mar, posta em pratica pelo capitão do porto, aquelles combinaram uma greve, e assim no dia 03 se negaram a trabalhar mesmo no transporte de passageiros do vapor procedente d'ahi que se encontrava fundeado no nosso porto²⁴⁶.

Também como estratégia política, João Brígido destacou o desembarque do “*Coronel Ozório de Paiva*” em Fortaleza, lembrando a ajuda concedida aos pobres do Ceará e às vítimas do dia 3 de janeiro. Nesse mesmo artigo, Brígido relatou a recepção, a despedida e a multidão que esperava o Coronel no galpão da praia:

Era quase 1 hora da tarde quando S. S. voltou ao embarcar. Cerca de 200 pessoas o acompanharam até a praia, promovendo-lhe as mais significativas demonstrações de profunda estima e reconhecimento. Ao chegar ao Porto, no logar do galpão, onde se deu o morticínio de 3 de janeiro, Godofredo Maciel dirigiu as ultimas palavras de despedida ao glorioso militar...²⁴⁷.

²⁴⁶ UNITÁRIO, Fortaleza. **Alfredo Teixeira Mendes**, 02 de fevereiro de 1904, Nº 92. p. 4.

²⁴⁷ UNITÁRIO, Fortaleza. **Coronel Ozório de Paiva**, 05 de abril de 1904, nº 119. p. 1.

Nessa estratégia de ataque e crítica ao partido situacionista, também foi exaltado nas páginas do Jornal *Unitário*, o Coronel Joaquim Pinheiro, cearense, importante proprietário do Alto do Acre, que não mediu esforços para beneficiar os “infelizes espingardeados” a 3 de janeiro²⁴⁸. As edições dos jornais ficaram marcadas pela idéia de que a oligarquia acciolina era a “página que deveria ser virada” na história do Estado, que sofria pelo nepotismo de Antonio Pinto Nogueira Accioly.

No dia 08 de Março de 1904, foram publicados vários artigos homenageando o aniversário e a importância política do próprio jornal *O Unitário*. No artigo “*Aniversário*”, Hemernegildo Firmeza lembra os grandes acontecimentos desse mesmo ano, destacando o dia 3 de janeiro, afirmando ser este um jornal “preocupado sempre em colocar-se ao lado dos fracos, dos humildes e dos desherdados da terra, ele continuará impávido nos seus princípios e coerente nas suas idéias, até que possa ter sorte talvez igual a do Quo Vadis do Amazonas”²⁴⁹.

O grupo opositor ligou sua imagem à idéia de que seria a única opção para tirar a população da condição de “explorada” e o meio para esse intento seria reagir, principalmente nas urnas, nas eleições de 11 de abril, alijando do poder o “oligarca do Ceará”.

No Jornal *O Unitário* foram publicados vários artigos da autoria de João Brígido, como “*A eleição Presidencial*”, com o objetivo de chamar atenção sobre as eleições que se avizinhavam, fazendo relação entre a oportunidade de mudar a situação do Estado: “Venha a eleição papel, venha a apuração a 3 de janeiro; que a presciência do povo não tergiversa”²⁵⁰.

No quinto número do *Jornal do Ceará*, publicado a 25 de março de 1904, o jornalista João da Costa Pinheiro escreveu um artigo intitulado “*Ao sr. Comendador Antonio Pinto Nogueira Accioly*”, com o objetivo de atacar o oligarca e aclamar a população a libertar-se de seu jugo.

Que horror! Santo Deus, chamar-se de estadista um homem, cujas as qualidades são as piores, as mais repugnantes possíveis para os cidadãos de caracter ainda não estragados pela tua politicagem damniha, perversa e maldita

²⁴⁸ UNITÁRIO, Fortaleza. **Coronel Joaquim Pinheiro**, 23 de fevereiro de 1904, nº 101, p. 4.

²⁴⁹ UNITÁRIO, Fortaleza. **Aniversário**, 08 de abril de 1904, nº 121.p. 1.

²⁵⁰ UNITÁRIO, Fortaleza. **A eleição presidencial**, 09 de março de 1904, nº 108. p. 1.

Felizmente a população inteira da minha terra, com exceção dos teus íntimos e famulos que se tomam a benção e dos que são orçados a acompanhar –te sabe que Deus como; para não perderem o pão, a população disse esta brandando contra o teu arrogante despotismo, não tardando porem, O Deus das alturas! O dia de libertação dos escravos brancos²⁵¹.

Em texto inflamado pelos acontecimentos, L. d'Oliveira, no artigo *Congregai-vos*, conclamou o povo a usar a sua maior arma, o voto: “Povo de minha terra- Avante!- Operários Congregai – vos!”²⁵².

À medida que se aproximava o dia das eleições, as disputas políticas foram ganhando tons violentos e os embates tornaram-se mais intensos nas páginas, não somente de *O Unitário* e do *Jornal do Ceará*, como também no jornal situacionista, *A República*, o qual tinha o objetivo de defender os interesses de Nogueira Accioly e atacar os adversários políticos.

A edição do jornal *A República* do dia 13 de junho de 1900 reforçou os elogios e a exaltação ao oligarca:

Caracter de nobreza irresistivelmente comunicativa, eminente brasileiro alli as mais puras virtudes da alma num tino administrativo verdadeiramente admirável e qualidade infinitamente preciosas do chefe político. N'este ultima caracter, ninguém lhe leva vantagem, presentemente, na opulente Republica amiga. É o diretor de agremiação mais prestimoso e applaudido de todo o Norte; é um symbulu nas novas instituições do poderoso pais destituído ao império constate da popularidade e confiança dos seus correligionários²⁵³.

Para Hermenegildo Firmeza, as eleições não eram bem vistas devido às manipulações ao afirmar que:

A data de onze de abril fez-me recordar os tempos em que nesse dia, de quatro em quatro anos, se realizava no Ceará as eleições para presidente do Estado. Não era um grande acontecimento uma eleição entre nós. Na capital ainda se reuniam as mesas eleitorais e votavam os cidadãos que eram eleitores; no interior, porem o trabalho consistia apenas na fabricação das atas. Era o conhecido sistema das eleições a “bico de Pena” ... Era inútil pleitear contra os governos, por isso que, com o sistema adotado nas eleições, os seus contingentes eleitorais eram recrutados até em cemitérios.²⁵⁴.

²⁵¹ JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza. **Ao Sr. Comendador Antonio Pinto Nogueira Accioly**, 25 de março de 1904, nº 5. p. 1.

²⁵² UNITÁRIO, Fortaleza. **Congregai-vos**, 22 de março de 1904, nº 114. p. 4.

²⁵³ A REPÚBLICA, Fortaleza. **Dr. Nogueira Accioly**, 13 de junho de 1900, nº 135, p. 1.

²⁵⁴ FIRMEZA, 1962. op cit. p. 252.

Para tentar diminuir a força de coação da oligarquia acciolina a oposição via com bons olhos o fato das eleições de 1904 serem realizadas nas igrejas, visto que o objetivo era evitar conflitos armados ou agressões entre os adversários e amenizar o medo dos eleitores diante da pressão governista. Mesmo assim, no dia seguinte à votação, *O Unitário* publicou o artigo *A pata de cavalos* para denunciar a ação agressiva da polícia aos votantes:

Hontem, quando a cidade permanecia na maior quietude os ânimos da opposição completamente calmos, reunidas em collegios separados para evitar conflitos, o governo aparentava phantasmas distribuía soldados de pollicia pelas rua a agredirem os adversários, ora fardados, ora à paisana, gravata ao pescoço, lenço de seda no bolso, voltando das seções elitorais onde acabavam de votar.

A scena, porem mais degradante foi a agressão brutal feita ao escritor d'essas linhas juntamente com um seu irmão e respeitável Sr. Coronel João Brígido²⁵⁵.

Como bem podemos verificar, as disputas que tiveram início através dos jornais, chegaram às agressões físicas e, depois de decorridas as eleições de 11 de abril, apesar da luta dos opositores e do apoio da “população”, a estratégia adotada, não conseguiu desmontar os mecanismos da corrupção por parte do Governo, pois Nogueira Accioly foi eleito para o quadriênio de 1904-1908.

No entanto, a semente de luta política plantada no dia 03 de janeiro de 1904, germinaria, para dar frutos futuros, principalmente devido ao fortalecimento do grupo oposicionista sob a liderança notável de João Brígido e o lento enfraquecimento da oligarquia acciolina, porém com todas as denúncias à oligarquia de Nogueira Accioly permaneceu no poder até 1912, quando foi deposta pela força das armas.

²⁵⁵ UNITÁRIO, Fortaleza. **A pata de Cavalos**, 12 de abril de 1904, nº 123. p. 1.

CONCLUSÃO

... Para fazer a boa história, para ensiná-la, para fazê-la ser amada, não esquecer que, ao lado de suas “necessárias austeridades”, a história “tem seus gozos estéticos próprios”. Do mesmo modo, ao lado do necessário rigor ligado a erudição e à investigação dos mecanismos históricos, existe a “volúpia de aprender coisas singulares”; daí esse conselho, que parece também muito bem vindo ainda hoje”: Evitemos retirar de nossa ciência sua parte de poesia.”

Jacques Le Goff

A greve dos catraieiros, entre os anos de 1903-1904, teve papel relevante na história do movimento operário do Ceará, visto que foi uma das primeiras ocorridas no período da Primeira República, num contexto em que fazer greve era ilegal, devido à ausência de leis que protegessem o trabalhador e, também, pelo fato das mobilizações serem reprimidas com a força policial. Outro fator importante para o destaque da greve é que ela envolveu uma categoria de trabalhadores fundamentais para a dinâmica econômica da cidade de Fortaleza naquela época.

Diante da dificuldade documental, os registros comerciais da Casa Comercial Boris Frères, os jornais *Unitário* e *Jornal do Ceará*, aliados as descrições presentes na literatura do período tornaram-se possível compreender o cotidiano desses trabalhadores e suas experiências de vida.

Dessa maneira, nos trechos dos romances analisados identificamos as representações ou olhares diferenciados do mar, como ponto de encontro para os amigos, local propício aos namoros e local de trabalho no caso dos portuários. Através do discurso dos médicos e higienistas, a praia também passou a ser recomendada aos enfermos nos tratamentos e o banho de mar passou a representar limpeza, estando diretamente ligado à saúde. Esses diferentes usos do mar ocorreram após à superação das idéias que davam ao mar conotações maléficas, possibilitando o surgimento de uma idéia de contemplação da paisagem marítima que proporcionaria o equilíbrio do corpo e da mente.

Através da análise dos jornais da época e da documentação comercial foi possível compreender os fatores motivadores da mobilização dos catraieiros para a greve, a partir das relações de trabalho. Analisamos as relações existentes entre trabalhadores e empregadores, visualizando as ações dos catraieiros diante das adversidades cotidianas, por exemplo, diante das cobranças de rapidez e qualidade do transporte das mercadorias pelos contratadores, de modo que identificamos a tensão entre estes personagens.

Mas, para além das linhas que traçavam o Porto, compreendemos que a greve foi mais que uma ação dos trabalhadores catraieiros, ou uma reação aos abusos dos contratadores. Embora aceitassem as opressoras condições de trabalho, a greve foi motivada de forma imediata pela necessidade de fugirem ao processo de alistamento e

sorteio para a Armada, assim ultrapassando a tensa relação patrão empregado, pois com a Lei de Recrutamento, os trabalhadores se defrontaram com um problema imediato, problema este que não era mais somente do catraieiro, mas também dos contratadores, posto que estes perderiam mão-de-obra, visto que com o processo de alisamento dos catraieiros, os contratadores seriam afetados, visto perderem parte da mão-de-obra que, não poderia ser facilmente substituída e, assim, teriam seus lucros ameaçados.

Realizar uma análise conclusiva sobre o porquê da escolha de apenas alguns trabalhadores seria equivocado, porém, compreendemos que esses homens estavam amparados pela lei, que foi colocada em prática de maneira arbitrária, deixando brechas para ação dos advogados que, gradativamente, foram conseguindo *habeas-corpus*. E, acima de tudo, concedendo para os trabalhadores envolvidos no Sorteio, a oportunidade de voltar a trabalhar sem a perseguição do Capitão do Porto.

A partir desse interesse em comum, contratador e catraieiro se aproximaram com o objetivo de lutar contra a Lei Federal, encontrando fortes aliados para essa batalha os grupos políticos que faziam oposição à oligarquia de Nogueira Accioly, os quais adotaram aquele momento como estratégia favorável para realizar ataques políticos. Porém, mesmo com o apoio concedido aos grevistas, os opositores não demonstraram no conteúdo dos artigos dos jornais *O Unitário* e *Jornal do Ceará*, o interesse em reivindicar melhores condições materiais de trabalho ou denunciar a situação de pobreza em que viviam, mas somente destacar a arbitrariedade da lei, afirmando ser a oligarquia acciolina culpada pela forma com que o alistamento e sorteio foram colocados em prática na cidade de Fortaleza.

Para tanto, entendemos que o acontecimento da greve foi transformado em discurso político ao exaltar a ação dos trabalhadores e denunciar a repressão aos manifestantes da praia pela força policial, chamando a população a se rebelar contra os desmandos da oligarquia.

Assim, a estratégia do discurso oposicionista deu destaque à greve em vários números tanto do *O Unitário* como do *Jornal do Ceará*, buscando sensibilizar a população. Dessa feita, a estratégia já não era mais somente dos catraieiros, pois

passou a ser de extrema importância para fundamentar o discurso político e as ações daqueles que desejavam “quebrar as amarras” do poder de Nogueira Accioly.

O fato é que os discursos dos oposicionistas e da oligarquia eram repletos de nuances e disputas políticas presentes nas entrelinhas dos artigos dos jornais, onde os trabalhadores figuravam, como apenas mais um personagem dentro da trama.

O dia 03 de janeiro de 1904 foi determinante para as mudanças ocorridas no contexto político do Ceará, visto que, a partir desse acontecimento, os oposicionistas ganharam aliados, como a adesão de João Brígido, da Associação Comercial do Ceará, dentre outros, os quais engrossaram as fileiras da luta contra domínio acciolino. Luta esta, que obteve seus primeiros efeitos no pleito de 11 de abril de 1904, apesar da vitória de Antônio Pinto Nogueira Accioly para o quadriênio de 1904-1908. Devido à força política Nogueira Accioly permaneceu no poder, mas as sementes que foram lançadas pela oposição geminariam e cresceriam durante nove anos, até darem seus frutos em 24 de janeiro de 1912, momento em que foi deposto e os oposicionistas tomaram o poder do Estado do Ceará.

Compreendemos, que a derrota da oposição no pleito de 1904, foi momentânea, visto que, no decorrer do referido ano, foram lançadas as primeiras sementes ao solo - dentre elas a greve dos catraieiros e o fortalecimento da oposição.

Além das mudanças políticas, podemos compreender a greve como uma construção, através da análise da experiência humana, que contou com o apoio de pessoas e grupos com interesses diversos, entretanto entendemos que a mobilização nasceu a partir das necessidades materiais e simbólicas dos catraieiros.

ANEXOS

Anexo I



Jornal O Unitário, 04 de janeiro de 1904.

Anexo II

Jornal O unitário, 04 de fevereiro de 1904.

Anexo III

Anexo IV

Jornal O unitário, 12 de março de 1904.

Anexo V

Mensagem

APRESENTADA

ASSEMBLÉA LEGISLATIVA

DO

CEARÁ

EM 1.º DE JULHO DE 1904

Ceará 25 de janeiro de 1904
 S. Boris Freres
 Ceará
 Amigo Sr.
 Pagamos a favor de
 pagar ao Sr. João Brígido no contrato
 agrário e bitucas de terra e um
 mil e setecentos \$ 831,00 e grande
 escritura sobre para esse impor-
 tância em debitar
 De Sr. Amador
 Leonir Leonir Offensubira
 Recebemos Fort. em 25 de janeiro 1904
 João Brígido Sr. Amador Leonir
 Valdemiro Alvarado



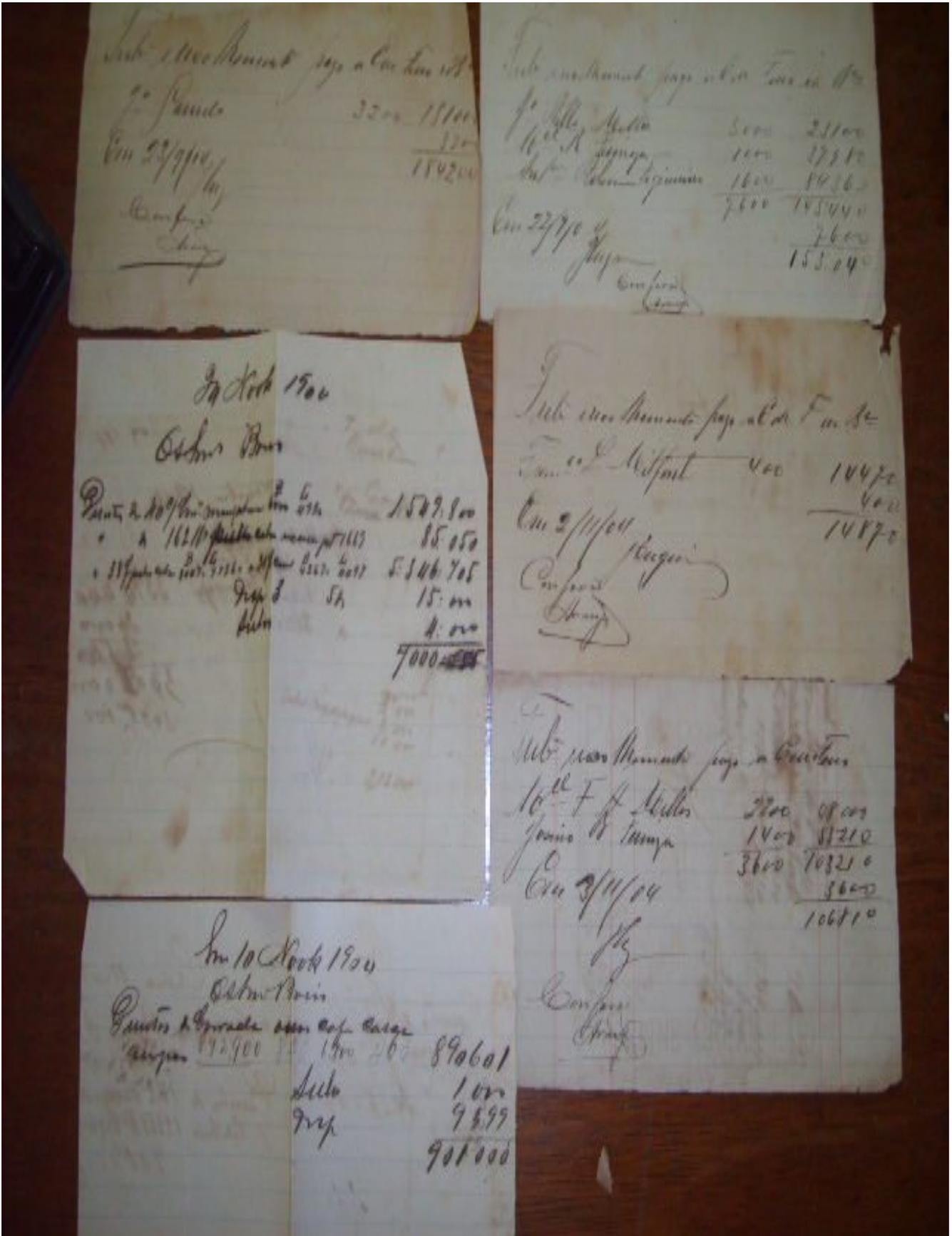
Correspondência de João Brígido endereçada a Casa Comercial Boris Freres- 25 de janeiro de 1904.

Anexo VII



Nota de pagamento de frete da Casa Comercial Boris Frères – 1904.

Anexo VIII



Nota de pagamento de frete da Casa Comercial Boris Frères – 1904

Anexo IX

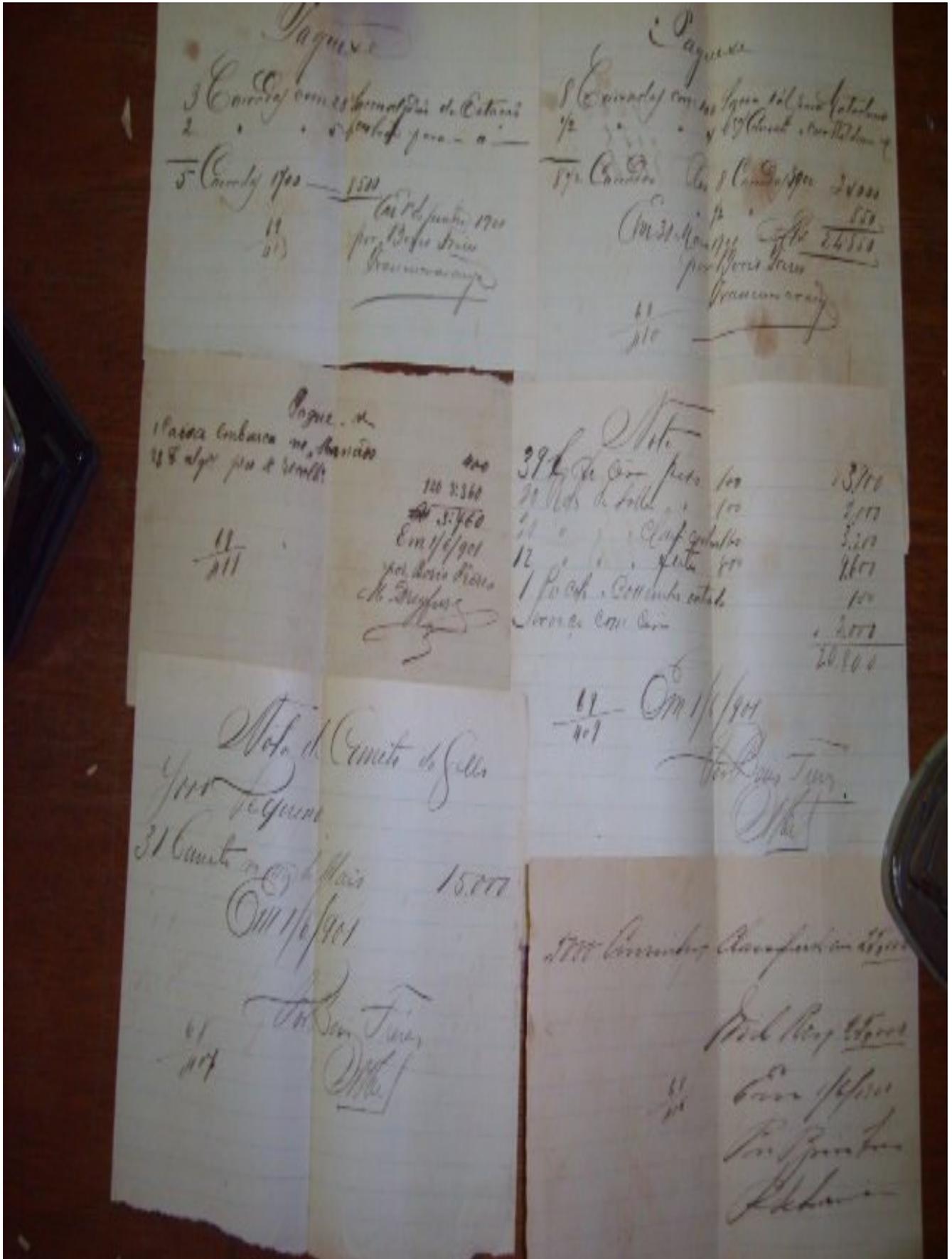


Nota de pagamento de frete da Casa Commerciale Boris Frères – 1904



Notas de pagamentos da Casa Comercial Boris Frères – 1904

Anexo XII



Notas de pagamento de frete da Casa Comercial Boris Frères – 1904

Anexo XIII

Pague-se
1 Dia de trabalho no encerrado \$ 3.000
Em 1/6/901
por Boris Frères
N. Dreyfus
68
1102

Nota de pagamento de trabalhador da Casa Comercial Boris Frères – 1904

Despesa com os trabalhadores
armazem de Curitiba

220	Comida e bebida	10.000
245	" " " " " "	10.000
440	" " " " " "	56.000
15	" " " " " "	1.000
2900	" " " " " "	26.000
1177	Comunicação Classificação	7.000
497	" " " " " "	7.000
792	" " " " " "	1.000
4	Região do Curvoco	12.000
		<u>140.000</u>

40
421

Mil Rees 3450000
 Duascentos 1000000
 Mil Rees 2394444

Curitiba
 em Curitiba
 Rocha

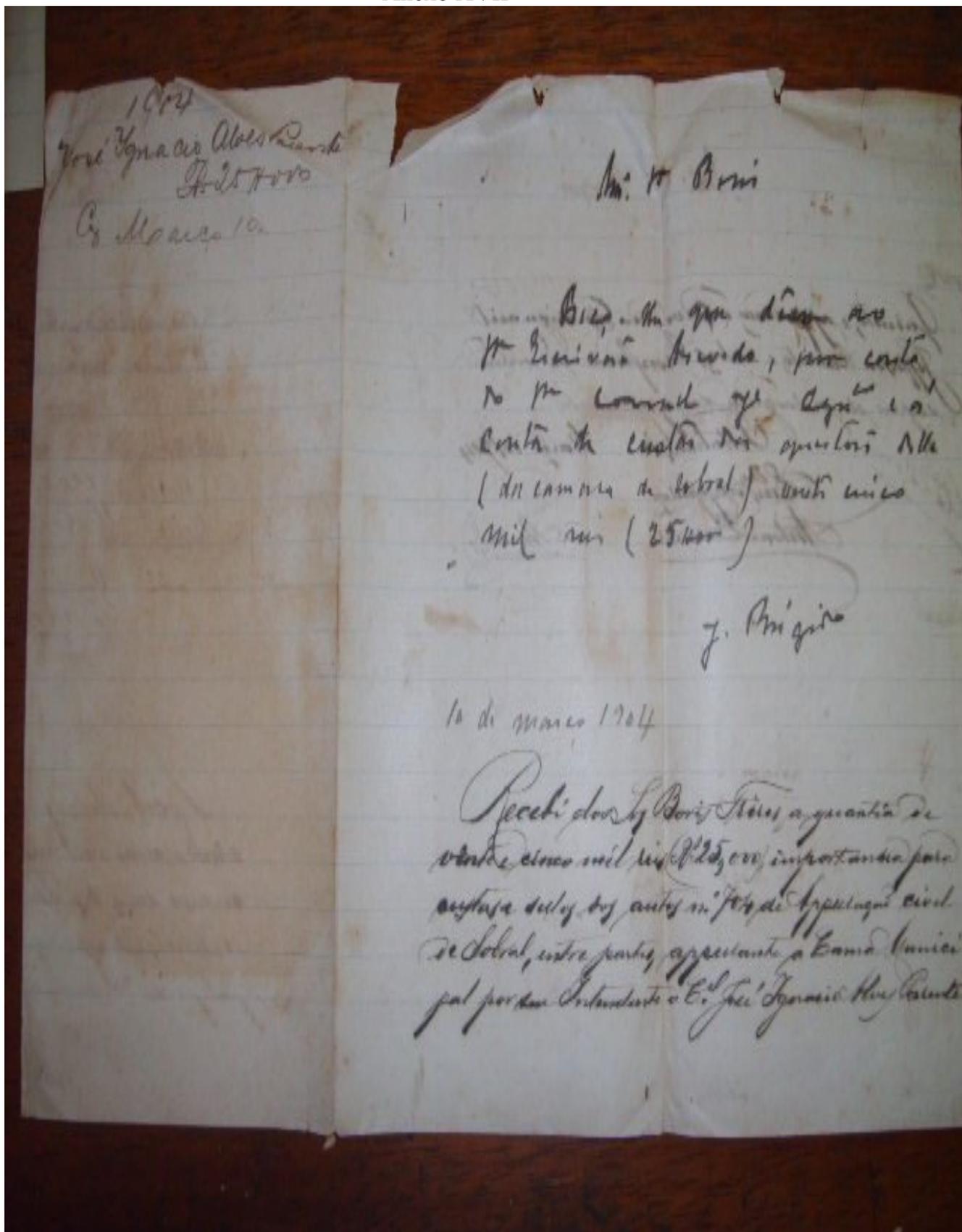
265
 931
 504
 28
 484

Nota de despesas de trabalhadores da Casa Comercial Boris Frères – 1904



Notas de despesas de trabalhadores da Casa Comercial Boris Frères – 1904

Anexo XVII



Correspondência de João Brígido endereçada a casa Comercial Boris Frères - 1904.